



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de encerramento da 1ª Conferência Nacional de Educação
Centro de Convenções Ulysses Guimarães - Brasília-DF, 1º de abril de
2010**

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Paulo Vannuchi, ministro-chefe da Secretaria dos Direitos Humanos,

Meu querido companheiro Eloi Araújo, ministro-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. É importante vocês saberem que ontem eu transformei todas as Secretarias em Ministérios: o da Mulher, o dos Direitos Humanos, o da Igualdade Racial.

Querida companheira Fátima Cleide, presidente da Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado,

Meu querido companheiro Francisco Chagas, coordenador-geral da comissão organizadora da Conferência Nacional,

Meu caro companheiro Augusto Chagas, presidente da União Nacional dos Estudantes,

Meu caro Yann Evanovick, presidente da Ubes – parece mais um jogador da Tchecoslováquia do que presidente da Ubes,

Meus queridos companheiros,

Companheiro Carlos Abicalil, nosso deputado federal, membro da Comissão de Educação e Cultura da Câmara,

Meu querido Valverde, que está aqui do lado, pressionado, aí,

Meu querido Zezéu Ribeiro,

Meus companheiros do Pará,

Companheiros professores,

Professores, alunos, funcionários,



Companheiros e companheiras,

Eu tenho... Hoje eu vou ler o meu discurso. Hoje eu vou ler porque eu estou sendo multado todo dia e daqui a pouco eu vou ter que trabalhar o resto da vida para pagar multa. Então, eu vou me conter aqui. Depois eu vou dar um improvizozinho rápido, para falar umas coisas para vocês.

O nosso querido companheiro educador Paulo Freire, afirmou... O que é que ele afirmou? “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e que “o ato de ler o mundo implica na relação que nós temos com esse mundo”. Relembro aqui as palavras do grande mestre, ditas há quase 30 anos em um congresso nacional em São Paulo, porque, em primeiro lugar, precisamos ler e entender as transformações ocorridas no Brasil nos últimos anos. Todos vocês têm desempenhado papel fundamental na construção de um país que precisa cada vez mais da Educação para consolidar o extraordinário processo de desenvolvimento por que passa o nosso país.

E a partir desse entendimento, e também da compreensão de que todos os brasileiros devem ter acesso à Educação de qualidade, é que realizamos esta Conferência Nacional de Educação. Pais, estudantes, gestores e profissionais da educação e representantes da sociedade civil que atuam no setor estão reunidos aqui desde domingo para discutir os rumos da Educação nacional em um espaço democrático da maior importância.

O debate que começou nesta semana tem uma história. Como vocês sabem, mas sempre é preciso destacar, ao longo do ano passado foram realizadas 1.421 conferências municipais, 470 intermunicipais e 27 estaduais. Portanto, participaram dessas conferências o equivalente a 401 mil pessoas, para chegar onde nós estamos agora.

É com imensa alegria que vejo todos os segmentos de todos os níveis comprometidos com o debate sobre a Educação, sobre a criação de um sistema nacional articulado de Educação e com o novo Plano Nacional de



Educação.

Desde o início do primeiro mandato, temos ampliado e aprofundado as formas de interlocução com a sociedade civil organizada. E temos feito isso por meio de conferências como esta e pelo fortalecimento de conselhos nacionais, de mesas de negociação e diálogo, de ouvidorias e de consultas e audiências públicas, entre outras formas.

Tanto é assim, que já realizamos 65 conferências nacionais sobre diversos temas. Esta Conferência é a 66ª, e temos pelo menos outras cinco previstas para este primeiro semestre, ainda.

E aqui, um dado importante. Não fomos nós que começamos as conferências. É importante observar que, desde 1941, o Brasil já realizou 106 conferências. O fato importante é que, em oito anos, nós fizemos sessenta... nós fizemos, em oito anos, mais conferências que todos os governos desses últimos 60 anos juntos, ou seja, em oito anos, nós fizemos 65. Criamos 18 conselhos, entre eles o da Transparência Pública e Combate à Corrupção e o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial. E reformulamos outros sete. Temos hoje em funcionamento, no Brasil, 61 conselhos Nacionais, com participação social.

Isso tudo porque, para nós, a democracia deve sempre ser ampliada e aprofundada, tornando-se cada vez mais participativa.

E aqui é importante lembrar que alguns dos nossos opositores acham que democracia é um pacto de silêncio. E para nós, a democracia é um ato de múltiplas manifestações da sociedade brasileira. Democracia inclui, necessariamente, a participação efetiva dos cidadãos e cidadãs nas decisões que transformam o cotidiano das sociedades.

Além da efetiva participação democrática, temos muito o que comemorar, em termos de realizações na área da Educação. Ouso dizer que pusemos em marcha uma verdadeira revolução na Educação brasileira. Vários são os números que comprovam o salto que demos na direção da



universalização, da equidade e da garantia da qualidade da educação. Quero chamar a atenção para dois pontos. Na verdade, para a aprovação de duas emendas constitucionais da maior relevância para a Educação brasileira. Uma delas é a Emenda nº 53 de 2006, que criou o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, o Fundeb. O Fundeb financia todas as etapas da educação básica e, ao mesmo tempo, impõe à União a responsabilidade da complementação naquelas regiões em que o financiamento por aluno é menor que a média nacional. Os recursos da contribuição social e do salário educação, antes destinados apenas ao ensino fundamental, passaram a financiar da creche ao ensino médio do nosso país.

O Fundeb recompôs o conceito de educação básica, superando a fragmentação anterior que limitava ações estruturais articuladas. No ano passado, o Fundeb beneficiou 45 milhões e 300 mil alunos em todo o país, e a complementação por parte do governo federal ultrapassou os R\$ 5 bilhões.

Outra grande conquista constitucional foi a aprovação, no ano passado, da Emenda nº 59. Ela pôs fim à Desvinculação de Receitas da União, a DRU, sobre os recursos federais destinados à Educação. Com o fim da DRU, o Ministério da Educação passará a contar com cerca de R\$ 9 bilhões a mais por ano para investir, principalmente no ensino obrigatório.

Mas é bom lembrar que todas essas ações para a qualificação da educação só crescem e frutificam se houver à frente delas aquele profissional bem preparado, que costuma ser lembrado apenas no dia 15 de outubro. O casamento entre educação de qualidade e valorização do professor tem que ser indissolúvel. O divórcio entre eles resulta no sucateamento das nossas escolas e universidades como, lamentavelmente, cansamos de ver no passado muito recente do nosso país.

Por esta razão, ampliamos os cursos de licenciatura na rede pública federal com o Reuni e os institutos federais. Criamos a Universidade Aberta do



Brasil, o Programa de Consolidação das Licenciaturas, a Bolsa de Iniciação à Docência. E instituímos um piso profissional para todos que, lamentavelmente, ainda alguns estados não concordam, e por isso é importante ter a mesa de negociação para a gente convencer. E eu me disponho, Fernando Haddad, a conversar com os governadores, se Vossa Excelência assim o desejar.

Sem dúvida, já avançamos muito na educação infantil, no ensino fundamental e médio, na educação profissional e tecnológica, na educação de jovens e adultos, no ensino superior e na pós-graduação, mas sabemos que ainda há muito a ser feito. Daí a enorme responsabilidade de cada um de vocês nesta Conferência, meus companheiros e companheiras.

Eu vou só introduzir uma coisa aqui, curta, para dizer para vocês o seguinte: primeiro, esta será a minha última conferência com os educadores e as educadoras deste país no meu mandato. Esta é a última. Portanto, eu queria aproveitar para agradecer e dizer para vocês que o nosso Ministro da Educação é uma dádiva de Deus na Educação, porque... Talvez tenhamos educadores muito mais preparados que o Fernando Haddad, para serem ministros. Mas uma coisa importante é que não basta o conhecimento acadêmico para ser um bom ministro da Educação. É preciso que, além do conhecimento acadêmico, essa pessoa tenha sensibilidade para conhecer a realidade deste país e para, sobretudo, ter sensibilidade para ouvir, porque Deus nos fez com duas orelhas e uma boca só. Portanto, a gente tem que ouvir mais do que falar, o que não é o meu caso, que falo demais.

Mas... Então, agradecer ao Fernando Haddad, porque eu acho que combinaram duas coisas importantes na gestão do Fernando Haddad. Um homem que não era um educador daqueles tradicionais, a cabeça muito aberta e muito arejada; um homem que não tinha a mania de saber tudo, porque não tem desgraça pior que você conversar com uma pessoa que pensa que já sabe tudo, não tem uma coisa pior. Ele, humildemente, humildemente ouve e, por ouvir, é que nós criamos o ProUni; por ouvir, é que nós criamos o Reuni ; por



ouvir, é que nós criamos o Fundeb; por ouvir é que nós fizemos essa pequena revolução que se iniciou na Educação brasileira. E isso se deve ao mérito e à compreensão deste companheiro, da equipe dele – porque um técnico não ganha jogo, é preciso que tenha bons jogadores do seu lado – e da torcida organizada, que são os educadores deste país que vão à luta, que brigam, que exigem, que fazem greve, que negociam, mas que, muitas vezes, não são valorizados. Porque, eu não me conformo é alguém achar que um piso de R\$ 1.020,00 é alto para uma professora que toma conta dos nossos filhos dentro da sala de aula.

Eu acho que nós estamos em um processo de construção de cidadania, porque não é possível a gente depositar a confiança da gente em um professor ou em uma professora para tomar conta dos nossos filhos, sabendo que essa professora, no final do mês, não vai levar para casa sequer o suficiente para cuidar da sua própria família.

Acabou o tempo em que as professoras poderiam ser apreciadas pelos nossos compositores que falavam “a linda normalista”, ou que falavam “a professorinha”. Hoje esse sonho acabou, porque as professoras e os professores, ao longo desses últimos 30 anos, tiveram a profissão judiada, sucateada e, muitas vezes, muitas vezes maltratada. Eu sei disso porque sou Presidente agora, mas participei de muita atividade com os professores neste país fora e eu sei o que é uma professora entrar dentro da sala de aula não apenas preocupada em ensinar, mas preocupada com a comida da criança, preocupada com o piolho da criança, preocupada com tantas outras coisas que a criança tem dentro de casa, e que somente uma professora é capaz de saber conversar com os alunos. Por isso, a remuneração faz parte da qualidade da Educação, não são separadas as duas coisas.

Outra coisa importante que eu queria dizer para vocês: Eu sei que nós temos muito para fazer. Mas muito me orgulha saber que... eu penso que, na história do Brasil, eu e o Zé Alencar somos os único casal de presidente e vice-



presidente que não tem diploma universitário. E, ao deixar o meu mandato, eu serei o presidente que mais fez universidades neste país, que mais fez escolas técnicas neste país e que mais investiu na Educação neste país.

Não falo isso, não falo isso com orgulho de quem fez. Falo isso com tristeza do que aqueles que antes de mim não fizeram, pedindo a Deus que aqueles que vierem “me coloquem no chinelo” e façam dez vezes mais do que eu fiz, para que a gente resolva o problema do atraso educacional do nosso país.

Foi por isso que quando nós descobrimos o pré-sal e mandamos a lei para regulamentar o novo marco do pré-sal, uma das condições básicas – exigência minha – foi criar um fundo. Esse fundo, para o povo brasileiro, terá como premissa básica a gente investir na Educação brasileira, investir em ciência e tecnologia, para que a gente possa, de uma vez por todas, determinar que este país será a quinta economia do mundo daqui a pouco, não apenas exportando minério de ferro e exportando suco de laranja ou exportando soja. Nós queremos exportar tudo isso, mas este país será muito mais rico quando a gente estiver exportando *chips*, exportando *software*, exportando inteligência e criatividade do povo brasileiro, na produção de serviços, eu diria, muito mais qualificados.

E, por último, meus companheiros e companheiras. Eu queria dizer para vocês que, ao terminar o meu mandato, vai quebrar a cara quem pensar que eu vou ser um ex-presidente, porque vocês vão me ver andando por este país, porque a minha luta não era apenas para a gente ganhar a Presidência. A Presidência era um degrau dessa luta. Nós precisamos construir muito mais coisas neste país, mas eu queria pedir um favor para vocês. Quando a gente está nadando... quando a gente entra na água e a gente começa a nadar, quando a gente começa a cansar, a gente, em vez de ir até o final, a gente tenta voltar – apavorado, muitas vezes – sem se dar conta de que a volta é mais difícil do que a ida. Nós estamos no meio do rio, e nós não temos o direito



de morrer afogado. Nós temos que seguir, porque nós chegamos até aqui por conta de vocês. Não pensem, não pensem que a gente chegou até aqui apenas por nossa vontade.

É porque a cobrança de vocês, as conferências de vocês, as greves de vocês, as conversas de vocês é que fizeram a gente entender que o governo bom não é aquele governo que governa dissociado do povo. O governo bom é aquele que tem capacidade de colocar em prática, como políticas públicas, aquilo que ele ouve em cada rua, em cada escola, em cada fábrica, em cada banco.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, eu quero terminar dizendo a todos vocês: Muito obrigado pelo que vocês fizeram comigo nesses anos todos. Muito obrigado! Eu sou agradecido. Eu sou, meus companheiros e companheiras, agradecido. Eu agradeço as críticas que em alguns momentos vocês fizeram ao nosso governo, eu agradeço as críticas naquela fatídica crise de 2005.

Eu sei que, muitas vezes, muitos de vocês quase perderam a esperança: “Será que vai dar certo, será que vai ser um fracasso?” Mas eu tinha, eu tinha clareza, eu tinha clareza de uma coisa e isso eu quero dizer para vocês. Eu tinha clareza, primeiro, de onde eu vim. Eu tinha e tenho muito mais clareza de para onde eu vou. Eu tenho clareza de qual é o meu mundo. Eu tenho clareza de quem são os meus amigos “amigos” e de quem são os amigos eventuais, ou quem são os amigos do poder. Eu tenho clareza de tudo, tenho clareza, ciência e eu tenho clareza... Eu tenho clareza de que ao regressar ao meu mundo normal, eu só vou ficar feliz porque eu tenho certeza de que onde eu encontrar vocês eu posso olhar na cara de vocês e chamar vocês de companheiros e companheiras, e vocês me chamarem de companheiros e companheiras. E reconhecer que nós estamos apenas no começo de uma caminhada, apenas no começo de uma caminhada. Falta muito, já fizemos muito, mas falta muito.



Então, eu quero dizer para vocês: um presidente da República que tem o carinho que vocês me deram nesses oito anos, não tinha o direito de errar. E o que me movia a não errar era a certeza de que Deus não dá duas oportunidades para quem não quer aproveitar as oportunidades. Eu dizia sempre, na minha cabeça: se eu errar, se eu não fizer as coisas certas, nunca mais um trabalhador vai poder chegar à Presidência da República. Eu tinha isso certo, na minha cabeça.

Eu conheço outras experiências. Então, eu trabalhava o seguinte: às vezes tinha companheiro que queria radicalizar, eu falava: Companheiro, não radicalize. Não radicalize, porque a gente tem que construir sempre o caminho do meio. Entre a certeza absoluta que eu tenho e a que o outro tem, nós temos que construir um caminho em que todos se sintam confortáveis.

Eu lembro quando eu fui ao Congresso da GLTB. Eu fui ao Congresso, e naquele Congresso, o pessoal não queria que eu fosse. Era eu que tinha convocado a conferência. “Ah, Lula, você vai naquele congresso? Mas o que os homossexuais vão fazer com você? O que as lésbicas vão fazer com você? O que não sei das quantas?” Eu cheguei lá, cheguei lá para poder provar... só tem um jeito de a gente enfrentar o preconceito e de a gente vencê-lo: é a gente não ter medo do preconceito e a gente enfrentá-lo. Enfrentá-lo com armas que a gente puder enfrentar, porque o preconceito é a maior doença. Ninguém pergunta a um homossexual, a uma lésbica, a qualquer pessoa se ela, ao pagar Imposto de Renda, o que ela é. Ninguém, na hora de votar, pergunta... diz que não quer o voto. Portanto, eles têm que ser tratados como 100% cidadãos e cidadãs, como brasileiros.

Os educadores brasileiros, os educadores brasileiros... Eu sou grato, porque eu sou de escola pública. Eu tenho uma lição de vida, que vocês me deram. É que quando nós criamos a Olimpíada de Matemática... nós não criamos, ela já existia. Eu não sei se a Sueli Druck está por aqui, mas existia a Olimpíada de Matemática, que atendia 274 mil crianças no Brasil. Quando nós



propusemos criar a Olimpíada na escola pública, disseram para mim e para o Fernando Haddad: “Não vai dar certo, não vai dar certo, porque os alunos da escola pública não vão querer participar, não vão ser estimulados.” Pois bem, nós fizemos a Olimpíada. Sabem quantas crianças se inscreveram no ano passado e participaram? Dezenove milhões e trezentas mil crianças e adolescentes. É a maior Olimpíada do mundo. E a gente só tinha 274 mil! E hoje, quem dá aula de Matemática sabe que as crianças estão com uma vontade maluca de participar. E nós vamos na terça-feira para o Rio de Janeiro, ou na segunda-feira, que vai ser a entrega da medalha para os 300 alunos que ganharam medalha de ouro. Essa é uma coisa extraordinária.

E por fim, companheiros e companheiras, por fim, o ProUni. O ProUni é criação deste companheiro, o ProUni é criação deste companheiro. Não sei quem entregou o projeto para ele. A mim, me cheira a coisa de mulher. Mas, de qualquer forma, este companheiro... o ProUni, teve algumas pessoas que tiveram resistência. Mas vocês não sabem a alegria que eu tenho de viajar por este país e encontrar meninas e meninos com um papelzinho escrito: “Lula, graças ao ProUni, eu virei jornalista, eu virei engenheiro, eu virei professor.” Não pode ter orgulho maior, não pode ter orgulho maior!

Então, eu ainda tenho nove meses de trabalho, podem ficar certos de que nós vamos nos encontrar pelo país afora, eu vou trabalhar que nem um desgraçado, porque eu digo sempre o seguinte: quem quiser me vencer vai ter que trabalhar mais do que eu, vai ter que fazer mais do que nós fizemos. E eu tenho certeza de que muita gente não vai conseguir.

Que Deus abençoe vocês nesta Conferência, e que Deus permita que vocês retornem para casa com muita tranquilidade. Nós vamos continuar trabalhando. Um grande beijo, um grande abraço, e boa sorte.

Ô gente, vocês... Não, é que nós vamos parar, nós vamos parar para vocês irem almoçar, porque o projeto, o projeto, o projeto Fome Zero exige que os professores comam.



Mas eu vou contar uma coisa para vocês, contar duas histórias para vocês aqui. Eu não sei, eu não sei, eu não sei como é que vocês estão acompanhando o noticiário da imprensa sobre a Conferência. Eu queria contar duas histórias, Fernando Haddad. Você sabe que o Charles Chaplin... uma vez houve um concurso para saber quem era o melhor imitador do Charles Chaplin, e ele foi... ele se disfarçou e foi ao concurso. Você acredita que ele tirou terceiro lugar? Consideraram ele a terceira pessoa.

Eu estava contando isso porque... ontem eu contei uma história que eu vou contar para vocês. Certamente, certamente se vocês... certamente se vocês tiverem uma briga entre vocês, tiver mesa, cadeirada para tudo quanto é lado, vocês vão ocupar um grande espaço nos meios de comunicação. Se for tudo em ordem, a chance é pequena, porque esta aqui é a maior conferência de Educação já feita neste país.

Então, ontem eu contei uma história que eu não contei para os professores. Uma vez, eu fui a Ibiúna, eu, e cheguei em Ibiúna, entrei na padaria para comprar pão e fui ao caixa pagar a conta. Aí, quando eu estou no caixa pagando a conta, o caixa fala assim: "Você parece o Lula". E eu gostei porque [em] [19]79 você ficar conhecido era chique. Eu falei: eu sou o Lula. Aí um cara atrás de mim falou o seguinte: "Ele não é o Lula, não. Eu conheço o Lula. O Lula é moreno e é mais alto". E o cara, o cara teimando comigo que eu não era o Lula. Aí eu peguei a minha carteira de identidade e mostrei para o cidadão. Mostrei meu dedo: olha aí, ó, o dedinho, e mostrei minha carteira de identidade. Aí ele falou para mim: "É, pois não parece".

Isto aqui, pode ser que alguém venha cobrir com boa vontade e divulgue o que vocês estão decidindo. Pode vir alguém e falar: "Isto aqui é uma belíssima conferência, mas não parece", e escrever coisas que parecem de outra conferência. Agora, é o seguinte: não se preocupem, trabalhem, porque nós temos alguém superior a tudo isso, que é a compreensão do povo brasileiro. O povo está mais esperto, o povo está mais sabido, o povo está



mais... Então, não se preocupem com isso, trabalhem. Trabalhem, aproveitem o que vocês puderem aprovar de melhor porque alguém vai continuar dando sequência ao que vocês fizeram.

Gente, olha, segundo o Chagas, todo mundo para o almoço agora, todo mundo almoçar.

(\$211A)



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para vídeo de divulgação do 3º Fórum Mundial da Aliança das Civilizações

O Brasil vai sediar em maio o 3º Fórum Mundial da Aliança de Civilizações, dando continuidade aos fóruns realizados em Madrid, em 2008, e em Istambul, em 2009. Esse será o primeiro Fórum da Aliança realizado fora da Europa.

Aproveitaremos a oportunidade para tornar a iniciativa mais global, trazendo para a Aliança um número maior de países africanos e muitos dos nossos vizinhos da América Latina, que têm tanto a contribuir para o diálogo entre as culturas.

Escolhi o Rio de Janeiro para abrigar o Fórum, porque acredito que no Rio, assim como no resto do Brasil, as pessoas fazem de suas diferenças culturais um fator de enriquecimento. Como o resto do Brasil, o Rio acolhe diversas realidades sociais e culturais.

Nossa nação é construída sobre o próprio conceito de integração. Temos orgulho em afirmar que a diversidade nos define como brasileiros. Não só somos um povo misturado, mas um povo que gosta muito de ser misturado. E é isso que queremos mostrar no Fórum do Rio.

Os brasileiros têm um coração imenso. Compartilhamos nossa alegria através de diferentes manifestações culturais, da música, das comidas, das festas. Nem todos os países precisam seguir o modelo brasileiro de integração. Todos, porém, devem aceitar as diferenças para viver em paz.

O principal objetivo desse Fórum será, portanto, ajudar a construir novas ligações, novas pontes entre pessoas de várias origens. Queremos encorajar as pessoas a superarem o medo do desconhecido e a verem o mundo de uma forma nova.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante despedida dos alunos do ProUni selecionados para cursos de graduação na Universidade e Salamanca/Espanha

Centro Cultural Banco do Brasil - Brasília-DF, 05 de abril de 2010

Vocês sabem que... *Yo* penso que vou *ablar* em espanhol *también*.

Bem, primeiro, Fernando, uma alegria saber que o ProUni está mandando dez jovens, oito homens e duas mulheres, estudar em Salamanca. Possivelmente, para o próximo ano nós nos veremos, porque eu, talvez, ano que vem, vá lá receber meu título de doutor *honoris causa* da Universidade de Salamanca e, quem sabe, dar uma aula para vocês, em espanhol.

Fernando, uma coisa interessante aqui: nós temos três companheiros do Paraná; nós temos dois de Minas Gerais; nós temos um de Caxias, no Maranhão; nós temos um de Ipojuca, na Bahia; um de Vitória, no Espírito Santo. E vamos ver, aqui, quem são os nossos companheiros: o Rubens William Santos Lima, quem é o Rubens? De que lugar você é, de São Paulo? Da capital mesmo? Osasco? Então, minha assessoria não poderia ter colocado “São Paulo-SP”, é Osasco-SP. Osasco é uma cidade independente de São Paulo. Alessandro, Engenharia Química, quem é? Vera Cruz do Oeste. Onde fica Vera Cruz do Oeste? Próximo a Cascavel. Depois, nós temos, aqui, o Andrei Gomes Santana, Engenharia... os dois primeiros são Engenharia Química, o Andrei é Engenharia Informática, é isso? De Belo Horizonte. Belo Horizonte mesmo? E como é que se abla em espanhol: “Oi, trem”? O Danilson Almeida Silva, Engenharia Informática também, Caxias do Maranhão. Depois, nós temos o Diogo Giovanni, Farmácia, Pinhais, Paraná. Onde fica Pinhais? Ali perto de Curitiba, não? É São José dos Pinhais ou não? Ou só Pinhais? Depois nós temos o Alcino Ferreira Cruz, Farmácia, Vitória, do Espírito Santo. Depois, a Tiara Gomes da Silva, Engenharia Civil, Ipojuca. De Ipojuca? Depois, nós



temos Tamira Elis Gressoni, Comunicação Social, Campinas, São Paulo. Depois, o Rômulo Alexandre Rocha, também Matemática, Contagem, Minas Gerais. Depois, Douglas Noga Alves, de Pedagogia, Telêmaco Borba. Tem algum parente que trabalha na Klabin?

Bem, primeiro, Embaixador, é uma... Eu penso que o acordo que o Ministério da Educação fez com a Universidade de Salamanca possivelmente, Fernando, seja o primeiro grande passo de uma grande caminhada para que a gente possa estabelecer convênios com outras universidades. E, quem sabe, numa troca, a gente possa mandar os nossos alunos para lá e receber os alunos das outras universidades aqui, no Brasil. Eu acho que o Brasil já tem vários setores em que a nossa educação pode ser tratada como uma educação de excelência e, portanto, a gente pode já ousar fazer essa troca com outras universidades.

Mas, de qualquer forma, o orgulho de vocês irem estudar fora com bolsas de estudo garantidas é porque, quando nós criamos o ProUni, havia muita gente que não acreditava que o ProUni fosse dar certo, havia muita gente que achava que nós íamos nivelar o ensino por baixo. Aliás, teve gente que publicou em manchete: “Governo Lula nivela educação por baixo, porque vai colocar na universidade jovens da periferia que estudavam em escolas públicas”.

A ida de vocês, a nota que vocês tiraram, para poder ganhar essa bolsa é, na verdade, a gratificação que nós queríamos, o pagamento que o governo, que o Ministro da Educação quer, é de ver que a política adotada por ele teve uma retribuição extraordinária pelos alunos que estudaram. Porque eu lembro que no primeiro teste, três anos depois, quando o MEC fez uma avaliação, parte dos melhores alunos brasileiros eram do ProUni. Mas tem gente que ainda não gosta do ProUni, tem gente que ainda tem... tem cisma com o ProUni, apesar do avanço do ProUni, de já estar com 696 mil jovens brasileiros... no ano passado tivemos a primeira turma formada.



Você não sabe, Fernando, o tanto de lugares que eu vou, do Brasil, que as pessoas levantam um papelzinho para mim: “Presidente, eu me formei pelo ProUni. Presidente, eu estou fazendo jornalismo pelo ProUni, eu estou fazendo química pelo ProUni, eu estou fazendo medicina pelo ProUni”, coisa que era totalmente impensável há algum tempo, as pessoas não acreditavam nisso. Nós devemos isso à engenharia e à competência do Fernando Haddad e da equipe dele, que conseguiu... A ideia era... A gente nem imaginava criar ProUni, a minha briga era tentar encontrar um jeito de utilizar o dinheiro do Fundo de Garantia para financiar bolsa de estudo para a meninada estudar. A discussão naquele tempo era a seguinte: vamos criar um fundo que possa permitir que um jovem estude, e ele só vai começar a pagar quando ele se formar. Quando ele arrumar um emprego, ele vai começar a devolver esse dinheiro para o Estado. E, aí, eles trouxeram essa ideia extraordinária do ProUni, em que a gente faz uma troca com as universidades particulares e a contrapartida é a bolsa de estudo, que resultou no fato de vocês, hoje, estarem se preparando para estudar na Espanha.

Tenho certeza que vocês vão gostar, tenho certeza que vocês vão aproveitar cada minuto, cada hora, cada dia, cada semana, cada mês. Quando vocês tiverem saudade da família, por favor, não gastem muito dinheiro em telefone, porque muitas vezes a juventude acha que pode pegar um telefone e ligar, quando chega no fim do mês a bolsa de estudos não paga a conta do telefone. Então, acho que todos vocês vão ter ou vão levar um computador, podem mandar um e-mail para a família, conversar pelo computador, mas o telefone custa muito caro. Então, um conselho: não matem saudade por telefone, que é doloroso para o bolso, sobretudo o da família.

Segundo, dizer uma coisa para os pais. Possivelmente, as pessoas que, no Brasil, sempre puderam estudar, que nunca tiveram dificuldade, de famílias abastadas, de famílias... ou seja, não tenham noção do significado do que é, para um pai ou para uma mãe da classe mais baixa colocar o seu filho na



universidade.

Eu digo, em todos os debates que eu vou, com os jovens, eu digo para eles que o maior orgulho para um pai ou para uma mãe não é trabalhar para deixar uma casa para o filho, não é trabalhar para dar um carro para o filho, não é imaginar qual é o patrimônio que vai deixar para o filho. O patrimônio mais extraordinário que um pai e uma mãe deixam para o filho é a formação que eles conseguiram dar para esse filho. Porque, a partir daí, é independência conquistada, a partir daí é a informação correta, a partir daí é um mercado de trabalho extraordinário que se abre para esse jovem, em qualquer lugar do Brasil e em qualquer lugar do mundo. E é por isso que vocês precisam aproveitar, mas aproveitar... sabe? Cada vez que vocês tiverem preguiça, cada vez que vocês acordarem e falarem: “Hoje eu estou... hoje eu não estou legal para estudar, hoje eu não vou”, por favor, lembrem-se que tem aqui, no Brasil, o pai, a mãe, os irmãos de vocês, depositando uma confiança incomensurável em vocês. E que a retribuição que vocês podem dar para eles é vocês virarem motivo de orgulho dentro da casa de vocês, é vocês permitirem que o pai de vocês, e a mãe, sintam em vocês a razão de ser de tudo que ele fez.

Portanto, é dedicação de corpo e alma. Vocês não sabem a alegria que vocês darão aos pais de vocês se, daqui a alguns anos, vocês voltarem formados, doutores, e puderem ajudar, trabalhando, a melhorar a vida deles. Não é nem isso que eles esperam mais, mas é a cidadania que vocês conquistarão com isso. Então, aproveitem. Aproveitem que Deus está dando uma chance enorme, e eu acho que vocês precisam aproveitar com unhas e dentes.

Parabéns! Boa viagem! Não arrumem muitas namoradas, nem namorados na Espanha, porque deve ter muita gente esperando vocês aqui. Tem um aqui, Fernando, que, certamente, certamente, vai entrar na escola de basquete na Universidade, e você mandou um estudante para lá e ele pode voltar um grande jogador de basquete, porque tamanho ele tem, não sei se ele



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

sabe lidar com a bola de acordo com o tamanho dele.

Que Deus abençoe cada um de vocês, e que Deus abençoe seus pais, e que vocês sejam felizes na Espanha. Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de premiação da 5ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep)

Rio de Janeiro-RJ, 06 de abril de 2010

...por intermédio de quem cumprimento os demais professores presentes,

Minha querida companheira Suely Druck, diretora acadêmica da Obmep,

E meu querido companheiro Ricardo Oliveira da Silva, tetracampeão da Olimpíada da Matemática, por meio de quem eu cumprimento todos os alunos premiados,

Amigas e amigos,

Primeiro, eu queria que todos vocês ficassem de pé para que a gente pudesse prestar uma homenagem às vítimas das enchentes no Rio de Janeiro. Eu fui informado agora que já passa de 80 o número de mortos e os feridos já são mais de 90. E um minuto de silêncio por nossos irmãos que foram vítimas. Muito obrigado, gente.

E pedir, que é a única coisa que nos permite fazer nesse momento, pedir para Deus mandar um pouquinho de chuva para o nosso sertão, para o Nordeste brasileiro, e dar um pouquinho de sol para o povo do Rio de Janeiro, para a vida melhorar para nós e para o povo do Rio de Janeiro.

Eu vou ler aqui, porque eu estou com medo de ficar emocionado. Essa vai ser, ô Suely, minha última Olimpíada como presidente da República. No ano que vem, quando vocês estiverem aqui, uns recebendo... sabe? Um sendo penta, o outro sendo tri, o outro tetra, o outro ganhando a primeira medalha, eu já não estarei mais na Presidência da República, não sei se o Fernando Haddad estará na Educação, não sei se o Sérgio Rezende estará na Ciência e



Tecnologia. A única coisa que eu sei é que todos vocês poderão voltar aqui, independentemente de quem seja que esteja governando o nosso país, e nós sempre estaremos torcendo para que quem venha seja melhor do que quem sai, porque assim é melhor para o povo brasileiro.

Então, a solenidade é da Matemática, mas quero começar fazendo uma referência à língua portuguesa – na verdade, a uma das palavras mais temerosas da língua portuguesa: a palavra “impossível”. Um termo que muitos vencedores e vencedoras desta Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas com certeza já riscaram de seus dicionários. “O impossível não existe”. O autor dessa frase é um jovem que teria muitos motivos para entregar os pontos e se render à impossibilidade. Mas o nosso querido Ricardo Oliveira da Silva fez exatamente o contrário. E por isso, é um dos símbolos desta Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas.

Mesmo quem não acompanha a Olimpíada deve conhecer – ou pelo menos já ouviu falar – esse guerreiro montado numa cadeira de rodas. Ricardo sofre de atrofia do tecido muscular, é filho de lavradores pobres e até poucos anos morava em um sítio isolado de tudo, lá no interior do Ceará. E para chegar ao local da prova da Olimpíada era preciso ir em um carrinho de mão, empurrado pelo pai, porque a estrada de chão é acidentada demais para uma cadeira de rodas. Mas o Ricardo é também tetramedalhista de ouro da Olimpíada de Matemática. E a vida dele mudou para sempre desde que o Brasil o conheceu, durante a cerimônia de premiação da Obmep de 2008. Depois de ganhar aquela segunda medalha de ouro, Ricardo ganhou também a oportunidade de mudar-se com a família para Várzea Alegre, sede do município. Foi contratado pelo governo do Ceará para fazer palestras nas escolas da região. Sai pelos municípios vizinhos contando sua história para outros jovens que, felizmente, não precisam enfrentar tantos obstáculos para vencer na vida. Ricardo resume assim seu trabalho de palestrante: “Eu tento incentivar os alunos, mostrando meu exemplo. Digo para eles encararem os



estudos não como obrigação, mas como um prazer e uma oportunidade de crescimento. E digo sempre que o impossível não existe”.

Mas a boa notícia que eu quero contar para todos vocês é que o nosso querido Ricardo soube usar muito bem o dinheiro que ganhou por conta das palestras e da bolsa do Programa de Iniciação Científica. A boa notícia é que Ricardo realizou o sonho que parecia impossível e acaba de comprar uma casa para sua família, lá em Várzea Alegre. É uma casa boa, de dois quartos, vermelha por fora e amarela por dentro. E na parede da sala tem quatro medalhas penduradas. E o Ricardo, que não pode andar com as próprias pernas, já caminhou muito e quer avançar ainda mais. Recebeu vários convites para estudar em colégios particulares de Fortaleza – um deles, inclusive, preparatório para o Instituto Tecnológico de Aeronáutica, o ITA. E mesmo não tendo concluído o ensino médio, recebeu também o convite de faculdades privadas. E eu sei que o Ricardo não vai parar. Não vai desistir enquanto não chegar à universidade e seguir carreira na área de Ciências Exatas. Quem sabe Matemática ou Computação.

E nós sabemos que Ricardo quer fazer muito pelo seu país, como ele mesmo disse na premiação da Obmep em 2008. Diz o Ricardo: “Hoje é o Brasil que está me ajudando. Mas pode ser que amanhã seja eu que esteja ajudando o Brasil.” E este ano, sou eu que vou dizer Ricardo: Ricardo, você não faz idéia do tanto que já fez pelo Brasil, com sua garra, com seu exemplo de luta e por isso todos nós do governo, os alunos e os pais dizemos a você: Muito obrigado por você existir, meu querido.

Mas tem outras coisas aqui que eu acho importante vocês saberem porque eu sou um ser humano que acredito que a gente só vence na vida, se a gente tiver motivação. Você tem que acordar todo santo dia de manhã à procura de alguma coisa para você superar. Se você se conformar com o que você tem, com o que você sabe, você termina por ser um vencedor menor. E por isso eu queria ler uma outra história aqui. A verdade é que a história da



Obmep é recheada de bons exemplos que eu gostaria de citar. Mesmo que eles não estejam aqui hoje, como é o caso do nosso querido Jocekleyton Ramalho, da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte.

O Jocekleiton veio de uma família muito simples – e muito inteligente também. Estudou a vida inteira em escola pública. Na Obmep, ganhou uma medalha de prata, três de bronze e uma menção honrosa. E aproveitou muito bem a bolsa de iniciação científica. Foi em boa parte graças a ela que o Jocekleiton passou no vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E o melhor de tudo: ele passou, Fernando Haddad, simplesmente em primeiro lugar em medicina. Eram 27 candidatos por vaga e o Jocekleiton foi campeão da disputa para entrar na Universidade para fazer um curso de medicina. Hoje, o Jocekleiton está no meio de outra batalha, contra uma doença degenerativa da córnea, que já lhe tirou 80 por cento da visão do olho direito. Está na fila do transplante, e eu tenho certeza e peço a Deus que vai vencer mais essa.

Da mesma forma que o Caio Coutinho, lá de Ipatinga, Minas Gerais, está vencendo a leucemia. Caio só tem 13 anos, foi internado no início de outubro de 2009. Poucos dias depois, apesar da doença e dos efeitos colaterais da quimioterapia, fez a prova da Obmep no quarto do hospital, tomando medicamentos na veia. Não queria, de jeito nenhum, ficar de fora da sua primeira Olimpíada. Valeu o esforço: Caio ganhou menção honrosa da Obmep. Merece também todas as menções honrosas do mundo. Ele merece também todas as menções honrosas do mundo pela coragem em enfrentar ao mesmo tempo a doença e o tratamento pesado, sem descuidar dos estudos. Portanto, eu acho que o Caio merece uma salva de palmas de todos os medalhistas.

E parabéns também ao Willian Diego Oliveira, medalhista de ouro em 2005, prata em 2006 e outra vez ouro em 2007.

O William morava em uma vila no interior do Paraguai e fez o ensino



médio na Escola Estadual Guimarães Rosa, no município de Sete Quedas, Mato Grosso do Sul. Para ir aos encontros presenciais do Programa de Iniciação Científica tinha que caminhar 20 km a pé.

Graças ao conhecimento adquirido – e estimulado pelos contatos com os professores do Programa de Iniciação Científica –, William juntou o dinheiro da bolsa e foi tentar o vestibular em Dourados. Hoje, está cursando de forma brilhante o terceiro ano do curso de Matemática da Universidade Federal da Grande Dourados, e sonha com um mestrado na Unicamp. Como o nosso companheiro Fernando Haddad conhece bem a Unicamp, ele que trate de cuidar já do mestrado do nosso William.

E ele, é William quem diz: “Se não fosse a Obmep, ao terminar o ensino médio eu iria fazer balaios de bambu para viver, seria um balaieiro, como meu avô.” William tem muito orgulho do avô, seu Pedro Lopes, que sustenta a família com o trabalho de balaieiro, mas sabe que seu destino é outro. Aliás, todos vocês, que estão hoje aqui, sabem que é preciso reescrever o próprio destino. E que, para isso, é preciso acreditar que tudo é possível.

Queria dar um dado para vocês, sobretudo para a imprensa que está aqui, uma coisa importante. Os 3 mil medalhistas de 2009: ouro, prata e bronze, são de 888 municípios, 44 a mais do que o número de municípios do ano passado. Já os alunos com menção honrosa vêm de mais de três mil municípios, mostrando como a Obmep vai se espalhando e conquistando todo o território nacional.

Cinquenta e três universidades, das quais 50 públicas, trabalham junto com o Instituto Nacional de Matemática Pura Aplicada, o Impa, e a Sociedade Brasileira de Matemática, SBM, na realização da Obmep.

Além dos mais de 300 professores, temos que agradecer também aos reitores, que cedem espaço e infraestrutura em suas universidades para o funcionamento da Olimpíada.



É preciso ressaltar o excelente desempenho dos campeões da Obmep na Olimpíada Brasileira de Matemática, que seleciona os representantes do Brasil em competições internacionais. Das seis... como disse aqui, das seis medalhas de ouro do nível 2, cinco foram ganhas por pessoa iguais a vocês que participam da nossa Olimpíada.

É cada vez maior o número de deficientes visuais – esse é um dado extraordinário, Fernando Haddad, e eu queria que vocês pais e a imprensa prestassem atenção. É cada vez maior o número de companheiros portadores, deficientes, de deficiência visual, parciais e totais, que se inscrevem na Obmep. Para 2010, temos 18.141 alunos deficientes visuais inscritos. Ou seja - deficientes visuais totais - 18.141 inscritos para participar das Olimpíadas da Matemática.

A boa notícia é que pela primeira vez esses alunos contarão com material de estudo transcrito para o formato de texto digital falado, graças a projeto desenvolvido pela nossa querida professora Suely Druck, em parceria com a Secretaria de Educação Especial do MEC. Neste ano, a Obmep homenageia também os seis professores que foram premiados em todas as edições da Obmep: Anderson Secco, São Caetano do Sul, São Paulo; Antonio Cardoso do Amaral, Cocal dos Alves, Piauí; Cristiane Antunes Vieira Coelho Maeda, Pilar do Sul, São Paulo; José Luiz dos Santos, Salvador, Bahia; Maria Botelho Alves Pena, Uberlândia, Minas Gerais; Paulo Settervall, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Bem, veja agora que interessante. A próxima Obmep, a que vai terminar as inscrições até 18 de abril, tinha até hoje, na hora que eu entrei aqui neste salão: 19 milhões 488 mil 774 inscritos. Já maior do que a do ano passado. O que é mais importante, Fernando Haddad, esses 19 milhões 488 mil 774 estudam em 44 mil e 234 escolas públicas de 5 mil e 511 municípios brasileiros. É simplesmente, extraordinário.

Eu queria dizer para vocês o seguinte: eu vim aqui e li o meu papelzinho



aqui. Vocês pensavam que ia ser mais curto, foi mais demorado, e eu citei apenas as pessoas que têm algum problema. O Ricardo, que vocês estão vendo nessa cadeira de roda; citei um menino que tem uma deficiência visual, que vai perder o olho se não fizer um transplante; e citei um companheiro que tem leucemia e que fez a prova tomando os remédios na veia. Então citei três casos de pessoas em situações totalmente especiais. Por que eu citei essas pessoas? Porque eu comecei falando do impossível. Eu comecei citando uma frase do Ricardo nas palestras dele, de que não existe a palavra “impossível”. Ela só existe para a gente desmoralizá-la. A única coisa impossível, sabe, a única coisa impossível no mundo é Deus pecar, é a única coisa impossível. O resto, tudo pode ser vencido pelo ser humano, tudo, basta que a gente tenha vontade.

Vamos olhar para o Ricardo nesta cadeira de rodas. Se todos nós que estamos aqui passássemos em uma praça no Rio de Janeiro e tivesse lá 10 mil meninos e meninas como vocês brincando, e a gente tivesse que selecionar 1.900 para ir fazer um teste de Olimpíada de Matemática, certamente a gente deixaria o Ricardo fora. Nós já iríamos de pronto achar que ele não teria condições de ser um medalhista de ouro.

Então o Ricardo tem que ser utilizado pela Olimpíada da Matemática para mostrar, primeiro, que não existe nada que o ser humano quando esteja com vontade não consiga superar. Aliás, vocês todos, vocês todos, deveriam, além da medalha de ouro, receber uma medalha da competência, da voluntariedade neste país. Porque ninguém está obrigando vocês a fazer uma Olimpíada da Matemática. Nós apenas estamos provocando vocês e estamos dizendo: “Fazer Olimpíada da Matemática significa vocês ganharem uma bolsa de iniciação científica, significa vocês terem um pouco mais de oportunidade”. E isso mobilizou 20 milhões de adolescentes neste país, que, de forma livre e espontânea, levantaram a cabeça e resolveram fazer a Olimpíada da Matemática.



Eu acho que não tem no mundo, não tem no mundo nenhuma ação voluntária que conte com 20 milhões de jovens. Tem nenhuma. Então, eu queria, meu caro Camacho, minha cara Suely, meu companheiro Sérgio Rezende e companheiro Fernando Haddad, dizer da minha alegria.

Eu, no dia 31 de dezembro de 2010, deixarei a Presidência da República do Brasil. E eu tenho a exata noção do que nós já fizemos no país, mas tenho ainda mais noção das coisas que nós precisamos fazer. Este país passou muitas décadas, e até séculos, meio atrofiado no que tange às oportunidades a seus filhos. Afinal de contas, nós tivemos gerações e gerações que não tiveram oportunidade de estudar neste país. Gerações e gerações de meninas e meninos que, ao terminar o ensino fundamental não tinham o que fazer. E, muitas vezes, ao fazer o segundo grau, paravam de estudar porque não tinham perspectiva de fazer um curso superior.

Nós, então, resolvemos começar uma revolução neste país. Uma revolução que ainda falta muito para ser concretizada, que ainda falta muito para que a gente realize. Mas, ao terminar o mandato, nós vamos ter 105 extensões universitárias a mais, espalhadas pelo interior do país; nós vamos ter 14 universidades federais novas; e nós vamos ter 214 escolas técnicas a mais do que a gente encontrou. Em um século foi feito 140, em oito anos nós vamos entregar 214.

Por que eu estou dizendo isso? É porque quem vier depois de mim está moralmente obrigado a fazer mais do que eu. Não é possível que, ganhando as eleições deste país, alguém que tenha um diploma universitário vá fazer menos do que alguém que tem um diploma de torneiro mecânico. Então, ele vai ter que fazer mais universidades, vai ter que fazer mais escolas técnicas, ele vai ter que fazer muito mais.

E esse é o legado importante para ficar para este país. Este país que durante o século XX teve oportunidades extraordinárias e que foram jogadas fora. Este país que não quer ser mais exportador de café, não quer ser mais



exportador de soja, não quer ser mais exportador de minério, nós queremos continuar importando [exportando], mas o que vai colocar valor nas nossas exportações é quando a gente começar a extrair os produtos resultados da inteligência de vocês, do menorzinho que está aqui na frente ao Ricardo, do maior que está aqui, porque é essa exportação de conhecimento e de inteligência que vai colocar o Brasil no patamar dos países desenvolvidos. Portanto, eu não poderia ter um dia mais glorioso.

Triste pelos acontecimentos do Rio de Janeiro, que não permitiram que aqui estivessem o nosso governador Sérgio Cabral e o nosso prefeito, e alegre por vocês. Porque quando eu vejo vocês com o orgulho que vocês estão recebendo essa medalha, eu poderia dizer ao Camacho, à Suely, que este país tem mais do que futuro, este país tem um povo extraordinário que, quando provocado, ele sabe reagir. Porque não existe um ser humano super inteligente e um ser humano super não-inteligente. O que existe é ser humano que teve oportunidade e ser humano que não teve oportunidade; o que existe é ser humano que teve um aprendizado correto e o outro que não teve o aprendizado correto. A Suely me dizia no primeiro ano em que eu conheci ela, em 2004, ela me dizia: “Presidente Lula, não é possível um aluno mostrar todo o seu potencial de conhecimento de matemática se ele não tiver dentro da escola os professores que gostem de matemática e que resolvam ensinar o que eles sabem”. Por isso eu queria dar os parabéns aos professores que participam dessa Olimpíada, aqueles que se dedicam. E dizer aos alunos: quando eu deixar a Presidência, no meu discurso de (incompreensível), eu vou dizer: eu entreguei o futuro deste país aos medalhistas de ouro das Olimpíadas de Matemática.

Que Deus abençoe a todos vocês.

Olhe, agora eu queria ver se vocês vão ganhar a medalha de ouro em disciplina, que é o seguinte: do jeito que vocês estão aí, está ótimo. Não precisa se mexer. Eu vou descer, tem um cara baixinho aqui na minha frente,



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

que eu estou olhando para a cara dele, bem baixinho. Eu vou ficar atrás dele, porque eu queria fazer um pôster dessa foto, pegando todos vocês de amarelo. Deveriam ter me dado de presente uma camisa amarela, mas não me deram. Então, eu vou descer aí, mas vocês fiquem... por favor, não se mexam porque eu vou tirar essa foto com vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da 18ª Feira da Indústria da Construção e Iluminação

São Paulo-SP, 06 de abril de 2010

Bem, primeiro, cumprimentar o nosso companheiro Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados,

Cumprimentar o ministro Marcio Fortes, ministro das Cidades,

O ministro Paulo Sérgio de Oliveira, ministro dos Transportes,

A senadora Ideli Salvatti,

O senador Aloizio Mercadante,

O prefeito Gilberto Kassab,

Nosso companheiro Ivan Ramalho, secretário-executivo do Ministério do Desenvolvimento,

O Juan Pablo de Vera, presidente da Alcântara Machado,

O senhor Cláudio Conz, presidente da Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção,

Cumprimentar o Melvyn Fox, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Material de Construção,

Cumprimentar o Dílson Ferreira, presidente da Associação Brasileira dos Fabricantes de Tintas,

Cumprimentar o Reinaldo Pedro Correa, presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Material de Construção, Maquinismo, Ferragens, Tintas, Louças e Vidros da grande São Paulo,

Cumprimentar o senhor Jair Saponari, diretor da 18ª Feira de Construção e Iluminação, a Feicon,

Cumprimentar os arquitetos aqui presentes, os convidados estrangeiros,

E cumprimentar os nossos jornalistas,



Eu vou ser muito breve. Eu aprendi, na minha vida, que todo ser humano... é inerente ao ser humano, por isso que a gente fica gordo... é que quanto mais a gente come, mais a gente quer. E na nossa vida, seja empresarial, de trabalhadores, quanto mais a gente conquista, mais a gente quer conquistar.

É importante que a gente não deixe de lembrar, nunca, porque é importante fazer um pouco de política num encontro como este, qual era a nossa situação cinco ou seis anos atrás. De repente as pessoas esquecem do mundo que a gente veio, do mundo em que a gente está e do mundo que a gente quer ir. E vocês têm consciência de que este país teve o seu setor da construção civil praticamente deteriorado durante mais de 20 anos. Netinho, você que é novo na política, precisa saber que é exatamente no nosso governo que a Caixa Econômica bate recorde de construção de casas, e o presidente que tinha mais construído era o presidente Figueiredo. E no ano passado, nós batemos o recorde, que tinha sido ainda no governo Figueiredo, em mil novecentos e oitenta e alguma coisa. Nós saímos de um investimento de 5 bilhões da Caixa Econômica Federal em 2003, para um investimento de 45 bilhões em 2009 – nove vezes mais.

Então, é importante que a gente saiba que quando eu fiz o desafio para que a gente construísse 1 milhão de casas, eu tinha três objetivos: primeiro, acostumar o governo brasileiro de que era preciso ter coragem de ousar, de desafiar os empresários brasileiros a se prepararem para o crescimento econômico deste país. Porque a verdade também é que não estava preparado o governo, não estava preparada a Caixa e não estavam preparados os empresários para o montante de 1 milhão de casas neste país. Lembrem-se que nós lançamos o Programa no dia 26 de março do ano passado, e aí a gente começa a descobrir os problemas. O Marcio sabe que o primeiro grande problema que eu tive foi com a Caixa Econômica Federal. Era preciso



destravar toda uma burocracia feita num tempo em que as pessoas não podiam comprar casa e o governo não tinha capacidade de financiamento. Ao mesmo tempo, era preciso motivar os empresários brasileiros a acreditarem que aquele programa de 1 milhão de casas era verdadeiro e que, portanto, eles deveriam começar a se preparar para que a gente pudesse construir 1 milhão de casas. O Paulo Simão sabe: o primeiro setor que eu consultei foi o setor da construção civil, que me disse que estava preparado para construir 200 mil casas. E eu disse: 200 mil não é programa, isso qualquer um faz. Nós precisamos ousar e ousar significa a gente lançar o desafio, a gente se preparar, a gente apanhar, a gente aprender, para que este país mude de patamar.

Eu, sinceramente, sinceramente, eu cansei de ver o Brasil se portar como se fosse um país de segunda categoria. Tudo a gente achava que não podia fazer e tudo, quando não dava certo, se jogava a culpa em cima do governo. E como o governo também não fazia, ele também não falava nada e ficava todo mundo enganando todo mundo neste país.

Eu acho que o Brasil chegou a um momento histórico e um momento decisivo na sua vida. Este país precisa ser grande. Para ele ser grande, ele tem que ter empresas grandes. Para ele ser grande, ele tem que garantir certeza de que a pequena e média empresas brasileiras vão poder competir, em igualdade de condições, com qualquer outra empresa. Para isso nós precisamos ter crédito. Vocês estão lembrados que quando nós assumimos o governo, em janeiro de 2003, este país tinha apenas R\$ 380 bilhões de crédito. Hoje nós temos 1 trilhão, 411 bilhões de crédito. Somente o Banco do Brasil hoje tem a mesma quantidade de crédito que tinha o Brasil o tempo inteiro. Vocês sabem que o BNDES, quando emprestava muito, emprestava R\$ 38 bilhões. Este ano, nós fechamos o ano com R\$ 139 bilhões. E vocês sabem que o cartão do BNDES ajuda tanto os setores de segmentos empresariais, sobretudo os menores. E nós sabemos que é preciso fazer muito mais e temos



perspectiva de financiar, este ano, R\$ 145 bilhões, a uma taxa de juros – TJLP –, Aloizio Mercadante, de 6%, e vocês sabem que muitos juros são de 1,5%, ao ano [mês], 0,8%, 0,9%.

Para que é que nós fizemos isso? Porque nós éramos uma sociedade em que nós nos tratávamos como sociedade capitalista, mas você não tinha capital e nem tinha financiamento. Não era possível um país capitalista viver sem crédito e sem capital. Isso mudou definitivamente. O paradigma deste país mudou. Quem vier a tomar posse na Presidência da República em janeiro de 2011 sabe que não existe mais espaço para pequenez política, não existe espaço para pequenos programas. Este país é grande e exige que os seus governantes pensem grande.

É por isso que eu lancei o PAC 2. Por que é que eu lancei o PAC 2? Para que o próximo presidente da República, Michel Temer, quem quer que seja – mulher ou homem, preto ou branco, católico ou evangélico –, não importa quem seja, mas ele sabe que vai encontrar o país mais preparado do que eu encontrei em 2003. Ele vai encontrar o país com uma prateleira de projetos, com uma prateleira de programas, com uma prateleira de propostas aprovadas no Orçamento da União que vai ser votado este ano. Ele não vai começar do zero como eu comecei. Ele vai começar com uma mesa de projetos que ele pode mudar ou não. Quem ganhar pode tudo. Por isso estamos fazendo em parceria com os prefeitos e com os governadores, para que não seja uma coisa do presidente Lula; que seja uma coisa da sociedade brasileira, que os empresários ajudaram e estão ajudando a construir. Este país precisa aprender a ser sério, porque nós só seremos respeitados aqui dentro e lá fora quando nós nos respeitarmos, quando nós tivermos coragem de olhar um para a cara do outro e dizer: “Cada um de nós está cumprindo com a sua função”.

É por isso que eu vim aqui. Eu vim aqui porque este setor é vital para o desenvolvimento deste país. Mas é vital, na medida em que o governo haja



com responsabilidade como estamos agindo, na medida em que este governo mostre que é capaz de anunciar um programa e contratar esse programa. Nós sabemos que, durante o processo do programa, nós temos que ir corrigindo ele, até que a gente atinja a perfeição quase que numa coisa automática: anuncia um programa e ele começa a acontecer. E eu sei que eu só posso cobrar de vocês, eu só posso cobrar de vocês modernização, investimento em inovação, se vocês tiverem a garantia de que o governo merece o respeito de vocês, e quando o governo abrir a boca vocês acreditarão, porque se um mentir para o outro este país não dá certo e é por isso que nós jogamos o século XX fora. Quando muitos cresceram, nós ficamos para trás.

A hora da verdade chegou para o nosso querido Brasil, e eu acho que não há mais tempo para que a gente duvide da nossa competência. Em 1974, o PMDB fez uma campanha aqui neste país, e é importante, Temer, você que é presidente do PMDB, lembrar: era a campanha da contestação, com o doutor Ulysses candidato a presidente da República; Quéricia foi eleito senador; foi o ano em que o PMDB elegeu 16 senadores neste país. Pois bem, naquele tempo a propaganda de televisão dizia que nós tínhamos um déficit habitacional de 7 milhões de casas. Não sei se estes cabelos brancos aqui estão lembrados disso. Não é possível que em 2010 a gente ainda continue com os mesmos 7 milhões de déficit habitacional. E vai perdurar até 2050 se a gente, um dia, não tiver coragem de fazer mais casas do que o crescimento demográfico deste país.

Então, quando nós anunciamos, no PAC 2, dois milhões de casas, é para quase fazer um autodesafio a vocês, aos varejistas, aos produtores, aos fabricantes, a todos aqueles que trabalham na construção, ao governo, ao sistema de financiamento do governo e à sociedade brasileira, para se prepararem para um país que quer ser a quinta economia mundial já em 2016. Quem sabe seja a grande medalha de ouro deste país, porque o Brasil precisa dela para que a gente se firme enquanto nação desenvolvida, enquanto nação



justa e enquanto nação que vai ocupar o seu espaço no Planeta.

É por isso que eu vim aqui, meus queridos companheiros, para dizer para vocês que não é apenas a satisfação de vir, é um desafio. Eu vim agora da Olimpíada da Matemática, no Rio de Janeiro, e por isso que eu cheguei atrasado. Lá eu vi um menino que é praticamente tetraplégico, numa cadeira de rodas, não mexe com as mãos. Ele já ganhou quatro vezes a medalha de ouro, quatro vezes a medalha de ouro em Matemática. Vocês já viram na televisão: esse menino ia para a escola sendo levado num carrinho de mão, desses de pedreiro, pelo pai dele. E esse garoto ganhou, quatro anos consecutivos, medalha de ouro em Matemática, ou seja, é um gênio, e hoje nós entregamos medalhas para 300 gênios. Deus queira que parte deles se forme engenheiro, porque neste país ninguém queria mais ser engenheiro porque a construção civil estava abandonada. Os poucos engenheiros que se formavam, iam trabalhar como analistas no sistema financeiro, e nós não poderemos ver este país crescer sem formar muitos engenheiros, e muitos mesmo.

Portanto, eu quero desejar a vocês duas certezas. As pautas de reivindicação que vocês levantaram aqui podem apresentar enquanto é tempo, porque eu nasci na política dialogando, eu aprendi apanhando, não foi fácil, e eu acho que não existe possibilidade de um governo fazer as coisas corretas se ele não tiver ouvidos para ouvir, se ele não sentar para conversar sem a arrogância daqueles que acham que, ao chegar ao governo, sabem tudo. É o ministro da Fazenda que sabe tudo, é o ministro do Planejamento que sabe tudo, é o ministro da Indústria que sabe tudo, e quando termina o mandato não fizeram nada. É melhor a gente conversar. Por isso que eu digo sempre que eu prefiro ser uma metamorfose ambulante, aprendendo a cada dia. Aprendendo a cada dia, conversando a cada dia e tentando aperfeiçoar. Quantas coisas nós aprendemos nas discussões com vocês e quantas coisas vocês aprenderam nas discussões conosco!

Então, eu acho, companheiros, vocês todos que participam da



construção civil, estejam certos de que eu tenho mais nove meses de governo, e enquanto eu for presidente da República, não faltará espaço para a gente discutir e construir porque é isso que vai fazer com que o Brasil cresça. Vocês não sabem o orgulho que eu tenho de estar fazendo casas para pessoas que ganham de zero a três salários mínimos, de três a seis. Mas, sobretudo, de zero a três. Porque quando veio a crise econômica deste país – que muitos setores vacilaram, guardaram dinheiro e não investiram, mesmo os setores da classe média alta, que pararam de comprar – quem sustentou o crescimento deste país foram as classes D e E, que foram às compras.

Portanto, nós temos que aprender uma lição: dar um pouquinho de salário para as pessoas que ganham menos, criar um Bolsa Família, aumentar o salário mínimo não é esmola. É conquista da cidadania, é levar os mais pobres a subirem no degrau da sociedade. Eu lembro sempre do velho Frias, dono da Folha de São Paulo, ele dizia para mim: “Lula, os do andar de cima não vão deixar você chegar lá”. Eu cheguei, e podia ter chegado sozinho, mas eu quero chegar e quero levar comigo os milhões de brasileiros que nasceram e que não tiveram chance de chegar ao andar de cima. Quando a gente construir essa sociedade, em que todos podem chegar lá em cima, podem ficar certos de que o Brasil estará entre as três nações mais importantes do mundo.

Boa sorte. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido à presidente da Libéria, Ellen Johson-Sirleaf

Palácio Itamaraty, 07 de abril de 2010

Senhora Ellen Johnson-Sirleaf, presidente da República da Libéria,
Senhora Olubanke King, ministra dos Negócios Estrangeiros da Libéria,
em nome de quem cumprimento os demais integrantes da delegação liberiana,
Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,
por meio de quem cumprimento os demais ministros brasileiros aqui presentes,
Senadores,
Deputados federais,
Embaixadores,
Amigos e amigas,

A primeira visita de um chefe de Estado da Libéria ao Brasil é ocasião para comemoração. Celebramos o encontro de duas nações nascidas sob o signo da liberdade e da esperança. Ninguém melhor do que a presidenta Ellen Johnson encarna esses valores. Primeira mulher africana chefe de Estado, a eleição de Vossa Excelência consagra uma trajetória dedicada à dignidade do indivíduo e à justiça para todos. As duras perseguições que sofreu não comprometeram seu empenho em favor da reconciliação nacional. As dificuldades do exílio não abalaram seu compromisso com um futuro de desenvolvimento e democracia para o seu povo.

Cara Presidenta,

O Brasil compartilha sua confiança inabalável na África. Acreditamos nos 800 milhões de africanos determinados a realizar a promessa de uma região com vastas riquezas naturais e extraordinárias perspectivas de crescimento. Nessa empreitada, a África, hoje, fala com unidade de propósito e voz



uníssona.

As realizações da União Africana e de organismos como a Cedeao e a União do Rio Mano são prova de que o continente está reencontrando o rumo da construção da paz e da consolidação da democracia.

A Libéria é símbolo dessas conquistas. Superou anos de conflito e lançou-se na reconstrução nacional. Como a Presidenta gosta de dizer, a Libéria não tem problemas, a Libéria tem desafios. O Brasil quer ser parceiro na solução desses desafios.

O Acordo de Cooperação Técnica que assinamos em 2009 mostra o caminho a seguir. O intercâmbio de equipes técnicas nas áreas de fortalecimento institucional e de saúde aponta o quanto podemos realizar juntos. A estratégia liberiana de redução da pobreza e o programa Fome Zero são experiências exitosas que devemos partilhar.

Queremos levar para toda a África nosso compromisso de fazer do bem-estar o ponto de partida do desenvolvimento solidário. O combate à Aids será sempre uma prioridade. É com essa convicção que o Brasil está construindo uma fábrica de antirretrovirais em Moçambique. Queremos que a Libéria e todo o continente tenham acesso a medicamentos e treinamentos fundamentais para derrotar uma pandemia que ameaça gerações de africanos.

No Brasil, aprendemos que não há segurança alimentar sem uma agricultura familiar robusta. E, por intermédio da Embrapa, estamos levando ao pequeno agricultor, na Libéria, a experiência brasileira de fortalecimento da produção rural. Estamos semeando em solo africano a revolução verde que os brasileiros conheceram nas últimas décadas.

Essa mesma tecnologia tropical também promete outra revolução. A Libéria possui todas as condições de clima e de solo para ser grande produtora de biocombustíveis. No Brasil, conhecemos os benefícios de reduzir a dependência dos combustíveis fósseis. Multiplicamos a geração de renda e empregos, e nos tornamos referência no combate à mudança climática.



Em maio próximo, temos a oportunidade de dar um passo decisivo nessa parceria. Vamos realizar, em Brasília, encontro com os ministros da Agricultura de todo o continente africano. Contamos com a participação da Libéria para selar definitivamente uma aliança que une tecnologia do futuro com a solidariedade que atravessa gerações.

Senhora Presidenta,

Essas são as armas dos países em desenvolvimento para vencer uma crise financeira global que golpeou, sobretudo, os mais vulneráveis. Fazer a economia mundial voltar a crescer, mas de forma sustentável, significa recolocar o tema do desenvolvimento no foco da agenda global. Gerar empregos e derrotar a fome são tarefas inadiáveis em um mundo cada vez mais interdependente.

Na caminhada da Libéria rumo à reconstrução nacional, seu melhor aliado será uma governança global democrática e equilibrada. É preciso que o Banco Mundial e o Fundo Monetário abandonem seus dogmas obsoletos e condicionalidades nefastas. O Brasil não se tornou credor desses organismos para que as coisas continuassem como antes. Exigimos reformas profundas para que os países em desenvolvimento possam ter voz ativa na definição de seu próprio futuro.

É esse o compromisso que os países do Bric renovarão em seu encontro em Brasília, na semana que vem. É também a mensagem que o Brasil levará às próximas cúpulas do G-20. Sei que estaremos falando pela Libéria e pelos jovens africanos que sonham com um amanhã à altura das melhores tradições e conquistas desse nobre continente.

É com esse propósito que dou boas-vindas à Vossa Excelência e peço a todos que levantem um brinde em homenagem a Presidenta da Libéria.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido ao presidente do Mali, Amadou Toumani Touré

Palácio Itamaraty, 08 de abril de 2010

Excelentíssimo senhor Amadou Toumani Touré, presidente da República do Mali, e senhora Lobbo Touré,

Senhor Moctar Ouane, ministro das Relações Exteriores do Mali, por meio de quem cumprimento os demais integrantes da delegação do Mali,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil, por [meio de] quem cumprimento todos os ministros aqui presentes,

Senhores deputados,

Senadores,

Jornalistas,

Embaixadores,

Empresários,

Amigos e amigas,

A primeira visita do presidente Amadou Touré ao Brasil confirma o momento excepcional de nossas relações. Não é mera coincidência que o presidente Touré venha ao Brasil no ano do cinquentenário da independência do Mali.

Intérprete autêntico das aspirações de seu povo, Vossa Excelência nos traz uma mensagem de dedicação à verdadeira soberania, àquela conquistada na luta pela democracia, pela justiça e pelo desenvolvimento. Sua luta pela redemocratização do Mali ajudou a fazer desse país um modelo de estabilidade na África subsaariana e um motivo de esperança para todo o continente africano.

Senhor Presidente,



A aproximação do Brasil com a África é motivada pela mesma busca de justiça e cooperação solidária. Prova disso é nossa parceria com os países produtores de algodão. Somos aliados contra os que pregam o livre comércio, mas praticam o protecionismo. Somos contra os que despejam bilhões de dólares no mercado internacional em benefício de poucos e em detrimento de milhares de agricultores pobres.

É esse o propósito de nossa disputa na Organização Mundial do Comércio. Na luta por um regime multilateral de comércio mais justo e equitativo é fundamental abolir os subsídios distorcivos dos países ricos. Somente assim teremos êxito em fazer das negociações de Doha uma verdadeira “Rodada do Desenvolvimento”.

A conclusão da Rodada é um imperativo para a promoção do desenvolvimento dos países mais pobres e vulneráveis. É inaceitável que nações ricas protelem os resultados de quase uma década de negociações. Mas são necessários, também, novos paradigmas na cooperação internacional. Este é o objetivo do projeto da Fazenda Modelo de Sotuba.

Estamos lançando uma experiência pioneira de fomento à capacidade produtiva do Mali, mas que beneficiará também agricultores de Burkina Faso, Benin e Chade. A primeira colheita de algodão realizada no ano passado, com a presença do embaixador Celso Amorim, comprovou o que já sabíamos: a transformação do cerrado brasileiro em um celeiro internacional [nacional] tem excelentes perspectivas de se repetir nas savanas africanas.

Essa mesma convicção leva o governo do Mali a apostar na cooperação em biocombustíveis. Como o Brasil, seu país dispõe de todas as condições para diversificar sua matriz energética e reduzir a importação de derivados de petróleo custosos e poluentes.

Essas experiências podem e devem ser ampliadas. Por isso, vamos sediar, em Brasília, em maio, o Diálogo Brasil e Países Africanos sobre Segurança Alimentar, Combate à Fome e Desenvolvimento Rural.



Meu amigo presidente Touré,

Nas diferentes partes do Brasil que Vossa Excelência visitará, poderá comprovar que a contribuição africana está profundamente enraizada em nossa cultura. O povo brasileiro quer conhecer melhor suas origens. Só entendendo sua história, poderá traçar o caminho seguro de seu futuro.

Por isso vamos aumentar o intercâmbio entre universidades, professores e alunos. Estamos tornando realidade o compromisso, em lei, de levar a cultura e a história afro-brasileiras às escolas e às próximas gerações. A abertura da Embaixada do Brasil em Bamaco, em 2008, acelerou nossa descoberta mútua. A realização, em maio, da “Semana do Brasil” revelará costumes e modos de ser que aproximam nossos povos e forjam uma identidade comum.

Com a próxima inauguração da Universidade para 10 mil alunos brasileiros e africanos em Redenção, no Ceará, vamos formar profissionais em setores estratégicos como saúde, agricultura e gestão pública.

O Brasil aposta no extraordinário potencial do Mali e de todo o Oeste da África. Essa também é a visão das empresas brasileiras que integraram a missão empresarial liderada pelo ministro Celso Amorim, em 2009. No encontro promovido ontem na Fiesp, demos novos passos para realizar essas oportunidades de negócios e de investimentos.

Meu caro presidente Touré,

O Mali está na vanguarda da caminhada da África rumo a um futuro de paz, segurança e prosperidade. A Escola de Manutenção da Paz do Mali faz parte dessa trajetória de sucesso que o Brasil reconhece e aplaude. É esse também um campo onde podemos juntar nossas experiências em benefício mútuo.

É com esse mesmo espírito de cooperação e solidariedade que convido todos, de pé, a erguerem suas taças pela saúde do presidente Touré e da primeira-dama, e pela felicidade e prosperidade crescente do povo-irmão do Mali.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Muito obrigado.

(\$211A)



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do presidente do Chile, Sebastián Piñera, ao Brasil

Palácio Itamaraty, 09 de abril de 2010

Excelentíssimo senhor Sebastián Piñera, presidente da República do Chile, e sua senhora Cecília Morel,

Senador Jorge Pizarro, presidente do Senado do Chile,

Deputada Alejandra Sepúlveda, presidente da Câmara dos Deputados do Chile,

Senhor Alfredo Moreno, ministro das Relações Exteriores do Chile, por meio de quem cumprimento os demais integrantes da delegação chilena,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, por meio de quem cumprimento os demais ministros brasileiros,

Companheiros da imprensa,

Amigos e amigas,

Ao escolher o Brasil como destino de sua primeira visita de Estado, o presidente Piñera fez mais do que renovar o afeto e a amizade que sempre aproximaram os nossos povos. Com esse gesto, Vossa Excelência reafirmou o compromisso solene que une Chile e Brasil. Nossos países redobram a aposta em um modelo de desenvolvimento verdadeiramente sustentável, solidário e integrador. Juntos, estamos ajudando a escrever um novo capítulo na trajetória da América Latina e do Caribe.

Meu caro presidente Piñera,

Durante o terremoto de fevereiro último, o Chile viu centenas de vidas ceifadas e incontáveis prejuízos à sua infraestrutura. Nesse momento de superação, certamente o Brasil estará ao lado do Chile. Vossa Excelência



dedicou o seu governo à tarefa de reconstrução nacional. Não duvidamos que, sob sua presidência, o Chile se dedicará, com redobrada determinação, a reconstruir fundações ainda mais sólidas para seu desenvolvimento e o bem-estar do seu povo.

Senhoras e senhores,

O compromisso do Brasil em ajudar o Chile a reerguer-se é concreto e incondicional. Mais do que nunca, devemos redobrar esforços para por em prática os compromissos que assumimos ao lançar, em 2006, nossa aliança renovada e a Comissão Bilateral que inauguramos.

Essa parceria se assenta em bases sólidas. Nossas economias não sucumbiram à crise econômica global, mas reagiram, reforçando complementaridades. Resistimos à tentação do protecionismo, de modo que nosso intercâmbio comercial já recuperou os níveis pré-crise. Agora, apostamos na parceria entre duas economias altamente competitivas e abertas à inovação, para acelerar a reconstrução da infraestrutura do Chile.

Os empresários que o presidente Piñera encontrou ontem, em São Paulo, terão grande interesse em participar dessa parceria, e o BNDES estará à disposição. Confiamos no potencial de um comércio que passou de 3 bilhões, em 2003, para quase 10 bilhões, em 2008. Esse ambiente econômico favorável de nossas relações fez do Chile um dos maiores investidores estrangeiros em nosso país, com um estoque de investimento de US\$ 8 bilhões. Já o Brasil investiu mais de US\$ 2 bilhões no Chile, nos últimos anos, mas, agora, temos a oportunidade de fazer mais, em benefício da recuperação deste país irmão.

Por isso, temos urgência em concluir o acordo bilateral de promoção de investimentos. Nossa parceria em TV digital é prova de que caminhamos juntos, rumo à revolução do conhecimento. Empresas, técnicos e pesquisadores chilenos e brasileiros estão unindo esforços para construir uma moderna infraestrutura de comunicações. Estamos dando o passo decisivo para forjar um pujante pólo tecnológico regional.



No momento em que o Brasil se prepara para sediar os dois maiores eventos esportivos mundiais, o memorando de entendimento que estamos assinando hoje é especialmente oportuno. Promoverá a atividade nas áreas de educação física, capacitação profissional, produção de material esportivo e intercâmbio de programa de grande alcance social.

Caro presidente Piñera,

Nossa inserção no mundo globalizado será mais competitiva e sustentável por meio de uma América do Sul unida, democrática e socialmente justa. Não nos interessa ser ilhas de prosperidade no oceano de insatisfação e frustração.

Com o apoio e a participação decisiva do Chile, a Unasul realizou grandes avanços em sua consolidação institucional, alicerçada numa agenda de superação de assimetrias e no desenvolvimento da infraestrutura viária e energética. Precisamos construir estradas, pontes, hidrelétricas, gasodutos e linhas de transmissão. Nossa tarefa imediata é inaugurar, em conjunto com a Bolívia, o Corredor Rodoviário Interoceânico, que permitirá a conexão entre Santos, no Atlântico, e Iquique, no Pacífico.

Estou convencido de que é chegada a hora de aprofundarmos nossa identidade sul-americana também na área monetária. O Brasil quer estender ao Chile a experiência que temos com a Argentina, de transações comerciais em moeda local. Chile e Brasil são peças fundamentais para a estabilidade da América Latina e do Caribe. É o que estamos fazendo ao reforçar nossa presença na Missão de Estabilização no Haiti. Nossa aposta na integração não tem volta, mas isso não basta.

Precisamos reformar uma arquitetura econômica e financeira global, que privilegia a especulação e remunera a ganância. Aqui, a Cepal terá uma contribuição essencial a dar. Ao valorizar a experiência sul-americana de combinar a ampliação da democracia com inclusão social, está recolocando o desenvolvimento no centro da agenda internacional. Precisamos, sobretudo,



que os países em desenvolvimento estejam no centro das soluções globais para problemas universais.

Por isso, agradeço a reiteração do apoio chileno, para que o Brasil ocupe assento permanente no Conselho de Segurança reformado. É gesto de confiança na capacidade brasileira de ajudar a construir soluções eficazes, legítimas e fundadas em um compromisso com a democracia, os direitos humanos, a liberdade e a justiça social.

Meu caro presidente Piñera,

Demos, hoje, passos firmes para consolidar o muito que Chile e Brasil já alcançaram durante os governos que nos antecederam. Confio que legaremos às próximas gerações realizações à altura de nossa grande amizade.

Muito obrigado. E também dizer à imprensa brasileira e à imprensa chilena que eu já disse ao companheiro Piñera que antes de terminar o meu mandato eu farei a minha visita de Estado ao Chile, para visitar o povo chileno e o presidente Piñera. Eu não sairei da Presidência do Brasil sem visitar o Chile como Chefe de Estado.

Muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a abertura oficial da 17ª semana de capacitação do Sistema Sebrae

Centro de Eventos e Convenções Brasil 21 - Brasília-DF, 14 de abril de 2010

Quero cumprimentar o companheiro Paulo Okamoto, diretor-presidente do Sebrae nacional,

Nossos queridos companheiros deputados federais Cláudio Vignatti e o ex-ministro da Previdência, José Pimentel,

Quero cumprimentar o nosso companheiro José Cláudio dos Santos, diretor de Administração e Finanças do Sebrae nacional, por meio de quem quero cumprimentar todos os diretores do Senai... do Sebrae,

Quero cumprimentar todos os delegados aqui presentes, os presidentes do Sebrae regional e delegados,

Quero cumprimentar a representação da África do Sul que está aqui, e da Índia, que está aqui presente. Vocês tratem de trabalhar direito porque tem olheiros internacionais aqui, e vocês sabem que amanhã nós vamos ter reunião do Ibas – do Ibas participam Brasil, Índia e África do Sul; e amanhã vamos ter... depois de amanhã, [reunião] dos BRICs – Brasil, Rússia, China e Índia.

Bem, o Paulo Okamoto, com o entusiasmo de sempre, falou tanto do Sebrae, que é capaz de eu ter acreditado em tudo o que ele falou aqui. Eu também não vou discutir com vocês coisas que vocês já sabem e, portanto, deveriam ser meus professores: a formação do Sebrae e a importância do Sebrae na micro e na pequena empresa, as orientações que vocês dão aqui. Nós vimos o testemunho no depoimento das duas companheiras que vieram aqui no palco.

Então, eu não vou repetir aquilo, que vocês vão dizer: “Ah, nós sabemos



mais do que o Lula. Por que ele está falando Isso?” Eu vou tentar dizer para vocês outras coisas, sobretudo da situação que o Brasil está vivendo. Vocês viram que o Paulo aqui... o Paulo veio aqui e falou que nós criamos mais de 2 milhões e 400 mil novas empresas nesse período, mas não disse quantas fecharam. Esse é o saldo positivo, esse é o Caged das empresas, ou seja, descontadas as que fecharam, sobrou um saldo líquido de 2 milhões e 400 mil empresas, o que é um saldo altamente positivo e que gerou por volta de 8 milhões de empregos, o que é um saldo ainda muito mais positivo.

Mas é importante que a gente compreenda o que está acontecendo no Brasil e por que o Brasil não conseguiu fazer com que nos últimos 30 ou 40 anos a gente tivesse um ciclo de desenvolvimento duradouro e distributivo, para que a gente pudesse estar em uma situação infinitamente melhor.

Não é apenas por conta do crescimento econômico, não é apenas por conta do crescimento econômico, porque se a gente for pegar os dados econômicos do Brasil, nós vamos perceber que de 1950 a 1980, durante 30 anos o Brasil foi praticamente a economia que mais cresceu no mundo. O que aconteceu com o Brasil? É que não houve distribuição da renda produzida. E nós temos que ter claro o seguinte: pouco dinheiro, na mão de muitos, significa distribuição de renda. Muito dinheiro, na mão de poucos, significa concentração de renda.

Se vocês analisarem o que aconteceu na crise econômica, agora, onde economias muito fortes, como a americana, como a alemã, a europeia como um todo, como o Japão tiveram uma queda expressiva... Por exemplo, nos Estados Unidos foram mais de 7 milhões de pessoas que perderam postos de trabalho, postos de trabalhos fechados. Na Europa, foram mais de 7 milhões, enquanto no Brasil, no pior ano da crise, nós criamos 905 mil novos empregos com carteira profissional assinada.

Ora, por que isso aconteceu? Porque a economia brasileira estava gerando uma coisa chamada “mercado interno”, que quando nós falávamos,



dez ou 15 anos atrás, que era preciso criar um mercado de massa no Brasil, as pessoas até achavam isso engraçado: “O que era um mercado de massa?” Ora, o mercado de massa era criar condições para que as pessoas mais pobres deste país pudessem entrar em um shopping e comprar aquilo que, até então, só determinados setores da sociedade compravam. E, muitas vezes, as pessoas criticavam: “Bom, mas esse governo só ajuda pobre, e não ajuda gente da classe média?” O que era uma bobagem imensa, porque na hora em que o pobre é favorecido e ele vira consumidor, quem ganha diretamente com isso é a classe média e os mais ricos, porque está ganhando consumidores para os produtos, para as escolas, para o comércio, de que participam os setores médios da sociedade.

As pesquisas mostram que no auge da crise, quem segurou a crise no país foram as micro e pequenas empresas e foram os pobres do Brasil. É engraçado isso. As pesquisas mostram que as classes D e E, sobretudo do Norte e do Nordeste brasileiro, consumiram mais no período da crise do que as classes A e B do Sul do país. E isso, vocês podem pegar os dados do Ipea e do IBGE, estão aí para todo mundo ver, até dos governos estaduais. Da mesma forma, você começa a perceber que o Brasil está ficando mais equânime, ou seja, já não existe mais aquele país que pensa cultura só para o Centro-Sul do país. A grande briga que nós tivemos com alguns setores artísticos e dos meios de comunicação é que eles não queriam que a gente repartisse o dinheiro da Cultura para todo o território nacional, para mostrar que a região Norte do país tinha direito a dinheiro da Cultura, que a região Nordeste tinha dinheiro da Cultura. Não era apenas aquele centro ou eixo central da cultura no Brasil, que todo mundo sabia onde estava, e também os artistas e também a televisão. Nós começamos a mudar.

Uma outra mudança extraordinária que vocês percebem é que o Índice de Desenvolvimento do Brasil, ele pega menor analfabetismo, menor mortalidade infantil; tudo isso é nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. E tudo o



que é maior analfabetismo, maior mortalidade infantil, maior desnutrição, era tudo no Nordeste brasileiro e no Norte do país. Aí você pega a maior quantidade de pesquisadores, maior quantidade de mestres, maior quantidade de doutores, tudo na região Sul, e menos nas regiões Norte e Nordeste. Então, o Brasil, o Brasil, historicamente... se vocês se depararem no [com o] mapa do Brasil, vocês vão perceber que, em 500 anos, o Brasil cresceu apenas na orla marítima. Somente em [19]50 o Juscelino resolveu adentrar o Centro-Oeste brasileiro, construiu Brasília e a Belém-Brasília, que espraiou um pouco. E depois, com a revolução agrícola, também promovida por uma empresa tipo Embrapa, é que a gente chegou à totalidade do Centro-Oeste e conseguiu desenvolver regiões importantes do Brasil. Mas ainda estamos muito desiguais.

E o Sebrae pode ajudar que o Brasil seja mais equânime. É transferindo o conhecimento acumulado na região mais rica do país, onde vocês já adquiriram mais densidade na formação do Sebrae, na qualificação profissional, e levando isso para as regiões mais pobres, porque também o Sebrae não inventa a roda, o Sebrae não precisa inventar a roda. A criatividade do povo, a engenhosidade do povo já fazem as coisas. O que o Sebrae precisa é chegar lá com os seus quadros técnicos e dar cara para aquilo que é um produto, muitas vezes, artesanal, sem valor comercial, que poderia ter muito valor se tivesse acesso a conhecimento, a novas técnicas, a novas práticas, a novas tecnologias. Esse é um papel extremamente importante, que o Sebrae pode fazer uma revolução neste país.

Eu, outro dia estava dizendo ao Paulo Okamoto: você sabe o que eu estranho nas microempresas brasileiras, mesmo depois daquele movimento todo para aprovar a Lei Geral, você sabe o que eu estranho? Porque na agricultura a gente tem o Ministério da Agricultura, que é o MAPA, e tem o Ministério do Desenvolvimento Agrário? Ora, é porque é incompatível você ter, no mesmo ministério, alguém que tem 200 mil hectares de terras e alguém que tem 10 hectares de terras. E eu falei para o Paulo Okamoto, outro dia: Eu não



entendo por que vocês nunca reivindicaram a criação de um ministério da micro e pequena empresa no Brasil, nunca! Não é estranho, não é estranho, Edival, que nunca tenha reivindicado, com todo aquele movimento de milhares de empresários em Brasília? Vocês devem ter feito centenas de reuniões pelo estado que vocês trabalham, e nunca apareceu essa pauta de reivindicação. Porque, veja, é incompatível... o mesmo ministro que está preocupado com os problemas da Gerdau, está preocupado com o problema da companhia de Brasília que veio aqui. É incompatível. São dimensões tão diferentes, que um mesmo ministro não pode tomar conta. Eu não vou fazer mais isso agora, porque também não vou criar ministério em final de governo. Mas eu estou apenas dizendo para vocês que vocês não podem prescindir de ter uma representação do micro e do pequeno empresário. Eu vou dar uma coisa: quando eu entrei no governo, o Ministério da Agricul... o Ministério da Pesca não existia. A Pesca, Paulo era um departamento da Agricultura. (falha no áudio) A Pesca... (falha no áudio). Ora, era inconcebível alguém que era especialista em criar vaca, criar boi e plantar soja, cuidar de peixe. Então, o que nós fizemos? Vamos criar algo especial para cuidar da piscicultura no Brasil. E fazer uma revolução, porque vocês sabem que nas águas públicas a gente não podia criar peixe em tanques-rede. Quando você vê a gente discutindo hidrelétricas, e você vê alguns companheiros índios, com muita razão, discutindo o fim do peixe no rio deles, que eles pescam ali... Às vezes, coitadinho, fica lá o dia inteiro e não pega um peixe! O que nós temos que oferecer para ele? Um tanque-rede cheio de peixes, do tamanho que ele quiser, para ele pegar quantos ele quiser, com a mão, o dia inteiro. É oferecer algo melhor do que ele tem. É isso que o Sebrae pode oferecer, algo melhor do que as pessoas estão habituadas a ter, neste país. Agora, isso não seria possível... Não seria possível nós chegarmos à situação que nós chegamos se não tivesse tido uma revolução na mentalidade do nosso povo e na mentalidade do governo.



Eu vou dar um dado para vocês, muito sério: quando eu cheguei ao governo, o Brasil tinha, nos 8,5 milhões de quilômetros quadrados, R\$ 380 bilhões de crédito. Hoje, só o Banco do Brasil tem 380 bilhões, o Brasil inteiro já está com R\$ 1 trilhão e 450 bilhões de crédito.

Ora, como é que a gente poderia se alvarar – sobretudo aqueles que me chamavam de tudo quanto é nome – em ser um país de economia capitalista, se a gente não tinha crédito para capital de giro, se a gente não tinha crédito para a grande empresa, se a gente não tinha financiamento? Quando é que um pequeno empresário conseguia entrar em um banco para pegar um dinheirinho emprestado, seja dez contos? Ele não conseguia! E, ainda, eu sei que não tem a facilidade que deveria ter.

Mas nós também precisamos ter um pouco de cuidado, porque se a gente avacalhar com o crédito, nós vimos o que deu no *subprime* americano. Foi o desleixo do controle bancário que [não] percebeu e que fez a crise chegar aonde chegou. Um banco não pode emprestar mais do que uma quantidade de vezes o seu patrimônio líquido porque, senão, ele está emprestando o que não tem. E quem empresta o que não tem, muitas vezes quebra.

Então, nós chegamos a uma situação, companheiros, em que a gente pode dar mais um salto de qualidade. Eu sei do entusiasmo do Paulo, da direção do Sebrae. Eu sei que o Sebrae é uma das poucas coisas que são unanimidade no Brasil. É uma coisa muito plural, não se discute ideologicamente dentro do Sebrae, se coloca diante do problema concreto e tem que apresentar solução. Mas eu acho que nós estamos, todos nós, precisando crescer um pouco mais.

Neste mundo globalizado, nós não temos mais o direito de ficar olhando apenas para dentro do nosso próprio umbigo, e achar que, a gente fazendo as coisas boas para nós, está resolvido o problema. É preciso que a gente pense claramente que neste mundo globalizado, em que tudo pode circular mais livremente no mundo, que a gente vai conseguir fazer com que a nossa



microempresa entre no mercado de exportação se a gente não tiver como uma das metas aumentar as nossas exportações. Vocês estão lembrados de que na campanha de 2002 eu dizia que o meu ministro da Indústria e Comércio seria um mascate. Eu imaginava ele um... sabe aquele mascate? Os mais velhos se lembram aquele... nós chamávamos de “turco”, que chegava na porta da casa da gente com uma sacola cheia de pedaços de pano para vender, e ficava lá meia hora com a mãe da gente, enrolava ela, e vendia um paninho para receber em dez vezes. Naquele tempo não tinha... era uma cadernetinha. Era muito famoso, o mascate. O mascate não ia vender coisas na Avenida Paulista porque ali não era público dele, ele ia vender na periferia.

Eu acho que o Brasil, o Brasil, chegou nessa crise em uma situação confortável porque outra mudança que nós fizemos foi a diversificação da relação comercial do Brasil. Até 2003, o Brasil tinha, praticamente, 30% do seu comércio exterior com os Estados Unidos, 30% com a União Europeia, e o restante com o mundo. O que nós fizemos? Nós diversificamos. Possivelmente, muitos de vocês estranharam quando eu viajava para a África: “O que o Lula vai fazer na África? Tem que ir para a Alemanha, tem que ir para a França”. É uma bobagem. Bobagem, eu diria, da nossa submissão, porque a França tem menos chances de comprar coisas de nós do que um país africano. Eu lembro quando eu fui ao Oriente Médio, eu fiz uma feira em Dubai e gastamos US\$ 500 mil, e a crítica era: “Por que o Lula gastou US\$ 500 mil em Dubai?” E ninguém publicou por que nós vendemos US\$ 50 milhões naquela noite, ninguém publicou.

Então eu acho, Paulo, que o Sebrae tem que adentrar esse mundo misterioso da competitividade internacional. E nós temos um leque de oportunidades que outros países não têm, pela nossa proximidade com o continente latino-americano e com o continente africano. Se o Brasil não aproveitar esse momento de democratização da África, esse momento... A África está com 800 milhões de habitantes, são 53 países. E nós temos que



imaginar que cabe aos chamado “mundo em desenvolvimento” e “mundo desenvolvido” ter uma consciência econômica que não se aprende na escola. Essa é a aula do bom senso. Ou seja, cabe ao mundo rico, para sustentar a sua própria capacidade produtiva, transformar o povo mais pobre em consumidor. É uma coisa tão simples! Não sei se o Edival aprendeu isso no curso de economia que ele fez na Bahia. O Julinho Rafael também não deve ter feito economia, não... Com essa gravatinha-borboleta dele, eu não sei onde ele aprendeu. Mas, o dado concreto é que é uma lógica simples. O mundo rico produz coisas sofisticadas, eles precisam de consumidores. Portanto, se eles precisam de consumidores, eles são obrigados a ajudar os países pobres a se desenvolverem, para comprar os produtos que eles produzem, porque senão a coisa não dá certo em Economia. Isso não sou eu que estou falando. O Henry Ford, no começo do século XX, dizia: “O meu funcionário precisa ganhar bem, para comprar o meu carro. Se ele não comprar o carro, eu não vou conseguir fabricar carro”. É uma lógica que vale para todo mundo.

Então o Sebrae, Paulo, nesse instante, eu acho que o Sebrae precisa colocar... quem sabe montar um seminário só para isso, para discutir qual a participação que o Sebrae pode ter na inserção da micro e pequena empresa brasileira no mercado internacional. E quando eu digo que a gente pode vender mais para a África e para a América Latina é porque os países que produzem produtos mais sofisticados... Máquinas agrícolas: não é a Alemanha que vai comprar máquinas agrícolas nossas, é? Não é a França, não são os Estados Unidos. Quem vai comprar, quem é? É a América Latina; quem vai comprar é a África. E nós temos que competir com as matrizes. Por isso é que a nossa indústria grande tem mais dificuldade. Mas vocês não têm matrizes. A micro e pequena empresa, Paulo, não tem matriz na Alemanha, não tem matriz em Vêneto, não tem matriz na Vila Romana. A matriz somos nós, a matriz é a casa, é o quintal, é a nossa família. Essa é a nossa matriz e, portanto, a gente não está proibido de participar deste mundo maravilhoso que é a competição



no mercado internacional livre, que pode fazer com que a nossa empresa cresça.

Agora, para isso, tem uma coisa que eu aprendi e que eu queria dizer para vocês. Pelo entusiasmo que vocês tiveram quando o Paulo falou e pediu para vocês levantarem a mão, eu acho que vocês podem fazer mais do que estão fazendo, porque, muitas vezes, a gente também se deixa acostumar com a mesmice e a gente, muitas vezes, fica em casa esperando as pessoas nos procurarem. Quando, na verdade, eu penso, Paulo, que o Sebrae, nesse momento, deveria sair mapeando o Brasil. Eu vou contar um exemplo para vocês: o IBGE divulgou um número, em 2004, que o Brasil precisava fazer ligações – 2 milhões de ligações – para a gente zerar o déficit de luz neste país – 2 milhões. Nós, então, assumimos o compromisso de fazer o programa Luz para Todos. Quando nós adentramos... Gostou, Julinho? Adentramos! Quando nós adentramos as entranhas deste país, o que nós descobrimos? Quando nós atingimos 2 milhões de casas, que fizemos a ligação, nós descobrimos mais 1 milhão. E no ano passado, quando nós fomos decretar alguns estados que tinham atingido a universalização do Luz para Todos, nós descobrimos que não tinha coisa nenhuma; que a empresa, ao ir para campo, ela descobriu que tinha mais gente. Então, nós descobrimos mais 975 mil, assumimos o compromisso. Quando foi na semana passada, descobrimos mais 495 mil casas; além das 975 [mil], mais 400 mil. Ou seja, em vez dos 2 milhões que o IBGE disse, nós tínhamos, na verdade, mais de 3 milhões de casas sem luz neste país. Significa que nós tínhamos por volta de 15 milhões de brasileiros vivendo, ainda, no século XVIII.

E o que é levar a luz na casa de uma pessoa? E o Sebrae poderia chegar atrás, o Sebrae poderia chegar atrás. Quando você leva três bicos de luz, ou três tomadas na casa de uma pessoa, e você acende a luz, você está tirando a pessoa do século XVIII e transportando ela, num toque de mágica, para o século XX.



Ao chegar a luz, chega a geladeira. Nós fizemos a pesquisa com 3 mil beneficiários, 85% comprou geladeira, 79% comprou televisor, mais de 50% comprou aparelho de som – certamente para ouvir os discursos do Paulo Okamoto nas palestras do Sebrae. O dado concreto é que quando chega isso na casa das pessoas, seria importante que pudesse chegar o Sebrae, com um pacote de coisas, mostrando para as pessoas: “Olha, você pode fazer sorvete de fruta, você pode fazer isso, você pode fazer aquilo, você pode virar...”. Ou seja, nós chegarmos oferecendo, não é esperar que as pessoas nos procurem, porque muita gente nem sabe que a gente existe. O Sebrae pensa que é muito conhecido... para quem vê televisão, mas você vai nas entranhas do sertão e ninguém sabe que existe. Tem lugar que as pessoas nem sabem o nome do Presidente!

Então, eu acho – viu, Paulo? – que seria uma revolução, uma mudança de comportamento. A gente fazer como se fosse um... o Sebrae adentrando este país como se fosse o Projeto Rondon, em cada estado. Cada estado assumir o compromisso de mapear, cada cidade: quantas possibilidades de negócio tem? Quando o Paulo Okamoto chegar na Bahia e perguntar: “Ô, Edival Passos, eu quero saber, lá em Feira de Santana, quantos microempresários tem e qual é a (incompreensível)?” Ele tem que saber, na ponta da língua, quantos são do Sebrae e o que ele pode fazer, para a gente poder aproveitar este momento de ouro que o Brasil está vivendo, o momento de autoestima, em que todo mundo quer fazer as coisas, todo mundo está acreditando e todo mundo pode mais um pouco. Se não for assim, a gente não faz nada.

Quando eu entrei no sindicato, meus companheiros, em 1975, na presidência, como é que funcionava o sindicato? O Paulo sabe. Você entregava um boletim na porta de fábrica: “Assembleia na sexta-feira, às 10 horas da noite, para discutir tal coisa”. Então, a gente começava com o primeiro erro: é que a gente falava mal do governo o tempo inteiro, e aqui embaixo a



gente colocava o horário da assembleia e o local. O coitado do peão não conseguia ler tudo até chegar na porta da fábrica, jogava fora, e não sabia onde era a assembleia. Ou não ia porque não estava motivado: o cara trabalhar o dia inteiro, levantar às 4 horas da manhã, pegar num batente desgraçado, comer um prato de arroz com salitre deste tamanho, meio frango. O bicho... Porque eu descobri depois de velho, Paulo, que a gente come com os olhos, não é verdade? Eu vou fazer uma experiência de colocar uma tapa nos olhos quando eu for comer, porque você fica comendo olhando o que está em volta da mesa.

Então, a gente... o trabalhador trabalhava o dia inteiro e ficava lá o Paulo Okamoto no sindicato, no bem-bom: “Às 19h, assembleia para discutir aumento de mensalidade”. O cara não ia, o cara não ia e... Além de o cara não ir, tinha uma tal de assembleia de prestação de contas e previsão orçamentária, que aí é que não ia mesmo. Aí o dirigente sindical dizia o seguinte: “Olha, eu convoquei, mas não veio. É porque o trabalhador confia em nós”.

Pois bem, o que nós mudamos? Qual foi a mudança que mudou a história do sindicalismo brasileiro, com a mesma estrutura sindical, com os mesmos militares governando o país? É que nós trocamos o convite para o trabalhador ir ao sindicato para nos ver, e começamos, nós, a ir à porta da fábrica para ver o trabalhador, o que era a coisa mais lógica. Em vez de ficar dentro da minha sala com ar-condicionado, no sindicato, esperando que o trabalhador saísse da Volkswagen, da Brastemp, da Ford, e fosse ao sindicato, era melhor que os dirigentes saíssem do sindicato e fossem para a porta de fábrica. O que aconteceu é que a gente mudou, a gente mudou e fez uma pequena revolução no movimento sindical neste país sem mudar uma letra da lei, sem mudar nada, apenas mudando o nosso comportamento. A gente ia à porta de fábrica às 11 horas da noite, a gente ia às 2h20 da manhã, a gente ia às 6h da manhã, às 7h, às 8h, às 11h, às 2h, ou seja, não tinha trégua, não



tinha trégua, e criou-se uma relação de confiança que resolveu parte dos nossos problemas, e eu cheguei até à Presidência da República. É! Quem é que imaginava que eu pudesse chegar à Presidência da República? Hoje o prato está feito e ninguém quer saber quem fez, é como... Vocês sabem... você vai... quem tem filho aqui, de 13, 14 anos, a mãe passa o tempo inteiro no fogão comendo fumaça, comendo óleo, fazendo comida, e quando bota na mesa, ele fala: “Eu não gosto, eu não quero. Não tem tal coisa?” Então, quando tudo está pronto fica fácil, a gente não quer discutir. Mas, então, eu acho que como nós fizemos essa pequena revolução de comportamento, eu acho, Paulo, que pela grandeza do Sebrae, pela qualidade técnica do Sebrae, pela credibilidade do Sebrae, pela imagem que o Sebrae construiu neste país, eu acho que o Sebrae tem que dar um salto, eu acho que o Sebrae precisa começar a procurar as coisas e criar novidades no mercado interno e no mercado externo.

Quantas delegações do Sebrae, Paulo, você já mandou para passar uns 15 dias na África? Não precisa ir muito longe não, Paulo. Saindo de Fortaleza até Cabo Verde, são três horas e meia de avião, são três horas e meia de avião. Bota meia dúzia de companheiros e companheiras para ir a Cabo Verde, bota para ir a Angola. Em Angola você vende até o sapato que está no pé. E nós temos coisas para vender. É só olhar o oceano, veja quantos países fazem fronteiras conosco. O Brasil mudou porque o Brasil tinha a mania de só olhar para a Europa. Nós éramos capazes de chegar a Frankfurt sem ver o continente africano. Você olhava para a “botinha” da Itália, lá no final, olhava assim, para não ver o continente africano. Qual é a nossa balança comercial com a Itália? Nove bilhões. Nós já temos, praticamente, 25 bilhões com a África. Qual é a nossa balança comercial com a França? Seis ou 7 bilhões. Com a Venezuela, é mais do que isso. Então, nós, Paulo, temos uma chance extraordinária, e ninguém vai ficar esperando, Paulo. Não pense que americano, que alemão, que francês, que italiano, que inglês vai dar colher de



chá para nós. Vai dizer: “Não, essa parte aqui nós não vamos vender, vamos deixar o Brasil vir aqui.” Não vai deixar. Nós temos que chegar lá com a nossa graça, com o nosso gesto, com o nosso charme, e tentar fazer com que a gente coloque os nossos produtos. Eu acho que era isso que deveria motivar vocês. Porque vocês também já estão cansados, vamos ser francos, fica dentro de uma sala com ar-condicionado lá, esperando, esperando passar alguém lá.. “Bom, vai vir aqui alguém reclamar?” Não, é ir lá, vocês têm que, agora, ser garimpeiros, os garimpeiros de oportunidades. Sair a campo.. Até poderia criar uma coisa tipo médico de família... Não! É pesquisador de oportunidades, é o pessoal que vai sair a campo, em cada rua, para procurar gente neste país.

Eu acho que a gente poderia fazer... fazer uma revolução neste país. Eu só posso dizer isso para vocês porque o Sebrae é uma instituição altamente qualificada, altamente respeitada, e o Sebrae tem cacife para fazer isso. Eu duvido de que se o Sebrae anunciar em uma cidadezinha pequena no interior, em Santo Antônio - a terra do macarrão na Bahia - eu duvido que se o Sebrae anunciar: “Amanhã o Sebrae estará aqui para anunciar a...” sei lá... a aula ou curso, ou descobrir, oferecer oportunidades, eu duvido que não lote qualquer salãozinho de igreja que tenha lá na cidade, por menor que seja, porque todo mundo quer uma oportunidade.

Ô gente, eu vou contar para vocês o que é oportunidade. Quatro anos atrás nós não tínhamos Olimpíada de Matemática em escola pública. Eu participei... nossa professora Sueli Druck, ela me trouxe cinco meninos que ganharam medalhas de ouro da Olimpíada de Matemática, que só existia em escola privada, e o Ceará tinha muita gente. Quando me trouxe aqui, eu falei: Por que a gente não faz na escola pública? Sabe o que falaram para mim? “Escola pública não participa. Alunos de escola pública não têm motivação, não vão participar.” Pois bem. Sabem quantos se inscreveram este ano? Vinte milhões de adolescentes, da 4ª série em diante, para fazer a Olimpíada de



Matemática, 20 milhões. E uma coisa que eu aprendi: nós fomos entregar a medalha de ouro, agora, lá no Rio de Janeiro. Aquele menino do Ceará, o Ricardo... O Ricardo, ele não mexe a mão, ele está em uma cadeira de rodas há não sei quantos anos, nasceu com uma doença muito grave. Ele é tetracampeão da Olimpíada da Matemática. É um gênio que a gente não teria descoberto, se não fosse a Olimpíada da Matemática. O que é, na verdade? É oportunidade.

Então eu acho, Paulo, que o Sebrae poderia colocar dentro das suas metas promover oportunidade a essas pessoas no mercado externo e no mercado interno, oferecendo produtos, um pacote de produtos. Porque tem muita gente... no meu tempo de adolescente, Paulo, e no teu também, o que o pessoal queria ser? A gente estava trabalhando, a gente era mandado embora, a gente queria ou ser motorista de táxi - não era isso? Qual era o sonho? – ou ter um bar. Aí, todo (risos) não tem lugar no mundo que tenha mais bares do que o Brasil, vamos ser francos! Tem lugar que, para poder fazer a economia funcionar, o dono do bar vai tomar no outro bar; eles trocam, para ver dinheiro novo circulando ali, no pedaço.

Então, eu queria, companheiros, primeiro dizer para vocês do meu reconhecimento ao Sebrae. Paulo, se você não sabe, eu, quando estou em casa, eu, eu assistia *Pequenas Empresas Grandes Negócios* achando que era um programa do Sebrae. Somente quando você me falou é que eu me dei conta de que não era. Mas, obviamente, que tem um “quezinho” pelo Sebrae, tem um “quezinho”, porque sempre aparece o Sebrae ali, nichos de oportunidade, nichos daquilo... Eu acho legal.

Então, eu queria, companheiros, é quase um apelo de alguém que daqui a nove meses não será mais presidente da República. Mas, certamente, o Sebrae continuará, e continuará cada vez mais forte. Hoje nós temos consciência do papel da micro e pequena empresa, mas também nós temos consciência de que não basta uma lei, nós aprovamos a Lei Geral e muita



gente ainda não aderiu, muitos prefeitos não fizeram a lição de casa, muitos governadores não fizeram a lição de casa para ela poder dar certo. Portanto, Paulo, o mesmo movimento que vocês fizeram para a gente aprovar a Lei Geral, tem que continuar fazendo para as pessoas... porque ninguém quer abrir mão do imposto, esse é o dilema, é por isso que a gente não aprova a reforma tributária nunca.

Então, eu acho que o Sebrae pode, e pode muito mais. E eu saio com a convicção de que, certamente, eu não pude fazer tudo, mas tudo o que o Sebrae reivindicou e que esteve ao meu alcance, eu fiz, inclusive de não encher o saco de vocês. Tantas vezes que o Paulo queria que eu fosse em reunião, e eu falava: Não vou. Mas eu penso que vocês podem mais, sinceramente, eu penso que vocês podem mais. Eu acho que o Sebrae, o Sebrae pode sempre inovar. Imaginem o dia em que todos os funcionários do Sebrae, os técnicos, estiverem com uma gravata-borboleta, como o Júlio Rafael, o que vai crescer, de inovação, na fábrica de gravatas-borboleta! Imaginem que coisa... Você não está vendendo rede, não, não é? Hein? Não vende mais rede. Significa que está sobrevivendo às custas do salário do Sebrae.

Por isso, Paulo, olha, eu queria te dar os parabéns. Você também está para cair fora, não é, meu caro? Você... Eu... É preciso inovação e renovação para que as coisas possam funcionar mais a contento no nosso país.

Olha, de coração, de coração, eu quero... não sei se a gente vai se encontrar mais até o final do meu mandato, mas eu queria dizer para vocês do mais profundo respeito que eu tenho pelo trabalho que o Senai [Sebrae] presta – é porque o Senai prestou trabalho para mim, então... – pelo trabalho que o Sebrae presta neste país. E certamente vai continuar prestando cada vez mais, porque eu acho que, cada vez mais, vai sendo criada na cabeça das pessoas a ideia do empreendedorismo. Com a quantidade de escolas que estão sendo feitas neste país... Esse é um dado importante, Paulo: a meninada que está



estudando, a meninada não quer mais ir para um fábrica ser torneiro mecânico, não quer mais ir... eles querem alguma coisa maior, e todo mundo tem sonho de trabalhar por conta própria.

Você sabe que nós, homens e mulheres, temos algumas paixões na vida, não é? Toda mulher gostaria de casar com um cara bonito e bom, e todo homem gostaria de casar com uma mulher bonita e boa. Todo mundo gostaria de ter um carro, todo mundo gostaria de ter uma boa casa, não é isso? Agora, muita gente, a maioria gostaria de trabalhar por conta própria. É uma coisa com que as pessoas sonham, é trabalhar por conta própria, e aí é que é preciso a gente descobrir essa coisa que está... esse ponto “G” da criatividade do ser humano nos negócios, para que a gente pudesse fazer uma revolução.

Eu ia muito à Emília-Romagna, ia ver como é que se desenvolveu a Emília-Romagna, na Itália, e eu ficava com uma inveja desgraçada da força das cooperativas na Itália. Ficava com uma força, sonhava em fazer aqui. Os números que o Paulo deu, de número de empresas, é importante, mas aqui tem um companheiro da Índia, e lá tem 26 milhões de micro e pequenas empresas. Vocês percebem que nós temos competidores fortes nesse pedaço aí.

Então, Paulo, parabéns. Que Deus abençoe cada um de vocês, cada uma de vocês, e que a gente possa, no ano que vem, vocês estar fazendo um encontro como este, exaltando novas conquistas do nosso querido Sebrae.

Um abraço. Boa sorte.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura do 21º Congresso Brasileiro do Aço**

São Paulo-SP, 14 de abril de 2010

Meu caro governador do estado de São Paulo, Alberto Goldman,
Meu caro amigo, ministro das Cidades, Marcio Fortes,
Minha cara companheira, governadora do estado do Pará, Ana Júlia,
Senador Aloizio Mercadante,
Deputado Leonardo Quintão,
Prefeito Gilberto Kassab,

Meu caro amigo Cláudio Scliar, secretário de Geologia e Mineração do
Ministério de Minas e Energia,

Meu caro Fábio Roberto Silva de Azevedo, presidente do Instituto Aço
Brasil,

Meu caro André Bier Gerdau, vice-presidente do Instituto Aço Brasil,

Meu caro Marco Polo de Mello Lopes, vice-presidente executivo do
Instituto,

Companheiros e companheiras,

Eu estava comentando ali, na mesa, que uma das razões pelas quais o
Gerdau começou a crescer, quando ainda seu pai produzia prego, é que
naquele tempo o povo não tinha anemia, ainda talvez não tivesse remédio para
anemia, mas eu lembro que a minha sogra colocava prego grande dentro da
panela de alumínio, para fazer feijão e arroz, para as crianças não pegarem
anemia. O Presidente do Instituto do Aço teve anemia esses dias, porque não
colocou um prego do Gerdau dentro da panela. Se tivesse colocado, não teria
sido constatada uma anemia.

Mas eu quero dizer para vocês da minha alegria de estar aqui. Primeiro,



porque nós precisamos pensar no futuro deste país. Acho que o Brasil vive um momento histórico excepcional. Vocês, empresários que viajam o mundo, tentando vender ou comprar alguma coisa, são testemunhas de que o momento de credibilidade e de expectativa que vive o Brasil é muito grande. Nós temos aqui representantes da siderurgia chinesa, e temos aqui o nosso amigo Mittal, que podem confirmar o que representa o Brasil.

O problema é que o Brasil, depois de algum tempo, depois de 30 anos sendo a economia que mais cresceu no mundo, de [19]50 a [19]80, o país entrou numa fase de atrofiamento e de incerteza. Porque houve momento aqui no Brasil, em que os governantes achavam que poderiam enganar os outros com facilidade, assumir compromissos e não cumprirem, assinarem documentos e esquecerem depois, achando que o mundo não se importava com isso. E o dado concreto é que durante muito tempo o mundo começou a perceber que o Brasil não tinha condições de cumprir parte dos compromissos que ele tinha assumido.

Eu estou falando dos anos em que o Brasil teve o seu último grande ciclo de crescimento, que foi no governo Geisel, e que contraiu uma dívida imensa a 3% de juros e que depois a dívida, para resolver o problema da economia americana, foi para 21% e que, portanto, a nossa dívida ficou quase que impagável e incontrolável. Foi um momento, eu diria, de desperdício deste país. Agora eu penso que, ao mesmo tempo, todos nós aprendemos com as lições, com os momentos difíceis que nós vivemos e, aos poucos, o Brasil foi se acertando para chegar ao ponto que o Brasil está hoje. Isso não é obra de um governo, não é obra de dois governos, isso é um processo histórico. Você mede o acúmulo de erros, o acúmulo de certezas. Certamente, em todos os momentos da história, você teve alguma coisa que sobrou de benéfico à economia brasileira, ao setor siderúrgico, à indústria automobilística, à linha branca que, na verdade, são os setores que mais utilizam o aço que nós produzimos.



Mas, ao mesmo tempo, houve um tempo em que a gente não acreditava na possibilidade e na capacidade do mercado interno brasileiro. Houve um tempo em que a gente achava que o Brasil não era capaz de construir um mercado de massa e que, portanto, nós tínhamos que preparar nossa estrutura produtiva apenas no sentido de competir no mercado internacional. Competir com parceiros que nem sempre é fácil ganhar, pelas condições objetivas de produtividade, pelas condições de cada país. E nós resolvemos, então, adotar uma outra postura, ou seja, vamos tentar, a partir de nós mesmos, criar as condições para que a gente possa utilizar dentro do mercado interno, sem diminuir a importância do mercado externo, toda a capacidade produtiva do nosso país. Vocês, empresários, são testemunhas, e muito fortes, de que nós tivemos quase aproximadamente 25 anos em que os investimentos em infraestrutura no Brasil eram muito pequenos. Aliás, algumas grandes empresas do setor da construção civil aprenderam a ganhar muito mais dinheiro lá fora do que aqui dentro porque não tinha obra de infraestrutura. Conta-se no dedo as obras que foram feitas por conta de uma situação anômala do país.

O país, para se desenvolver, contraiu uma dívida a uma taxa de juros e, pouco tempo depois, a taxa de juros ficou outra e, pouco depois, o Brasil não conseguia saldar com seus compromissos e todo mundo sabe o inferno que nós vivemos durante duas décadas neste país. Nós, agora, vivemos exatamente o oposto daquela situação. O Brasil tem uma economia sólida, o Brasil tem mais reservas do que dívidas. O Brasil tem uma dívida pública altamente controlada e mais baixa do que grande parte de outros países desenvolvidos do mundo, e o país tem uma autoestima que motiva desde o mais humilde brasileiro ao maior empresário a acreditar que é possível fazer as coisas neste país. Além disso, o Brasil tem perspectivas importantes por conta das Olimpíadas de 2016, por conta da Copa do Mundo e por conta das necessidades de investimento que nós precisamos fazer.



A governadora Ana Júlia, que é governadora do Pará, ela sabe que nós ficamos praticamente 20 anos – 20 anos – proibidos totalmente de fazer estudos para viabilidade da construção da hidrelétrica de Belo Monte. Não era fazer a hidrelétrica, não. Era a proibição de fazer estudos. Agora mesmo, eu vi nos jornais hoje, tem muitas ONGs vindo de vários cantos do mundo, alugando barco para ir para Belém para poder tentar evitar que nós façamos a hidrelétrica. Ora, obviamente que o projeto que foi feito, ele foi modificado – o lago é um terço daquilo que estava previsto anteriormente – exatamente para que a gente possa dar todas as garantias ambientais e dizer a qualquer cidadão do planeta Terra que ninguém tem mais preocupação de cuidar da Amazônia e dos nossos índios do que nós. Não precisa quem já destruiu o deles vir aqui dar palpite no nosso.

E nós sabemos das dificuldades de fazer isso. Vamos ser francos, companheiros, a rapidez com que a gente conseguiu estabelecer Santo Antônio e Jirau. Quem de vocês participou dos encontros, dos debates, sabe que foi quase que uma coisa, eu diria, recorde, vencer todos os obstáculos que nós tínhamos para chegar lá, como temos obstáculos para construir as ferrovias. Eu quero dizer para vocês aqui, sem medo de errar, que nós estamos neste momento construindo e contratando por volta de mais de 6 mil quilômetros de ferrovia. A ferrovia Norte-Sul, que tinha sido construída, em 17 anos, 215 quilômetros, ela vai chegar nos próximos quatro anos a Estrela D'Oeste, em São Paulo. Nós vamos ligar o Porto do Itaqui ao Porto de Santos. E também nós precisamos fazer com que o marco regulatório seja discutido nacionalmente. Não é possível que uma empresa dona de uma ferrovia só possa passar o trem dela e os produtos dela sem levar em conta a ociosidade dos trilhos durante o restante do dia, o restante do mês ou restante da semana. É como se em uma estrada pudesse só passar os caminhões de uma determinada empresa. Esse é um debate que nós queremos fazer para tentar mostrar a necessidade de o Brasil destravar todo e qualquer empecilho



burocrático para que a gente dê o salto de qualidade. É preciso que o Brasil utilize o potencial que ele tem de crescimento e desenvolvimento e que tenha vantagens comparativas para que a gente possa disputar o mercado externo, que não é fácil. Não é fácil porque ninguém obriga ninguém a comprar coisa nossa, é preciso disputar, é preciso criar as condições para produzir mais barato, com mais condições, e aí nós queremos discutir, e é por isso que eu não tenho nenhuma preocupação em dizer, ao contrário daqueles que governam achando que sabem tudo, eu prefiro ser uma “metamorfose ambulante”, estar sempre mudando, aprendendo, tentando criar condições para a gente não fazer a mesmice, tentar inovar, na medida em que nós precisamos crescer.

Este país, pouco tempo atrás, tinha parado de construir navios. Este país se dizia incompetente para produzir sondas e plataformas. Eu lembro que, na década de 90... A vantagem de perder muitas eleições é que a gente vai aprendendo a cada eleição. Eu lembro que na década de 80, quando eu fui candidato a presidente, o discurso que eu tinha que fazer era que o petróleo no Brasil era para mais 20 anos, o mundo árabe era para mais 80 anos, o México era para mais 30 anos. Então já trabalhava, Gerdau, tentando imaginar o que vinha depois do petróleo. E nós já tínhamos o etanol, mas ainda não tínhamos o biodiesel. E, depois, quando a gente começou a investir um pouco mais em pesquisa, a gente percebeu que abaixo de onde a gente já tinha catucado para achar petróleo, a gente achou mais, de melhor qualidade e maior quantidade. E é isso que vai permitir a este país prever o seu futuro. Porque, obviamente que nem o governo nem os empresários podem fazer o que precisam fazer se não tiver uma garantia de que existe possibilidade, existe mercado e existe condição de a gente produzir. E aí eu entro na questão da Vila de Aço que eu fui visitar agora há pouco.

No último dia 10 de fevereiro, quando nós nos encontramos em Brasília, eu perguntei para vocês por que a gente não tinha casa de aço no Brasil, por



que não se fazia casa de aço. E me surgiu a ideia porque eu tinha ido aos Estados Unidos fazer a reunião do G-20 e eu fui à capital do aço, Pittsburgh. E cheguei lá, eu vi, a cada 500 metros, uma ponte de aço. Eu dizia, aqui, no Brasil, a gente tem uma ponte de concreto, e uma fica distante da outra seis meses [metros]. Ou seja, lá é quase... Eu acho que foi algum gênio que falou: “Bom, nós temos muito aço mesmo, precisa de ponte aqui para atravessar, vamos gerar emprego produzindo aço, fazendo ponte e (incompreensível) a vida do povo”. Então, é verdade, eu vejo ponte aí que poderia ser feita de aço. Um monte de ponte, de repente vem o... Não tenho nada contra concreto, não tenho nada. Eu quero mais é que tenha coisa de concreto e que tenha coisa de aço. Mas eu não consigo compreender porque há predominância de um setor muito mais difícil de manusear do que o outro. O outro, qualquer metalúrgico como eu, que chegou à Presidência, pode comprar, chegar na fábrica e falar: “Me dá a fábrica [casa] de aço, aí. Me dá uma de 62 metros quadrados, dois banheiros, um quarto, um lugar para televisão, para ver o jogo do Corinthians”, compro, vou lá em casa, parafuso, monto e vou morar na minha casa. Teoricamente é simples assim – e uma varandinha ainda. Se for necessário o fogão de lenha também de ferro, que é para poder gerar mais... a Vale do Rio Doce produzir mais minério e produzir mais aço aqui também, que sabe em parceria com vocês.

E eu vim ver essa feira aí, e quero dizer para vocês o seguinte: olha, estou orgulhoso de ter visitado a feira, porque vi uma possibilidade. Lógico que, no Brasil, nós temos gente que vai dizer: “Mas é preciso respeitar os hábitos”, não é? Uma vez eu fui a Mirandiba, no estado de Pernambuco, e fui a uma cidade muito pobre em que, naquela época, se plantava muita maconha lá e nós fomos lá para fazer uma confusão contra a plantação de maconha, porque nós tínhamos aprovado na Constituição que a terra que plantasse maconha teria que ser desapropriada para a reforma agrária. Aí, nós chegamos lá e descobrimos que os trabalhadores que produziam maconha ganhavam quatro



vezes mais, ou cinco vezes mais do que os outros que estavam fora. Então, nós não tivemos muito adepto na nossa empreitada de fazer comício, não tivemos muito adepto.

Mas, aí, eu fui visitar uma creche, uma creche em que o único produto que a gente tinha lá, para as crianças comerem, era o resultado da produção de uma “vaca mecânica”, uma “vaca mecânica”, que eu também não sei porque não teve mais sucesso do que teve, que produzia leite de soja. E as crianças, além de tomar o leite de soja, faziam mistura com groselha, com outras coisas lá e, com o farelo, fazia bolo. Aí, eu fui com o pessoal da Universidade Federal de Pernambuco e lá eu recebi muitas e honrosas críticas: “Onde já se viu querer dar leite de soja para as nossas crianças. E os hábitos alimentares dessas crianças?”. Ora, se a criancinha estava lá morrendo de fome, que hábito alimentar que ela tinha? Hábito alimentar tinha a nutricionista, que tomava café, almoçava e jantava, mas aquela criança não tinha. Mas a gente tem que respeitar essa coisa cultural, porque senão a gente termina perdendo um bom debate e uma boa ideia.

E eu acho que vocês deveriam fazer uma divulgação dessas casas, ou seja, tentar levar para expor próximo da prefeitura das principais cidades brasileiras; onde tiver conjunto habitacional sendo construído, vocês irem lá fazer uma amostra, para o povo ter o direito de escolher se ele quer uma de chão batido, sem acabamento, ou quer uma casinha bem feitinha, de aço, sabe?

Eu acho que nós precisamos fazer uma competição, para a gente mostrar alternativa para a sociedade. Se as casas que a gente puder construir nos bairros, Marcio, forem da qualidade das que eu vi aí, eu acho que nós vamos ter uma disputa muito grande, porque a verdade é que hoje o povo não tem o direito de escolher – se ele ganhar bem, obviamente que ele tem o direito de escolher, mas se ele for na faixa que ganha menos, a casa é um padrão só, seja o estado que for, seja o hábito de moradia que for, é tudo um só. E a gente



pode fazer com o aço uma forma diferente de fazer casa, adaptá-la aos gostos de cada região.

Eu gostaria, então, Marcio, que você, como ministro das Cidades, contribuísse para que a gente pudesse fazer a amostragem dessas casas em vários lugares. Vai ter 80 mil casas aqui, em São Paulo, combina com o Kassab e faz uma amostragem dessas casas em algum lugar de São Paulo, lá onde vai ser feito o conjunto habitacional. Vai ser feito em Manaus? Vai lá e faça uma amostragem das casas para que o povo possa olhar em que tipo de casa que ele pode morar.

Eu, sinceramente, não sei quem foi que disse que nós só tínhamos que fazer casa de concreto, não sei. Não sei se é uma coisa, se não se formava engenheiro, se as universidades não diziam que tinha outras possibilidades. E eu acho que como o setor é muito importante e fica demonstrado que o custo também é importante – aí as indústrias automobilísticas vão saber que têm concorrentes com ela para a compra de aço, a indústria de geladeira, de fogão, ou seja, espero que não falte chapa grande para os navios que nós queremos construir aqui, chapas grossas e maiores, maiores, chapas grossas e maiores.

Este país... eu, sinceramente, disse a vocês no começo, eu senti uma vergonha. Eu fiz uma reunião com o Benjamin, com a turma que está construindo a Transnordestina, e eu descobri que nós estamos importando não sei quantas mil toneladas de trilhos. Ora, vocês vão dizer que eu sou atrasado, que eu sou xenófobo, que eu sou isso, mas, obviamente, que nenhum ser humano, ou melhor, nenhum patriota, seja ele empresário ou trabalhador, gosta de ver, de sair navios de 400 toneladas de minério de ferro lá do Pará ou de Minas Gerais, não paga quase imposto nenhum – porque se tivesse o *royalty* do petróleo, quem sabe fosse diferente –, e depois a gente tem que importar trilho da Itália, da Polônia, da China. Eu, como sou um defensor do livre comércio, e quero que seja cada vez mais livre, mas eu tenho que garantir aos estados produtores de minérios que tenham o mínimo de benefício com essa



quantidade de riqueza que sai daqui, porque um dia ela acaba. A gente vai tirando, e vai tirando, e vai tirando, e vai tirando, e vai tirando... Daqui a pouco, chega no Japão e aí não vai ter mais. Se o Japão está importando de nós significa que lá não tem.

Então, eu acho que nós precisamos cuidar com carinho disso. E eu só quero que vocês saibam o seguinte: nós temos noção, nós temos noção de que nós precisamos ter mais condições competitivas, seja com o chamado mundo desenvolvido, seja com um parceiro nosso como é a China, como é a Índia. Nós sabemos que nós precisamos ser mais competitivos. Então, nós não temos tabu de discutir a necessidade da redução dos impostos federais, dos impostos dos estados, do ICMS, de ver o preço da energia, de ver o preço do transporte. Não existe mais tabu para a gente discutir isso, não existe. Sinceramente, não existe. Nós queremos é fazer com que este país não volte atrás. Se a gente for imaginar as incontáveis vezes que este país teve condições de dar um salto de qualidade e se transformar em uma grande economia, e a quantidade de vezes que nós retrocedemos... Nós não temos o direito de fazer mais isso com o país, não temos o direito. Eu acho que todos nós aprendemos um pouco, todos nós aprendemos que política de distribuição de renda faz bem. Eu, quando pego as estatísticas do IBGE e vejo que a camada mais pobre das classes D e E consumiu mais durante a crise do que as classes A e B, eu fico imaginando o quanto faz bem R\$ 10,00 na mão de um pobre e o quanto faz mal alguém pegar 50 milhões e guardar só para si e não distribuir um pouquinho.

Uma economia, que eu disse outro dia, uma economia... Um país de economia capitalista, que a gente não tinha crédito, que a gente não tinha capital de giro, que a gente não tinha financiamento, não podia ser um país de economia capitalista. A base disso era tirar o crédito. E vocês que precisam de um banco, do BNDES, sabem do que eu estou falando. O BNDES, quando emprestava muito, emprestava R\$ 38 bilhões. E agora, quando ele empresta



pouco, empresta R\$ 139 bilhões. Com mais rapidez, porque antes demorava de 275 dias a 300 dias para sair um crédito, ou seja, era tanta exigência para ter um crédito que o cara que pegasse o crédito não precisava de crédito. Porque é verdade. No sistema financeiro brasileiro, o cara que tem acesso ao crédito, é porque ele está tão bem de vida que não precisa de crédito. Ele tem que ter a quantidade de dinheiro que ele está tomando emprestado para garantir o empréstimo dele. Então, tudo isso, vocês acompanham a mudança porque vocês têm participado das decisões. Não existe nenhum país do mundo que tomou as atitudes que nós tomamos na crise econômica. Nenhum. Nem emergente, nem Bric, nem pobres e nem ricos. Nós tomamos todas as medidas que era necessário tomar e poderíamos até ter tomado mais rápido. Quem sabe se a gente tivesse a certeza de que o Lehman Brothers iria quebrar, ou seja, a gente deveria ter tomado em julho as medidas que nós tomamos, assim a indústria automobilística não tinha brecado rápido como brecou e outras indústrias não teriam brecado. Quem sabe a gente tivesse dado um salto de qualidade. Mas se até o Bush foi pego de surpresa, por que nós aqui, a 9 mil quilômetros, não seríamos pegos de surpresa?

Então eu queria dar os parabéns a vocês, dizer a vocês que nesse Congresso dediquem o espaço de vocês para discutir o futuro deste país, elaborar propostas para o governo. Eu sei que logo, logo nós vamos reunir o Conselho para tomar novas medidas, porque eu quero dizer para vocês uma coisa: se nós tivermos juízo – governo, empresários e trabalhadores –, mantivermos a situação que nós temos hoje, este país pode, sim, de verdade, ser a quinta economia mundial, dentro de seis ou sete, oito anos, no máximo. E vocês sabem que isso não é pouca coisa.

Hoje, este país, neste mês, já foi a quarta nação, na produção de automóveis, passamos a Alemanha, por conta da crise. E como nós ainda temos que construir muita coisa, gente, nós não temos o direito de pensar pequeno. E eu, sinceramente, acho que vocês devem ter condições, porque



nós precisamos competir no mundo. O continente africano, eu vou repetir, está aí, 800 milhões de habitantes. No dia que eles tiverem 30% como consumidores, nós teremos aí mais 300 milhões de seres humanos consumindo coisas que o Brasil pode ir para lá. E como nós não temos matrizes que competem com a gente lá, vamos meter nossos produtos lá.

Nós temos visto o que é o sucesso nosso na América Latina. E eu lembro que quando, em Angola, eu falei, a primeira vez, que os empresários brasileiros não tinham que ter medo de virar empresários multinacionais, eu lembro de uma manchete de um jornal aqui, em São Paulo, dizendo que eu tinha sido muito duro com os empresários. E hoje não é possível nos nossos dedos contar a quantidade de empresas multinacionais que nós temos, a quantidade de investimentos feitos no exterior. Eu acho isso extraordinário, porque cada empresa brasileira no exterior é uma bandeira do Brasil lá, é tecnologia brasileira. É isso que faz com que as empresas sejam mais fortes, que elas possam crescer mais e possam fazer mais investimentos aqui dentro.

Todo mundo sabe que hoje as grandes empresas argentinas são, praticamente, quase todas de empresários brasileiros, ajudando a Argentina a crescer e ajudando o Brasil a crescer, porque nós precisamos ter uma balança comercial equilibrada, a gente não pode só ter superávit porque o outro país (incompreensível). Eu acho que vocês sabem, são profissionais e sabem que nós estamos vivendo este momento extraordinário.

Eu só queria pedir para vocês o seguinte: eu acho que num ano eleitoral, a gente não deveria permitir que o processo eleitoral criasse qualquer transtorno nas políticas de investimento. Acabou aquela história, quando eu era candidato, que diziam: “É o demônio, vem aí o demônio, e os empresários vão fugir para Miami, vão não sei para onde”. Acabou. Este país virou tão sério que quem entrar para presidir este país, vai ter que ter mais juízo do que quem está saindo. Não há mais possibilidade de brincar com o Brasil. Nós cansamos de brincadeira e de irresponsabilidade.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Por isso, parabéns a todos vocês. E espero que a Vila do Aço se transforme em um grande conjunto habitacional do nosso país, para que vocês construam mais alto-forno e que a gente possa chegar perto da China, na produção de aço.

Um abraço e bom congresso para vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após sessão plenária da 2ª Cúpula de Chefes de Estado e de Governo do BRIC

Palácio Itamaraty, 15 de abril de 2010

Eu quero pedir permissão aos meus companheiros presidentes para falar de pé desta tribuna, para provar a resistência dos presidentes da República depois de fazermos, em um dia, reuniões que deveriam tomar, no mínimo, dois dias dos presidentes. E, depois, eles poderão falar sentados, se quiserem.

Primeiro, eu queria cumprimentar o meu amigo presidente da República Popular da China, o nosso amigo Hu Jintao.

Cumprimentar o nosso companheiro e amigo Dmitri Medvedev, presidente da Federação Russa,

E convidar [cumprimentar] o nosso amigo, companheiro, excelentíssimo senhor Manmohan Singh, primeiro-ministro da República da Índia,

Cumprimentar a delegação russa, a delegação chinesa e a delegação indiana,

Cumprimentar os companheiros funcionários brasileiros que trabalharam para que nós pudéssemos realizar esta conferência,

E, por que não? Cumprimentar os funcionários da Rússia, da China e da Índia por terem trabalhado meses e meses para que nós pudéssemos produzir os documentos, os acordos, e por podermos estar, neste momento, nos preparando para uma janta, e depois a viagem de volta.

É importante este último momento para que a gente possa prestar a nossa solidariedade ao povo chinês que foi vítima de um terremoto ontem; ao povo brasileiro que foi vítima de tantas chuvas e enchentes em alguns estados da Federação, sobretudo Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo; ao povo russo



que, pouco tempo atrás, foi vítima de um atentado terrorista; e também ao povo indiano. Por isso é que todos nós estamos irmanados na luta contra o terrorismo.

Mas eu queria dizer à imprensa brasileira, à imprensa da China, da Índia e da Rússia que, para mim, foi um grande prazer receber em Brasília os presidentes Hu Jintao, o presidente Medvedev e o primeiro-ministro Singh, por ocasião da 2ª Cúpula do BRIC.

Demos uma passo fundamental para consolidar uma parceria iniciada em Ecatemburgo, no ano passado. Decidimos aprofundar a cooperação no âmbito dos BRIC e estamos confiantes de que a convergência aqui alcançada contribuirá para a constituição de um espaço de diálogo e de concertação.

Brasil, Rússia, Índia e China têm papel fundamental a desempenhar na construção dessa nova ordem internacional mais justa, representativa e segura.

A declaração conjunta que adotamos reflete o amplo leque de interesses comuns que une nossos países na área política, financeira, comercial, ambiental, energética, agrícola e de segurança. Vamos seguir promovendo maior interação na área do conhecimento, com atividade conjuntas de nossos centros de estudo.

O acordo de cooperação entre nossos bancos de desenvolvimento vai nos permitir ampliar as atividades de fomento a projetos de infraestrutura, e a interação entre nossas cooperativas deverá estimular vários setores produtivos.

Tenho grande satisfação de apresentar um esforço conjunto entre os quatro institutos estatísticos dos quatro países. Trata-se desta publicação, com abrangente coleção de dados sobre os BRIC. Esta publicação será ampliada e atualizada anualmente.

Do fundo do coração, eu quero agradecer mais uma vez ao primeiro-ministro Singh, ao presidente Hu Jintao e ao presidente Medvedev, porque eu sei, estive com eles em Washington, e sei do esforço de cada um de estar aqui



no Brasil, conheço sobejamente os efeitos do fuso horário na nossa cabeça e no nosso corpo. De forma que o Brasil agradece, de coração, a dedicação e a compreensão desses companheiros que vieram de tão longe para participar da 2ª Cúpula do BRIC.

Muito obrigado.

(S211A)



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após sessão plenária da 4ª Cúpula Ibas

Palácio Itamaraty, 15 de abril de 2010

Ministros sul-africanos,
Ministros indianos,
E ministros brasileiros,
Companheiros da imprensa, da Índia, da África do Sul e do Brasil,

Esta é uma semana especial para o Brasil. Organizamos dois encontros de Cúpula com alguns dos países mais importantes para a nova governança global. É, portanto, um enorme prazer receber, em Brasília, o primeiro-ministro Singh e o presidente Zuma para a 4ª Cúpula do Ibas. A presença simultânea desses dois líderes consolida iniciativa lançada em 2003, aqui mesmo no Palácio do Itamaraty.

Brasília também está vivendo um momento histórico. Nos próximos dias, a cidade completa 50 anos como a capital do Brasil. Quero aproveitar e presentear o primeiro-ministro Singh e o presidente Zuma com selos especialmente preparados para essa ocasião. Eles representam uma homenagem à reunião de hoje e à cidade que recebe, pela segunda vez, uma Cúpula do Ibas.

A 4ª Cúpula foi precedida por encontros de vários setores de nossas sociedades e de reuniões de grupos de trabalho que cobrem ampla variedade de temas de governo. O setor empresarial também está entusiasmado, como vimos no seminário Ibas-Bric realizado ontem, no Rio de Janeiro.

Anunciamos hoje o desenvolvimento de dois satélites Ibas: o primeiro para estudos climáticos e o segundo para a observação da terra. Beneficiarão os países do Ibas e outras nações amigas, com nossos avanços em matéria de



agricultura, navegação, transporte e a área de telecomunicações. Vão também reforçar o trabalho dos centros espaciais dos nossos três países. É o projeto-símbolo da nova etapa da nossa parceria.

Também estamos lançando hoje o livro do Fórum de Mulheres do Ibas sobre a relação entre gênero e desenvolvimento. A Ministra Nilcéa Freire foi a coordenadora do livro, intitulado “Pensando uma Estrutura Macroeconômica Inclusiva: uma Abordagem Feminista Sul-Sul”. Eu quero aproveitar e dar de presente um livro sobre política para as mulheres para que o primeiro-ministro Singh leia no avião na volta para a Índia e para que o Presidente da África do Sul leia no avião na volta para a África do Sul, e não esqueçam nunca mais os compromissos com as mulheres dos nossos países.

Preparamos a primeira versão de um catálogo de obras de referência, para os que desejem conhecer melhor nossos três países. O Ibas é hoje um fórum de diálogo amadurecido e bem sucedido, uma iniciativa exitosa de nossa política externa. Tenho muita confiança no futuro de nosso mecanismo. Ele já está mostrando a que veio.

Assinamos acordos trilaterais em setores estratégicos para nosso futuro: além do lançamento de satélites, vamos ampliar a cooperação em ciência, tecnologia e inovação na área de energia solar.

Adotamos, ainda, um documento sobre Estratégia de Desenvolvimento Social, que nos permitirá intercambiar experiências sobre programas de inclusão dos três países. Estamos coordenando posições em temas prioritários da agenda global. Concordamos que a conclusão da Rodada de Doha é uma tarefa inadiável, pois ela nos ajudará a corrigir as anomalias que ainda afetam o comércio internacional.

O Fundo Ibas vem mostrando como países em desenvolvimento podem ajudar nações mais vulneráveis. Tenho plena certeza de que nossa próxima Cúpula, em 2011, na África do Sul, vai consolidar ainda mais nosso mecanismo e nossa capacidade de ajudar a construir um mundo melhor.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Muito obrigado e eu passo agora a palavra para que o primeiro-ministro Singh fale à imprensa.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita oficial do presidente da China, Hu Jintao

Palácio Itamaraty, 15 de abril de 2010

Excelentíssimo senhor Hu Jintao, presidente da República Popular da China,

Senhores ministros que acompanham o presidente Hu Jintao,

Ministros brasileiros,

Amigos da imprensa,

Quero, inicialmente, estender ao meu amigo Hu Jintao e ao povo chinês, em meu nome e de todo o Brasil, a solidariedade neste trágico momento de perda e dor causadas pelo terremoto de ontem.

Sua nova visita ao Brasil, caro companheiro, na mesma semana em que aqui estiveram reunidos os líderes dos países que integram o BRIC, é extremamente reveladora da nova geografia política e econômica que o mundo está vivendo no início deste século XXI.

O governo e o povo brasileiros estão acolhendo mais do que um grande estadista. Recebemos um amigo, um parceiro com o qual estamos construindo uma aliança estratégica entre dois grandes países do Sul do mundo.

Temos vocações universais e interesses globais. Por isso mesmo, em nossa agenda, estão temas como o enfrentamento da grave crise que se abateu sobre a economia mundial, e cujos efeitos ainda não se dissiparam. Preocupa-nos, igualmente, a ameaça das mudanças climáticas e a necessidade de enfrentá-la, preservando o meio ambiente sem comprometer o desenvolvimento.

Na OMC, no BRIC, no BASIC, no G-20 e em todas as organizações multilaterais buscamos respostas progressistas para esta globalização



assimétrica e disfuncional que vive a Humanidade.

Caro presidente Hu Jintao,

O plano de ação conjunta que assinamos hoje nos oferece um excelente roteiro para nosso futuro comum. Permitirá uma melhor coordenação de nossa atuação global, em benefício dos objetivos e aspirações de nossos povos. Ao definir metas até 2014 para as subcomissões da Cosban, estamos dando direção e força para nosso diálogo estratégico.

No comércio bilateral tivemos um avanço espetacular. O intercâmbio cresceu 780% desde o início do meu governo. Em 2009, ano da crise, alcançou US\$ 36 bilhões. A China tornou-se nosso principal parceiro comercial e o maior mercado para as nossas exportações.

No entanto, para que a promessa do comércio Sul-Sul seja uma realidade, o Brasil precisa aumentar o valor agregado de suas vendas. O setor aeronáutico pode ajudar a tornar nossas trocas mais equilibradas. O empresariado brasileiro também tem o desafio de ser mais arrojado na conquista do consumidor chinês. A Expo Xangai oferece uma excelente oportunidade.

Outra demonstração da aposta que estamos fazendo na China é a ampliação de nossa rede consular. A abertura do Consulado em Cantão melhorará o atendimento à comunidade brasileira, estimulará o turismo e apoiará os empresários dos dois países.

Essas perspectivas se ampliam com os acordos que assinamos hoje. O Entendimento Fitossanitário abre novos horizontes para aumentar as exportações brasileiras de produtos agropecuários.

São excepcionais as possibilidades de engajamento de empresas chinesas na modernização da infraestrutura no Brasil. Já estamos iniciando os preparativos para a Copa do Mundo de 2014 e para as Olimpíadas de 2016.

Capital e tecnologia de petróleo também são muito bem-vindos à iniciativa do Programa de Aceleração do Crescimento, no setor energético.



Com a compra de 200 mil barris diários de petróleo, a Sinopec já é a maior parceira da Petrobras no exterior. As empresas LLX, do Brasil, e a estatal Wisco... a estatal chinesa Wisco negociam construção de um complexo siderúrgico no Porto do Açu, no Rio de Janeiro. Será o maior investimento chinês no Brasil e o maior da China neste setor, no exterior.

Caro Presidente,

O século XXI será liderado por aqueles que dominam o conhecimento. O programa de desenvolvimento dos satélites sino-brasileiros é o símbolo maior do enorme potencial de aplicação de alta tecnologia para o avanço econômico e científico. O quarto satélite, que lançaremos em breve, mostra nosso compromisso de aprofundar uma parceria fundada em muito trabalho e ambição.

Tecnologia de ponta também está por detrás da instalação de laboratório da Embrapa na China. Queremos compartilhar as experiências que fizeram do Brasil uma potência agrícola mundial. Nossa parceria em cooperação triangular, em favor da África, mostrará que se pode combinar solidariedade com eficácia empresarial.

Caro presidente Hu Jintao,

O Brasil que Vossa Excelência está revendo hoje é muito diferente daquele que conheceu em 2004, quando aqui esteve. Como a China, o meu país reencontrou-se com sua vocação para o desenvolvimento e está superando vulnerabilidades econômicas e sociais históricas. Começou a pagar sua dívida secular com os milhões de pobres em meu país. Consolidou um mercado interno vigoroso, que é o motor do nosso crescimento.

A partir dessas conquistas temos condições, e mesmo a obrigação, de lutar por uma ordem... por uma outra ordem internacional. Estamos unindo esforços em defesa de uma governança global que dê a todos os povos e nações a mesma esperança de um futuro de paz, prosperidade e entendimento.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Muito obrigado.

(S211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante abertura da sessão plenária da 4ª Cúpula do Ibas

Palácio Itamaraty, 15 de abril de 2010

Primeiro, dar as minhas mais cordiais boas-vindas ao primeiro-ministro Singh e dar as minhas boas-vindas ao nosso companheiro Zuma. E quero declarar aberta a 4ª Cúpula de Chefes de Estado e de Governo do Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul.

Se o Zuma quiser assumir um compromisso comigo, nós poderíamos, Zuma, convidar o primeiro-ministro Singh para assistir à final da Copa do Mundo, dia 11 de julho, entre África do Sul e Brasil. Se der empate entre Brasil e África do Sul, nós então pediremos para o ministro Singh desempatar para que não haja nenhum conflito entre nós dois.

Bem, todos vocês têm acesso... eu penso que a ata, a proposta de agenda está de acordo. Eu considero aprovada a nossa agenda de trabalho e vamos passar então à fase dos pronunciamentos que nós temos que fazer: Brasil, África do Sul e Índia.

Primeiro, eu quero dizer aos companheiros ministros brasileiros, indianos e da África do Sul, e dizer à imprensa brasileira, à imprensa africana e à imprensa da Índia a importância dessa 4ª Cúpula do Ibas, que estamos realizando aqui, em Brasília. E dizer a vocês que após sete anos, o Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul volta a Brasília para dar continuidade a uma trajetória vitoriosa, cujo início coincidiu com o primeiro dia de meu governo, em 1º de janeiro de 2003. O lançamento do Ibas, junto com a África do Sul e a Índia, foi meu primeiro compromisso em política externa. O Ibas é nossa resposta a uma ordem internacional desigual e injusta, incapaz de resolver antigos problemas, como a pobreza extrema e a fome de milhões de seres humanos. Uma ordem que também não oferece soluções para as novas



ameaças que se multiplicam, como a degradação ambiental e a insegurança alimentar e energética.

Somos três grandes democracias multiétnicas do mundo em desenvolvimento, unidas para propor e construir, sem antagonismos, com firmeza e continuidade de propósitos. Nossa vocação democrática nos ensinou a apostar na transparência e legitimidade das decisões multilaterais. Para problemas cada vez mais globais, precisamos de respostas igualmente universais.

Frente aos desafios de um mundo interdependente, propomos mais cooperação e mais solidariedade. O Ibas quer ajudar a moldar um século XXI livre dos conflitos, da miséria e do medo.

Na OMC, lutamos pela conclusão da Rodada de Doha de forma equilibrada. O comércio pode ser uma alavanca para os países mais pobres realizarem seu potencial agrícola.

No G-20 financeiro, enfrentamos a crise internacional com a certeza de que a recuperação da economia mundial depende, em grande medida, da força dos países em desenvolvimento. Mas também depende da rápida aplicação de medidas já decididas, para pôr fim à especulação desenfreada e regular os principais fatores que estiveram na origem da grave crise financeira mundial.

No Conselho de Direitos Humanos, fizemos prevalecer o direito à saúde sobre os interesses de cartéis farmacêuticos. Nas negociações sobre mudança de clima, somos a base de uma sólida coalizão que defende o meio ambiente sem questionar o direito ao desenvolvimento.

Estamos juntos nessas inúmeras frentes, mas os países em desenvolvimento não consolidarão uma voz mais ativa sem a reforma da ONU e a ampliação do Conselho de Segurança. Temos credibilidade e estamos dispostos a assumir responsabilidades. Por isso, defendo a participação de novos atores nas negociações sobre o Oriente Médio. Não temos histórico colonial nem interesses particulares na região. Podemos ajudar a desobstruir



os impasses. Nosso único interesse naquela parte do mundo é a de contribuir para a paz.

Meus amigos e minhas amigas,

Cooperação, diálogo e solidariedade. Esses também são os pilares da estratégia de desenvolvimento social do Ibas. Estamos fazendo aí uma rica e diversificada experiência.

Quero prestar minha homenagem ao primeiro-ministro Singh e ao presidente Zuma por seu compromisso com essa iniciativa. Já estamos colhendo os primeiros frutos de nosso trabalho.

O projeto-símbolo dessa nova etapa de nossa parceria é o lançamento de dois satélites Ibas. Beneficiarão muitas nações amigas em áreas que vão da navegação à agricultura.

Por meio do Fundo Ibas, estamos transformando em iniciativas concretas de solidariedade Sul-Sul nossos avanços em pesquisa agrícola, formação técnico-profissional, saúde e desenvolvimento de fontes renováveis de energias.

Estamos implementando projetos de cooperação no Haiti, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Burundi, Palestina, Laos e Camboja na convicção de que podemos erradicar a fome e a pobreza. Estamos levando fármacos para ajudar países, sobretudo da África, devastados por doenças curáveis. Em Ramalá, na Palestina, estamos construindo um centro esportivo porque o esporte é o melhor amigo da paz.

Com o Fundo Ibas, estamos provando que não é preciso ser rico para ser solidário, que é possível ajudar sem ingerência nos assuntos internos de outras nações. Estamos provando também que solidariedade não escolhe hora. Vamos redobrar nossa ação solidária no Haiti, com o aporte de US\$ 2 milhões para ajudar na reconstrução após o devastador terremoto.

Com o envolvimento de parlamentares, das organizações não-governamentais e das universidades, estamos tornando o Ibas um projeto de



nossas sociedades.

O Foro de Mulheres traz mensagem sobre a importância de valorizarmos o seu papel no desenvolvimento de nossas sociedades. O Foro de Pequenas e Médias Empresas cria fortes sinergias. Com o seminário empresarial conjunto Ibas-Bric, vamos dar novo impulso a esse setor fundamental na criação de emprego e renda.

Caros amigos Singh e Zuma,

O Ibas enfrentou o ceticismo dos que preferem a inércia à ação. Nossas realizações provam que temos motivos para olhar o futuro com otimismo. Tenho certeza que outros frutos virão. Quando vierem, eu já não estarei deste lado da mesa, mas o Brasil certamente estará.

Pessoalmente, continuarei a me empenhar pela cooperação Sul-Sul. Também seguirei me dedicando à causa da integração do Brasil com a Índia e a África do Sul. Acredito no futuro do Ibas, pois sei que esses ideais continuarão a inspirar líderes como Jacob Zuma e Manmohan Singh.

Muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encerramento da sessão plenária da 4ª Cúpula Ibas

Palácio Itamaraty, 15 de abril de 2010

Obrigado, primeiro-ministro Singh. Estamos chegando ao final da nossa Cúpula. Esta Cúpula é o resultado de mais de um ano de preparação. Ela foi precedida de encontros de 15 grupos de trabalho, reuniões ministeriais e vários fóruns paralelos. Esses eventos demonstraram a diversidade e força do Ibas como mecanismo de diálogo. Agradeço a todos aqueles que contribuíram para esse esforço de construir respostas solidárias para nossos desafios comuns.

Somos uma aliança de três democracias. Por isso, quero dar uma palavra especial àqueles que melhor expressam nossa vocação para o diálogo. É extraordinário o compromisso nesses últimos dois dias dos foros da sociedade civil na consolidação do Ibas. É a garantia de sustentação da iniciativa nos anos futuros. Mostra que o Ibas é muito mais que um fórum de chefes de Estado. É um verdadeiro encontro de culturas.

Felicito particularmente o Fórum de Mulheres, na pessoa da ministra Nilcéa Freire, pelo seu trabalho. Os parlamentares também discutiram a questão de gênero, em especial a participação feminina na vida política. Os editores debateram a ordem mundial da comunicação, a necessidade de melhor divulgarmos nossa visão de mundo. Não precisamos importar a interpretação dos outros sobre a nossa própria realidade.

Na área empresarial, são muitas as oportunidades. Prova disso é que, nos últimos sete anos, nossas trocas quadruplicaram, atingindo US\$ 12 bilhões em 2009. Nossa melhor resposta para a crise foi apostar em mais comércio e mais investimentos.

Nossas economias são movidas pelo crescimento do mercado interno e pela inovação de nossas empresas. É hora de promover uma maior



participação do pequeno e médio empreendedor no Ibas.

Encontrar respostas para a degradação das regiões metropolitanas é uma tarefa urgente, como a recente tragédia no Rio de Janeiro deixou claro. Com determinação e ações consistentes, vamos vencer uma das principais batalhas do século XXI: garantir moradia e condições de vida decente para todos.

Com vontade política, o Ibas segue coeso e vai ampliando seu leque de atuações. O Fundo Ibas é a face externa desse esforço. É a demonstração de nosso compromisso em levar ajuda, solidariedade e esperança aos mais vulneráveis.

Meus caros amigos,

Esta Cúpula é a culminação de uma longa caminhada e o começo de uma jornada ainda mais promissora. Índia, Brasil e África do Sul já têm uma história conjunta e certamente terão, cada vez mais, um futuro comum.

Pessoalmente, eu me despeço do Ibas. E o faço com o sentimento do dever cumprido, com orgulho e felicidade de ver que nossa ideia prosperou. Com a alegria de ter compartilhado com indianos e sul-africanos esta extraordinária e promissora aventura. Desafiamos a geografia e a inércia. E hoje eu posso dizer que nós vencemos.

Muito obrigado.

Bem, o último item prevê a adoção de documentos que já foram assinados, já foram distribuídos. E eu quero felicitar os envolvidos pela adoção da estratégia de desenvolvimento social e da declaração sobre o futuro da agricultura.

Certamente, Vossas Excelências já têm, diante de si, a última versão da declaração final da 4ª Cúpula. Não havendo comentários, eu penso que nós poderíamos considerar a declaração aprovada, para que possamos divulgá-la à imprensa, daqui a pouco.

E se não há nenhuma observação, eu quero considerar encerrada esta



4ª Cúpula do Ibas que, na minha opinião, foi muito boa.

Quero convidar o presidente Zuma, o primeiro-ministro Singh, nós vamos ao auditório falar com a imprensa. Breves palavras de nós três. Não vai ter respostas, perguntas e respostas, é apenas uma fala curta nossa. E vamos dar cinco minutos para que tenhamos tempo de ir ao toalete, pelo menos pentear o cabelo e lavar o rosto para ficarmos bonitos diante das câmeras de televisão.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia alusiva ao Dia do Índio**

Uiramutã-RR, 19 de abril de 2010

Bem, primeiro eu quero dizer para vocês da minha imensa alegria de estar aqui hoje com vocês. Durante boa parte do meu mandato eu evitei de vir visitar a Raposa Serra do Sol. Aqui vieram, várias vezes, ministros do meu governo e eu evitei por conta da divergência que se estabeleceu no estado de Roraima. Aqueles que ainda continuam dizendo que tem muito pouco índio para muita terra e aqueles que, como eu, acham que os índios têm pouca terra, se levamos em conta que o Brasil todo era deles, há 500 anos.

Entretanto, eu nunca vi, em nenhum momento desses meus 30 anos de convivência com o povo indígena, eu nunca vi ninguém querer reivindicar nada que não fosse seu. Nada. Nós não conhecemos, na história, nenhum momento em que uma nação indígena invadiu a terra de outro para tomar conta. Pelo contrário, o que acontece, normalmente, são os outros invadirem as terras indígenas, tentando se apossar de uma terra que não é deles.

Pois bem, a Raposa Serra do Sol, ela não começou no meu governo. Bem antes, bem antes. O nosso companheiro Jaci, desde 1977 vem brigando por essa terra. Na verdade, mais de 30 anos de briga: demarcava de um lado, se desrespeitava de outro; demarcava de outro, se tentou estabelecer briga de índio contra índio, briga de fazendeiro contra índio.

Eu lembro aqui, no estado de Roraima, depois que nós fizemos a demarcação em terra contínua, eu lembro da quantidade de *outdoors* que foram colocados nesta cidade tão pequena de Boa Vista, repudiando a presença do presidente Lula, a presença do ministro Márcio Thomaz Bastos. Era como se nós fôssemos o demônio, porque diziam que a gente iria tirar a terra que Roraima precisava para produzir. Um estado com tanta terra ainda



sem produzir, alguns queriam exatamente a terra que não era deles, que era dos índios.

Não era... Lógico que nós tentamos fazer a coisa da forma mais ordeira possível para evitar que houvesse qualquer conflito. Mesmo quando nós tínhamos ordem de mandar o Exército para cá para desocupar a terra em que estavam alguns arroteiros, nós não fizemos isso, porque nós não queríamos brigar com ninguém, nós queríamos apenas negociar, fazer um acordo para que todos pudessem viver em paz. Que aqueles que queriam plantar arroz plantassem em outro lugar. O governo iria desapropriar como desapropriou – e pagou – e os índios pudessem viver com uma certa tranquilidade. Ainda assim nós tivemos muitos processos na justiça – é liminar para cá, liminar para lá – até que a Suprema Corte brasileira, em um gesto de grandeza, decidiu, por unanimidade, que a Raposa Serra do Sol tinha dono e os donos eram os índios que nela moravam e que aqui habitavam.

Bem, ainda assim, a nossa luta não terminou, porque algumas pessoas teimavam em não sair e agora, definitivamente, saíram e nós estamos dispostos a ajudar. Legalizamos praticamente quase todo o estado de Roraima, que era um estado praticamente ilegal, ou seja, praticamente todas as terras eram do governo federal, e nós, então, passamos não sei quantos milhões de hectares – 6 milhões de hectares – para que a gente pudesse dar terra para quem quisesse trabalhar, sobretudo para pequenos e médios proprietários aqui deste estado, porque a nós interessa que o estado de Roraima seja desenvolvido, cresça economicamente, sem tirar o direito do índio viver tal como ele queira viver.

Agora que nós estamos nessa fase de tranquilidade, em que as coisas já foram resolvidas, nós íamos fazer essa visita aqui exatamente no dia em que nós comemoramos o Dia Nacional do Índio. E a gente vem e descobre uma coisa engraçada, que a mim me enche de prazer, a outras pessoas possivelmente não: é que os índios estão muito felizes com a demarcação da



Raposa Serra do Sol, com a decisão da Suprema Corte. Está todo mundo muito feliz. Mas vejam que a felicidade que os índios estão, os agradecimentos feitos aqui, de público, em nenhum momento esconderam a sinceridade de os índios dizerem algumas verdades para nós. Porque na hora em que têm a terra, eles estão descobrindo que é preciso terra, é preciso ajuda para que possam plantar, é preciso escola de qualidade, é preciso saúde de qualidade, é preciso água potável, é preciso saneamento básico, coletar e tratar. A gente começa a descobrir que os índios estão muito mais sabidos do que a gente pensa. Muito mais sabidos. Eles me entregaram com uma mão um documento agradecendo e me entregaram com a outra mão vinte documentos reivindicando. Isso demonstra, demonstra que quem tem a pele branca e mora lá em Brasília e pensa que é esperto, vai cair do cavalo cada vez que for negociar com os nossos companheiros.

Por reivindicação de vocês nós mandamos uma Medida Provisória para o Congresso Nacional criando a Secretaria da Saúde, tirando da Funasa e colocando diretamente subordinada ao Ministério da Saúde.

Eu estava dizendo aos companheiros que não está na hora de vocês aplaudirem ainda, porque, por enquanto, nós mandamos o projeto para o Congresso, não foi aprovado ainda, nós precisamos fazer uma regulamentação agora, tem um decreto meu e depois disso é que vai começar a funcionar. Porque aqui, companheiro Temporão, aqui tem um posto de saúde que a cada 15 dias vem um médico. Às vezes demora um pouco mais, às vezes um pouco menos, como se o índio pudesse dizer para a doença: “olha, espera, não venha essa semana só venha a semana que vem que o médico vai estar aqui”. Então, é preciso que a gente tenha maior responsabilidade. E quem está dizendo isso, não é o Presidente da República cobrando de ninguém é o Presidente da República cobrando dele mesmo. Nós precisamos fazer mais. E precisamos fazer cada vez mais.

Já pedi para o meu companheiro Márcio marcar reunião da comissão



que discute com a Funai, para o mês de maio, para a gente fazer um levantamento de toda a situação. Porque, por exemplo, eu fiquei sabendo agora o seguinte: aqui não tem luz elétrica, então, foi colocada essa luz emergencial. Na hora em que eu virar as costas vocês vão ficar no escuro outra vez. Ou seja, era como se eu fosse um vaga-lume. Eu já pedi para o companheiro Jucá, já pedi para o companheiro Jucá ligar para o governador e dizer para o governador para deixar essa luz, porque eu chegando em Brasília vou mandar o ministro de Minas e Energia vir aqui para resolver esse problema, porque, vejam: nós, nós já levamos, nós já levamos energia elétrica a mais de 12 milhões de brasileiros com o programa Luz para Todos e queremos levar para cada brasileiro. Eu tenho fé em Deus que a gente ainda vai ter esse país sem nenhuma lamparina, sem nenhum candeeiro, com luz elétrica, para que as pessoas possam utilizar a luz elétrica para melhorar a sua vida, para desenvolver a sua comunidade e para viver com dignidade, sobretudo para estudar, sobretudo para estudar.

Aliás, a menina falou uma coisa importante: em muitos lugares que nós implantamos o Programa Luz para Todos, os jovens que estavam fora da escola voltaram a estudar. Eu cheguei em uma casa, na Bahia, onde eu fui ligar o Programa Luz para Todos, tinha duas crianças com uma latinha de refrigerante com um pavio dentro, eles não sabiam se enxergavam ou se engoliam a fumaça. Quando nós acendemos a luz, era a mesma coisa que ter levado eles do século XVIII para o século XXI, e eles perceberam que poderiam aprender muito mais com uma claridade que permitisse que a escola funcionasse à noite. Então, nós vamos cuidar disso aqui.

Vocês sabem que faltam, para mim, nove meses, para deixar a Presidência da República. Eu acho que nós, eu acho que nós já fizemos muito, mas foram 500 anos de exploração e, por mais que a gente faça, sempre teremos muito mais para fazer, porque é recuperar o atraso a que vocês foram submetidos durante anos e anos de esquecimento. Nós haveremos de



recuperar isso.

Em maio, nós vamos fazer a reunião da comissão. Eu quero estar presente, com a Funai, para que a gente veja o que está faltando fazer para a gente poder fazer e, ao terminar o meu governo, a gente já esteja, pelo menos, com todas as reivindicações bem encaminhadas.

Eu queria dizer para vocês que o ato de heroísmo de vocês não é pequeno. Muitas vezes, a gente não fica sabendo de tudo porque nem sempre tudo acontece neste país. Mas uma coisa que eu aprendi é que os Macuxi, os Wapixana, os Ingaricó, os Taurepang e os Patamona talvez sejam os mais bravos guerreiros que este país já conheceu.

Aqui, meu caro Ministro da Saúde e meu caro Márcio, eles enfrentaram uma guerra desigual. Tiveram 21 líderes assassinados, 21 líderes assassinados, sem que os assassinos fossem punidos. Mas venceram, e venceram sem revidar um único gesto de violência de que eles foram vítimas. Os inimigos deles, Temporão, os inimigos deles tinham arma de fogo, poder econômico e poder político. Mas eles não sabiam que os nossos índios possuem armas ainda mais poderosas: o espírito de luta, a união, a proteção dos seus ancestrais, sobretudo, e Makunaimî.

Aqui, meu caro Ministro da Saúde, eles foram submetidos, e eles venceram o alcoolismo, que foi uma forma cruel de dominação imposta pelos que ocuparam ilegalmente suas terras; venceram as tentativas de desuni-los e de jogar irmãos contra irmãos; venceram a injustiça e a violência. E agora é hora de comemorar, como estamos fazendo aqui, a posse definitiva desta gostosa Terra Raposa Serra do Sol, como terra do povo indígena.

Eu tenho certeza de que vocês, melhor do que ninguém, saberão cuidar do futuro com o mesmo carinho e a mesma determinação com que cuidam da terra. E não estarão sozinhos nesta jornada. Lutar ao lado dos primeiros brasileiros e brasileiras é um compromisso meu, do meu governo, e um compromisso dos brasileiros que têm vontade de defender a causa indígena.



Mais do que uma extraordinária demonstração desse compromisso, a demarcação contínua de Raposa Serra do Sol representa um marco histórico, pela extensão da terra, pelos interesses envolvidos e pelos obstáculos que precisaram ser vencidos. A demarcação contínua não teria sido possível sem a união de vocês, os cinco povos que habitam este território, e sem o apoio de aliados importantes como a Igreja e várias organizações da sociedade civil. Mas, tampouco seria possível sem a dedicação da Funai e do seu corpo de funcionários.

A qualidade do trabalho de identificação desta terra indígena, realizado pela Funai, foi fundamental para convencer os ministros do Supremo Tribunal Federal de que a Raposa Serra do Sol não poderia ser dividida em ilhas, como alguns pretendiam. Ela é a grande terra-mãe de todos os povos que aqui vivem desde o início dos tempos, os netos de Makunaimê.

Muito ainda precisa ser feito para reparar as injustiças cometidas contra os povos indígenas, desde o ano de 1500. Mas já temos muito o que comemorar e não apenas a demarcação contínua da Raposa Serra do Sol. Nós sabemos o que a Funai está fazendo. No início do nosso governo, a Funai parecia condenada à extinção. Há cerca de 20 anos não era realizado nenhum concurso público para a Funai. Os funcionários da Funai envelheciam e se aposentavam, sem que novos servidores ocupassem os seus lugares. O resultado dessa política de abandono vocês sentiram na pele durante muitos anos.

Estamos reestruturando a Funai. Em apenas oito anos realizamos dois concursos, o mais recente no início deste ano, para preenchimento de 425 vagas. Ao todo, são 3.100 novas vagas de indigenistas de nível superior, nível médio e auxiliar. Nessa reestruturação instituímos os comitês regionais, que contam com a participação das lideranças indígenas no planejamento das ações e investimentos da Funai. Isso significa mais eficiência, mais transparência e mais respeito às características e necessidades próprias de



cada região e de cada povo. Além disso, acabei de dizer que encaminhamos ao Congresso [a Medida Provisória de criação da] a Secretaria de Saúde. A nova Secretaria passa a ser responsável pelo atendimento de todas as demandas, pela criação de políticas públicas exclusivas para a saúde indígena, garantindo mais rapidez e mais qualidade na prestação dos serviços.

Temporão, nós estamos hoje no dia 19 de abril, eu estou pensando em fazer uma provocação aos meus companheiros da Funai e da Saúde, que daqui a uns seis meses a gente voltasse aqui para ver o que aconteceu. Eu estou falando, mais ou menos, lá para o mês... nós estamos em abril? Maio, junho, julho, agosto, setembro. Mais ou menos lá para o dia 19 de setembro, anotem na agenda de vocês, aí, anotem na agenda. Eu, o ministro Temporão e o nosso querido presidente da Funai voltaremos aqui para saber de tudo o que nós falamos, o que vai estar acontecendo de verdade, ou se eram só palavras.

Mas, companheiros, são avanços importantes que acontecem neste momento em que comemoramos 100 anos do indigenismo no Brasil. Temos, de fato, muito a comemorar, e muito ainda por fazer. Queremos continuar a fazer e a comemorar juntos.

O Dia do Índio deixou de ser apenas o dia 19 de abril. No Brasil de hoje, todo dia é dia de celebrar o espírito de luta e a sabedoria desta brava gente brasileira, que são os nossos irmãos indígenas.

Parabéns a todos. Que Deus e Makunaimî estejam sempre conosco.

Um abraço a todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia em comemoração ao Dia do Diplomata**

Palácio Itamaraty, 20 de abril de 2010

Companheira Marisa Letícia,
Meu caro companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,
Senhores embaixadores estrangeiros,
Embaixatriz Ana Maria,
Embaixador Patriota,
Meus caros formandos,
Amigos e amigas,
Meu caro orador dos formandos,
Meu caro diretor do Instituto Rio Branco,

Bom, como eu não sou diplomata e nem estou me formando hoje, eu vou quebrar um protocolo aqui, que é o seguinte: eu estou com um discurso muito bem feito, bonito, mas vai demorar meia hora. E eu penso que o Celso, um dia, o Itamaraty publicará isso aqui, ou quem sabe, a [o] Rio Branco mesmo publicará, como peça de estudo dos alunos. Vale a pena.

Mas eu queria dizer duas palavras, porque já é uma e meia, a emoção que os familiares estão aqui, dos seus formandos, daqui a pouco começa a virar raiva, porque a fome não permite que ninguém... a fome não permite que ninguém seja carinhoso com ninguém.

E eu queria dizer, Celso, duas palavras. Primeiro, eu acho que os nossos meninos e meninas que estão se formando hoje, eles vão entrar no mundo da diplomacia brasileira certamente vendo o mundo um pouco diferente daquilo que a tua geração estava habituada a ver. Aliás, a gente, quando olhar o Mapa Mundi, a gente vai perceber que o Norte não é tão grande como eles



pensam que seja e o Sul não é tão pequeno como eles pensam que seja, ou seja, vamos começar a olhar o mundo mais igual, para que a gente comece a se entender e a ser respeitado no mundo.

Eu gostaria de dizer para vocês uma coisa que marcou a minha passagem pela Presidência da República. Nós estamos chegando a um momento difícil porque, daqui para frente, todo ato que eu participar será o último, tudo vai ser o último: foi o último Bric, o último Unasul, o último Nações Unidas, ou seja, daqui a pouco eu tenho nove meses de despedida constante e essa é a minha última participação aqui, como Presidente, na formação dos nossos diplomatas.

E dizer para vocês que eu disse um dia para o Celso: “Ô Celso, você precisa tomar muito cuidado, porque o Brasil começou a ficar importante. E quando um país começa a ficar importante, começa a gerar ciúmes. E quando começa a gerar ciúmes, nós começamos a arrumar inimigos. Porque aqueles que não foram capazes de fazer o que você está fazendo, vão começar a ser contra. Até porque, durante muito tempo, nós fomos induzidos a ter complexo de vira-latas neste país. O importante era a gente não ser ninguém, ser alguém era um privilégio de outros e não nosso”.

O Celso poderia contar para vocês a primeira reunião que nós fizemos com o G-8. Eu lembro, lembro em Evian, eu com seis meses de mandato, com muito orgulho, porque eu sabia quem eu estava representando lá, eu sabia de onde eu tinha vindo, e nós chegamos em uma reunião, já estavam lá quase todos os presidentes da República, faltava chegar apenas o Presidente dos Estados Unidos. E nós estávamos sentados em umas mesinhas, no hotel em que ia ser a reunião, aí, quando o Bush entra, todo mundo levanta. Eu falei para o Celso: Celso, eu vou ficar sentado, ninguém levantou quando eu cheguei. Qual é a subserviência de a gente levantar porque chegou o Presidente dos Estados Unidos? E não era arrogância não, era apenas respeito. O Kofi Annan estava conosco, ficou muito incomodado, não sabia se



sentava ou se levantava, mas... E, humildemente, o Bush foi lá na nossa mesa, nos cumprimentou e sentou conosco. Não aconteceu nada de anormal. O anormal seria se nós tivéssemos levantado como, habitualmente, as pessoas faziam. Essa é uma coisa que me marcou muito.

Outra coisa que marcou a diplomacia brasileira era a quantidade de críticas que a gente recebia quando a gente ia para a África. Eu vi, aqui, que a nossa premiada aqui está no Gabão. Você não sabe quantas críticas nós recebemos porque fomos ao Gabão, porque as pessoas estavam acostumadas que, diplomacia, a gente tinha que ir para Nova York, para Washington, para Paris, para Londres, para Roma, para Madri, para Buenos Aires, que era muito importante, ou para o Paraguai, que tinha conflitos políticos conosco. Mas para a África? Era descabido. “O que um presidente vai fazer indo para a África?”. Pois bem, eu vou terminar o meu mandato visitando 25 países africanos e ainda vou sair devendo mais 20 que eu deveria visitar e que eu espero visitar quando eu não for mais presidente da República.

A mesma coisa era para a Ásia. Eu lembro da crítica – e vocês são muito jovens. Eu lembro da crítica que nós recebemos quando nós fizemos uma feira em Dubai. Gastamos US\$ 500 mil para fazer uma feira. Ninguém nunca perguntou quanto a gente vendeu, só queriam saber quanto que nós tínhamos gastos. Gastamos 500 mil e vendemos US\$ 50 milhões.

Eu lembro de quanto nós fomos vítimas aqui quando compramos um avião. Pergunte para o Celso se não melhorou substancialmente ele agora poder fazer uma viagem em um avião da FAB, chegar, com muito orgulho, com um avião fabricado pela Embraer em qualquer país do mundo e não ter que ir para São Paulo, para pegar uma ponte aérea, para ir não sei para onde, para chegar em Nova York, tirar o sapato para poder entrar lá. Pergunta se não é muito mais orgulhoso. Quando inventaram a história de tirar o sapato, eu disse para o Celso: ministro que tirar o sapato deixará de ser ministro. Se tiver que tirar o sapato, volta para o Brasil, porque nós não exigimos que ninguém tire o



sapato aqui, por que tem que exigir da gente? Nós temos que... e ainda o cidadão com um passaporte vermelho. Diplomata. Antigamente era chique, hoje não é mais tão chique ter passaporte... Hoje tem muita gente, hoje tem muita gente que desconfia mais dos vermelhos do que dos azuis. Mas de qualquer forma eu tenho um vermelho e vou dá-lo para o ...

Bem, eu queria dizer para vocês que o Brasil vive um outro momento. Há uma... há uma coisa... o Celso estava falando de um artigo. Há uma coisa que vocês vão perceber: que o Brasil poderia ter feito as coisas diferente. Por exemplo, o Brasil não precisaria ter intercedido para fazer um acordo na Venezuela. E graças ao Brasil aquele acordo saiu e as coisas voltaram a normalidade da forma mais democrática possível. Todos vocês acompanharam como alguns queriam que eu partisse para a garganta do Evo Morales, que esganasse ele quando ele disse que o gás era dele. E eu não fiz porque achei que o gás era dele mesmo, e que nós tínhamos que pagar o preço justo pelo gás. Todo mundo queria que eu pulasse na garganta do Lugo e esganasse ele quando ele queria um pouco mais de dinheiro de Itaipu. E eu acho que eles precisam. E por que eu acho que eles precisam? Porque um país como o Brasil, que é a maior economia desse continente, o Brasil tem que ser o lado generoso. O Brasil tem que ser aquele que estende a mão, aquele que ajuda, aquele que permite que haja um avanço dos outros. O Brasil não pode ser o grande país e os outros os pequenos países. Até porque não haveria espaço para felicidade, para tranquilidade se a gente não fizer uma outra maneira de tratar os nossos vizinhos e fazer com que o crescimento do Brasil sirva para eles crescerem.

Vocês certamente terão muito mais orgulho, muito mais orgulho. E quando a gente começa a ganhar muito, Celso, a gente começa a incomodar. Talvez nem tanto os presidentes, mas talvez a burocracia intermediária que negocia. Eu tenho orgulho do que o nosso país fez, com a coordenação do Celso, na Organização Mundial de Comércio. Eu tenho orgulho quando países



como os Estados Unidos, quando países como a União Europeia toda me procuravam: “Lula, está nas suas mãos, você é que decide”. Quer dizer, se eu decidisse do jeito que eles quisessem. Mas, como nós tínhamos o nosso próprio jeito, terminamos por não ter um acordo, depois de um trabalho imenso. E não fizemos o acordo porque paralisou na divergência entre Estados Unidos e Índia. Divergência eleitoral, porque tinha eleição nos Estados Unidos em 2008 e tinha eleições em maio na Índia. E o Kamal, que era o negociador da Índia, era candidato na sua região, no mês de maio. E o governo americano, pensando em ganhar as eleições, não queria mexer [em] nada de comércio. O que é triste é que já faz dois anos, e nunca mais ninguém tocou no assunto. Como se não tivesse uma necessidade de resolver a crise econômica negociando a rodada de Doha.

Tem muita gente que não gostaria que o nosso querido Brasil fizesse retaliação nos Estados Unidos por conta do algodão. Ora, se a OMC tem regras, elas valem para o Gabão e valem para os Estados Unidos. Não podem valer apenas para um, tem que valer para todos. O que o Brasil fez? Exercitou um direito universal: regras estabelecidas pelos participantes. Graças a Deus, concluímos o acordo, e o algodão vai perder o subsídio que tinha, e os pobres da África, países como o Benin, que produz 400 mil toneladas de algodão, vai poder viver mais tranquilamente, mandando o seu algodão para o mercado internacional.

Então, Celso, eu quero que você compreenda e esses meninos e meninas compreendam que o Brasil ganhou muita importância por isso. Muitas vezes, o Itamaraty é criticado pelas coisas boas que faz. Ninguém critica um embaixador porque ele só gosta de participar de coquetéis toda noite. Se convocar alguém da imprensa para ir junto, não vai ter crítica nenhuma. Criticam é quando ele tem posição política definida. Criticam é quando ele tem posições de autoestima e defender o seu país. Aí nós recebemos críticas, como recebemos quando colocamos a China como parceiro comercial nosso,



como parceiro estratégico; quando decidimos fortalecer o Mercosul; quando decidimos criar a Unasul; quando decidimos criar a Comunidade da América Latina e Caribe. Então, tudo que une os iguais, nós temos críticas. Porque na verdade, viu Celso, eu acho que o Itamaraty, por todo trabalho prestado ao Brasil... algumas pessoas ainda pensam que o Itamaraty foi criado para ser uma coisa de relações de G-10, G-15, G-20, só coisa dos mais ricos, e não como um país que criou 34 embaixadas no nosso governo. E eu quero dizer que é com muito orgulho, muito orgulho, quando eu vejo um menino ou uma menina, e passou por São Tomé e Príncipe e por Gabão. E hoje é muito importante, porque muitos diplomatas brasileiros pedem para ir para esses lugares, numa demonstração de que a gente começa a ter mais orgulho, não apenas da nossa profissão, mas do nosso país. E a gente sabe que ninguém vai respeitar a gente se a gente não se respeitar.

Está aqui um companheiro que estava na Venezuela, e é com muito orgulho que, quando a gente quando cria uma comunidade de nações do Caribe e da América Latina, que um companheiro presidente da República de outro país vem pedir: “Lula, pelo amor de Deus, manda o seu embaixador para me ajudar a redigir o documento, que nós não temos condições de fazer”. Além da relação de confiança, é a relação da competência, e é isso que faz com que o Itamaraty seja essa casa de excelência que nós somos...sempre fomos, historicamente fomos. Mas é importante combinar essa excelência com autoestima do nosso corpo de diplomatas, com o orgulho de saber que nós poderemos discutir em igualdade, sabe, de igual para igual, com o Sarkozy, com o Obama, com o Hu Jintao, com o Medvedev, com o primeiro-ministro Singh, se não existe grau de país de primeira e país de segunda. Um pode ser mais rico do que o outro, mas a nossa terra é tão importante quanto a deles e a nossa ação tem que ser tão importante quanto a deles. É isso que vai nortear a carreira de vocês: é vocês dormirem tranquilos sabendo que vocês fizeram



aquilo que tinha que ser feito, e é por isso que é importante a importância que a gente deu à diversificação da relação do Brasil. Recebemos muitas críticas.

Eu fico vendo, Celso, o mundo... Eu, muitas vezes, acho que as pessoas me tratam bem porque, como eu sou um operário de fábrica, então, todo mundo: “Lulinha” daqui, “Lulinha” de lá, sabe? E eu também trato todo mundo muito bem. O Celso sabe que eu respeito todo mundo. Eu acredito na relação humana como ninguém acredita. A Marisa até não gosta muito que eu fique passando a mão nas pessoas, abraçando, ela até não gosta muito, mas é assim que eu me relaciono. E eu acho que eu estabeleci uma relação de amizade com os presidentes, uma relação de companheiros. Mas sempre com a antena ligada de que o Brasil estava colocando o pé em espaços que outrora não colocava o pé.

Então, de repente, acontece Copenhague. Nós já tínhamos perdido três vezes as Olimpíadas. As pessoas acham que nós ganhamos o direito de fazer as Olimpíadas por sorte. Por sorte, não, foi dedicação exclusiva do Itamaraty durante dois anos; foi dedicação dos nossos embaixadores em cada país em que tinha delegado; foi dedicação minha de conversar com todos os presidentes e pedir voto, mandar carta para todos os delegados, mandar carta para todos os primeiros-ministros, mandar carta para todos os presidentes durante dois anos; do governador do Rio de Janeiro; do prefeito do Rio de Janeiro; do presidente do COI. Foi a dedicação de um país para ganhar Copenhague, não foi a sorte.

Eu lembro da última conversa que eu tive, em Copenhague. Eu fui lá dois dias antes para conversar com um delegado votante. E eu lembro que eu fui conversar com um companheiro da imprensa... não, companheiro da Itália, não vou dizer o nome dele aqui, mas eu fui conversar. Aí, o cara nem me cumprimentou, já começou a botar defeito no Brasil: “Eu acho que o Brasil não vai ganhar por causa disso, eu acho que o Brasil não vai ganhar por causa daquilo, eu acho que o Brasil não vai ganhar por causa da violência no Rio, eu



acho que o Brasil não vai ganhar por causa disso”. Ou seja, o cara não me conhecia, sentou na minha frente e ditou regras para mim durante meia hora.

Aí, quando ele terminou de falar, o nosso querido João Havelange queria se retirar da reunião, o Prata estava com mais uns 50 caras no escritório que eu estava, cada um com uma má vontade maior do que a outra, falando alto. Eu levantei e dei um berro, pedi para quem não quisesse ouvir, caísse fora da reunião. Aí, o italiano se assustou, e eu falei: olha, companheiro, vou dizer uma coisa para você. “Qualquer delegado, qualquer delegado do COI, qualquer pessoa que tiver voto no Comitê Olímpico, pode votar contra o Brasil. Você não pode, você não pode. Você tem obrigação moral e política de votar no Brasil, porque é lá que tem a maior comunidade italiana fora da Itália. Então, se você não pode fazer a Olimpíada de Roma, faça no Brasil, para os italianos verem”. Bem, eu não sei se eu ganhei o voto dele, mas eu sei que quando terminou a votação, ele foi o primeiro a vir me abraçar. Ele foi o primeiro.

Porque é assim. As pessoas chegam em um lugar, as pessoas querem dizer. Ô Celso, sabe aqueles negociadores europeus? Agora nos tratam com deferência. Mas, no começo, quando você é novato no pedaço, chega lá um cara de quarto escalão, que você nem sabe, e vai ditando regras, e vai impondo condições: “A Europa pensa isso, a Europa quer que faça isso”. Ora, quer, não! Quer saber se nós queremos? Vamos baixar o facho e vamos sentar em igualdade de condições. É assim que deve ser a diplomacia brasileira: sermos, todo mundo, generosos, bondosos, humildes, mas orgulhosos de sermos brasileiros e defender os nossos interesses.

Agora, em Copenhague, no COP 15... A Marisa já está reclamando ali, dizendo para a Ana Amorim: “Se ele tivesse lido o discurso, já tinha acabado”. Isso é a experiência de 36 anos de casado, é isso que...

Mas eu vou contar, a última, essa da COP 15. Na COP 15, estava desenhada uma coisa extraordinária. Outros países ricos queriam acabar com o Protocolo de Quioto, porque ninguém queria compromisso com metas, e



ninguém queria compromisso com financiamento. E estavam os países, todos, combinados para jogar todo o peso da responsabilidade em cima dos países em desenvolvimento, sobretudo da China. Nós mandamos uma boa delegação para lá, o Brasil, sabiamente, tomou uma decisão de que a gente iria diminuir a emissão de gases de efeito estufa de 36 a 39% até 2020; que nós iríamos reduzir o desmatamento da Amazônia em 80% até 2020, então o Brasil chegou lá com autoridade moral – que está esse menino dos Santos, agora, que todo mundo quer que convoque ele para a Seleção, esse menino Neymar –, o Brasil chegou com essa autoridade moral. Todo mundo queria ver qual era a “paradinha” que o Brasil ia dar e para que lado que o goleiro ia cair. Vamos lá. Cheguei lá, tivemos bilaterais com todos os países europeus, todo mundo queria saber o que o Brasil estava pensando, o que o Brasil ia fazer, o que o Brasil... Bom, foi ficando claro para eles que nós não íamos prejudicar a China; e foi ficando claro para eles que nós não queríamos acabar com o Protocolo de Quioto; e foi ficando claro para eles que nós queríamos que todos tivessem responsabilidade, porém, diferenciada, e que cada um pagasse pelo estrago que cometeu ao planeta. Isso posto, pediram para que eu... Imagina, pediram para eu convocar uma reunião depois das 10 horas da noite. E fomos para um jantar com a Rainha, estou eu convidando todo mundo: vamos para a reunião, vamos para a reunião. Eu não fazia isso nem no tempo em que eu era dirigente sindical. Mas às 3 horas da manhã, a gente estava apinhado em uma sala apertada, que não tinha cadeira para todo mundo sentar, discutindo palavras e artigos. Chegou uma hora que eu levantei e falei: “Olha, companheiros, quero dizer uma coisa para vocês: nós, no meu país, já fizemos a lição de casa”. O embaixador Figueiredo estava conosco, não é? Aliás, um craque, viu Celso, um craque. Um craque na arte de negociar, na arte de flexibilizar e na arte de endurecer quando é necessário endurecer.

Então, estávamos lá, aí, 3h da manhã, eu falei: “Sabe de uma, gente, olha: nem no tempo em que eu era dirigente sindical eu ficava discutindo



artigos e palavras. Eu vou embora”. Levantei e fui embora. Dia seguinte, às 9h, começamos outra vez. Quando foi meio-dia: “Não vai dar acordo”. Levantamos. Aí, ninguém conversava com ninguém mais. Ficou aquele “samba do crioulo doido”. Ficou aquele negócio assim...

Quando foi 5h da tarde, nós pedimos uma reunião: Brasil, China, Índia e África do Sul. Basic. Porque, também, o Itamaraty é que nem o governo: sempre que tem só uma palavra, já faz uma sigla. Então... É verdade. Começamos a reunião, não tinha sigla, já saímos com um tal de “Basic”. Aí, qual não é a nossa surpresa, que Brasil, China e Índia estavam bem afinados. E África do Sul. Brasil, China, Índia e África do Sul. Bem afinados, o G-77, os países africanos todos conosco. O nosso companheiro Chávez, o Evo Morales, mais radicalizando.

E aí, lá pelas tantas, entra o presidente Obama. Primeiro, chegou a Hillary Clinton, os chineses não quiseram deixar ela entrar. E ela dizia: “Eu sou Secretária de Estado”. Acho que os chineses não entendiam, mas ela terminou... Ela entrou na reunião do Basic, e daqui a pouco estava a Europa reunida em um canto, chega o Obama e fala: “Olha, eu vim aqui para conversar, se precisava fazer um acordo”. Então, sentou o Obama lá, depois de uma hora, uma hora e pouco, fizemos um acordo, ele fez algumas propostas, algumas nós aceitamos, outras nós recusamos, fizemos um acordo. E depois acabou a reunião sem ter o sucesso que tinha, nós vamos ter que trabalhar para o COP 16.

Por que eu estou dizendo isso? Na história política da Humanidade, toda vez que aqueles que têm similaridades se juntarem, eles ganham muita força. O problema sério é quando os iguais se juntam aos diferentes – e sobretudo aos ricos, nunca se juntam aos pobres – para formular políticas de unidade, políticas que permitam a coesão entre os países.

Então, quando a gente começa a ganhar esses espaços, nós vamos arrumando adversários. Então, o Brasil na OMC teve um problema, o Brasil em



Copenhague teve outro problema, o Brasil nas Olimpíadas teve outro problema. E assim a gente vai arrumando, ou seja, a gente vai chegando em um baile que tinha três caras bonitos, 50 mulheres, de repente, chega mais 50 bonitos e as mulheres vão rareando, as pessoas não querem. E vale de mulher para homem também.

Ou seja, o dado concreto é que o Brasil não é mais coadjuvante. O dado concreto é que o Brasil cresceu, o dado concreto é que o Brasil virou importante. E não virou importante apenas porque temos 200 milhões de habitantes, oito milhões e meio de quilômetros quadrados. Viramos importantes porque temos políticas importantes. E eu falo sem medo de errar, porque temos na figura do Celso, liderando a diplomacia brasileira, talvez, o melhor diplomata em ação hoje de todos os que eu conheço, de todos. Isso vai criando ciúmes para quem está fora e eu acho que deve criar orgulho para vocês. Muito orgulho, porque vocês estão entrando na carreira diplomática em um momento auspicioso da história deste país. E não pode ter retorno, não pode ter retorno. Ou seja, a gente não pode voltar aos tempos em que o Brasil... E eu defendo mais embaixada, defendo mais dinheiro para o Itamaraty, ou seja, acho que a gente não tem... Eu, quando chego em um lugar qualquer eu vejo a Embaixada da França, a Embaixada da China, a Embaixada Americana, é do tamanho da Esplanada dos Ministérios. Tem mais gente do que todo o Itamaraty. Às vezes, a gente chega na nossa e tem dois funcionários. Não se queixam do salário por respeito ao Presidente, mas a gente sabe que a gente precisa melhorar muito. E eu sei que nós já melhoramos, eu sei. Nós já duplicamos quase o número de funcionários, já melhorou salário, mas eu sei que é pouco. Pela excelência que é a nossa diplomacia, nós precisamos estar em todos os países, com embaixadas preparadas com muitos especialistas para fazer intervenção em todos os assuntos, Celso.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que dentro de quatro, oito anos, nós iremos ter muito mais orgulho do Itamaraty. Itamaraty deixou de ser aquela



coisa bonita, inteligente, para poucos. Nós queremos continuar bonitos, inteligentes para todos e para muitos. É esse o nosso papel. Por isso, meninos e meninas, que Deus dê força para vocês, se depender do discurso, do que se falou em nome de vocês, eu acho que essa turma tem tudo para ser uma turma vencedora.

Um abraço, que Deus abençoe todos vocês e parabéns aos familiares.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
almoço oferecido ao presidente do Líbano, Michel Sleiman**

Palácio Itamaraty, 22 de abril de 2010

Excelentíssimo general Michel Sleiman, presidente da República do Líbano,

Senhora Wafaa Sleiman,

Minha companheira Marisa,

Senhor, Tarek Mitri, ministro da Informação e das Relações Exteriores do Líbano, por meio de quem cumprimento os demais integrantes da delegação libanesa,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, por meio de quem cumprimento os demais ministros brasileiros,

Senhoras e senhores embaixadores,

Deputados Federais,

Senadores,

Amigos e amigas convidados,

Receber o Presidente do Líbano é sempre uma ocasião especial para nós, brasileiros. Recebê-lo no ano em que comemoramos 130 anos da imigração libanesa é renovar os laços humanos que fazem desta visita um verdadeiro reencontro familiar.

Particpei há dias de evento em que recordamos os desbravadores do passado. Unidos apenas de coragem e esperança, homens e mulheres que atravessaram oceanos em busca de uma nova vida. Seus filhos herdaram seu tino e talento, destacando-se no Brasil como políticos, médicos, arquitetos, engenheiros, artistas e cientistas. Estão representados aqui hoje na pessoa do ministro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; de



Fernando Haddad, ministro da Educação; de Jorge Hage, da Controladoria-Geral da República [União].

Foi com esse espírito que meu governo lançou o encontro de líderes de países da América do Sul e de países árabes, cuja segunda edição se realizou em Doha em 2009.

Nossos países estão escrevendo um novo capítulo dessa extraordinária epopéia. Fui o primeiro presidente do Brasil a visitar o Líbano por estar convencido de que essa nossa parceria é indispensável. O Brasil quer participar da construção de um novo Líbano. Em anos recentes, imigrantes brasileiros desenham o caminho inverso. Prestamos assistência humanitária durante o conflito de 2006 e participamos das conferências de doadores para a reconstrução do país. Colaborar para a plena reconciliação do Líbano é o desejo de todos os brasileiros. Espelha nossa profunda gratidão a uma nação que tanto contribuiu para a formação do Brasil moderno e confiante de hoje.

Por meio de acordos que assinamos hoje, vamos realizar cooperação em matéria de desenvolvimento social e esporte.

Meu caro amigo Presidente,

O Brasil quer ver o Líbano recuperar seu lugar como porta privilegiada de acesso aos investimentos e ao comércio no Mundo Árabe. Queremos consolidar o papel de Beirute como plataforma para os negócios brasileiros. Estamos empenhados em reativar a conexão aérea direta entre os países. Desde o início de meu governo, nosso comércio triplicou, chegando a U\$ 300 milhões. Temos agora o desafio de equilibrá-lo. Parte da resposta está na diversificação da pauta de exportações libanesas.

Este foi um dos objetivos da recente missão empresarial que o ministro Miguel Jorge comandou a Beirute. À frente de 61 empresas brasileiras, também identificou oportunidades de investimentos para acelerar a reconstrução da infraestrutura do país. Na oportunidade, foi assinado um Memorando de



Entendimento sobre Comércio e Investimento, que vai multiplicar os resultados que já estamos colhendo.

Senhor Presidente,

Com sua eleição ao cargo de presidente da República, em 2008, e com a bem-sucedida eleição parlamentar em 2009, o Líbano lançou as bases do renascimento que atualmente vive. Das profundas convicções que alimentam sua corajosa militância, Vossa Excelência destilou uma certeza absoluta: a inabalável vocação do povo libanês para a paz e para a democracia. Sua liderança se inspira na trajetória do saudoso companheiro Rafik Hariri, que sacrificou sua vida à causa que estava mais próxima de seu coração: fazer do Líbano um exemplo de tolerância e prosperidade para todo o Oriente Médio.

A visita que Vossa Excelência fez a Damasco é passo indispensável nessa marcha. Essa é a agenda de paz e reconciliação que nossos países estão levando ao Conselho de Segurança. Não haverá reconciliação na região sem um Líbano vivendo em harmonia com seus vizinhos. Não haverá conforto para o sofrido povo libanês enquanto perdurar o conflito árabe-israelense, a questão dos refugiados palestinos e as indefinições sobre o programa nuclear iraniano.

Estive recentemente no Oriente Médio e pude ver de perto a esperança nos olhos das crianças. Estou convencido de que a paz está ao nosso alcance. É com a certeza... É com a mesma confiança no diálogo que irei em maio a Teerã.

Senhor Presidente,

Recordo com especial admiração minha visita a Beirute em 2003. Naquela ocasião, ela renascia, pujante e confiante, das cinzas de uma dilacerante guerra. Essa cidade é a expressão viva do caminho da reconciliação e da reconstrução que o Líbano, sob a liderança de Vossa Excelência, vem percorrendo.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

É com essa certeza que quero convidar o Líbano a forjar uma nova parceria com o Brasil. É com a mesma convicção que convido todos a erguerem um brinde à saúde do presidente Sleiman e à amizade e afeto entre os nossos povos.

(Incompreensível).

(\$211A)



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a Reunião de Cúpula Brasil-Caricom

Palácio Itamaraty, 26 de abril de 2010

Primeiro, eu queria reiterar os cumprimentos à presença de cada chefe de Estado, chefe de Governo e de todos os representantes dos países-membros da Caricom. Cumprimentar a imprensa. E dizer para vocês, os nossos embaixadores, eu acho que é sempre importante a gente enaltecer o trabalho daqueles que, no anonimato, produziram todos esses documentos que nós assinamos aqui, produziram todos os papéis que nós assinamos e que, muitas vezes, nós, chefes de Estado, chegamos em uma reunião, está tudo muito pronto para a gente fazer e, muitas vezes, a gente não agradece. Então, meus agradecimentos a todos aqueles que trabalharam para que nós pudéssemos ter essa reunião exitosa que tivemos hoje.

Em segundo lugar, dizer a todos os amigos presentes a essa reunião que hoje é um dia muito especial para mim. Especial porque quando fui, em 2005, no Suriname, participar da Caricom, eu assumi o compromisso de que nós iríamos fazer uma cúpula entre o Brasil e a Caricom. Demorou um pouco, é verdade, mas nós já participamos de outras reuniões, porque já fizemos a Comunidade Latino Americana e Caribenha, já fizemos uma reunião na Bahia, no Brasil, uma reunião no México.

Mas eu estou extremamente feliz porque eu vi, na reunião de trabalho de hoje, quanto tempo nós perdemos não nos relacionando, nas últimas décadas. De um lado, porque o Brasil olhava para os países da Caricom como se fossem países pequenos, economicamente sem importância, e que era importante ter uma relação com as grandes economias do mundo, com as grandes nações do mundo. Mas quando a gente olha a questão do comércio entre a Caricom e o Brasil, e a gente lembra que, em 2002, nós tínhamos apenas US\$ 660 milhões



no fluxo comercial entre o Brasil e a Caricom, e chegamos a 2008 com US\$ 5,2 bilhões., nós percebemos que, se nós tivéssemos começado antes, a gente poderia estar em uma situação infinitamente melhor.

O Brasil não olhava para a Caricom e vocês também não olhavam para nós. Porque o Brasil não era um país respeitado no mundo. Muitas vezes, se falavam do Brasil, as pessoas lembravam do Carnaval brasileiro ou as pessoas lembravam do futebol brasileiro. O Brasil não era levado a sério na questão política. O que mudou nesses últimos períodos é que nós nos descobrimos, é que nós poderemos ser úteis e solidários a todos os países da Caricom, e vocês podem ser úteis e solidários ao Brasil. E, ao mesmo tempo, eu tenho a convicção de que os acordos que nós assinamos hoje vão mudar, definitivamente, a história na relação entre Brasil e os companheiros dos países da Caricom. Não tenho dúvida, companheiros, de que haverá mudança substancial. Primeiro, porque o Brasil caminha com muita disposição de se transformar em uma grande nação e em uma grande potência econômica. O Brasil tem condições, e, se nós continuarmos no ritmo que estamos, o Brasil poderá chegar em 2016, 2018 a ser a quinta potência econômica mundial.

E, ao Brasil – e essa é uma visão do meu governo, e eu tenho a convicção do povo brasileiro –, a nós não interessa crescermos sozinhos. É preciso que todos cresçamos juntos. Nós poderemos fazer muito. A nossa Embrapa pode ajudar de forma extraordinária o desenvolvimento agrícola nos países da Caricom. Poderemos colaborar de forma extraordinária na questão da saúde. Poderemos colaborar de forma extraordinária na segurança alimentar, porque temos uma experiência exitosa e extraordinária na agricultura familiar. E tudo isso nós só poderemos passar para os companheiros se nós conhecermos o que cada um de nós está fazendo.

Na questão energética, nós temos condições de ajudar os países da Caricom. Temos tecnologia, temos *expertise*, portanto, nós poderemos



descobrir novas fontes de energia, trabalhando conjuntamente. Por isso que eu disse no início que estava feliz com essa reunião.

Mas, veja que importante, que nós assinamos nessa Declaração, que é uma coisa que me deixa mais feliz ainda: Na Declaração tem um parágrafo em que nós dizemos o seguinte: “Reconhecendo a importância da herança africana em suas sociedades, os chefes de Estado e de Governo decidiram incentivar a realização de estudos sobre o fenômeno da escravidão e seu impacto na formação de suas identidades nacionais, com vistas a valorizar adequadamente a participação dos afrodescendentes em suas histórias comuns”. Eu acho isso de uma riqueza incomensurável, nós colocamos em um documento, para que a gente possa, de forma muito humilde, trabalhar o significado dos afrodescendentes na história da Caricom e sobretudo na história do Brasil, que é o maior país negro do mundo, depois da Nigéria.

Portanto, meus queridos companheiros e companheiras, eu acho que essa reunião aqui celebra coisas mais importantes do que apenas mais uma reunião. Eu agora estou importante, porque eu faço reunião do G-8, do G-13, do G-20, do G-77, do G-15, do Ibas, do Bric, da Unasul... Ou seja, o que não falta é “G” para eu participar de reunião. Mas essa reunião aqui, se for analisada do ponto de vista eminentemente econômico por um jornalista crítico, eles vão dizer, aqui no Brasil: “Por que o presidente Lula dedicou uma segunda-feira para discutir com os países da Caricom?” E eu diria: Possivelmente, se os interesses fossem só econômicos, nós não estaríamos fazendo essa reunião. Essa reunião, ela celebra algo mais importante que o dinheiro. Ela celebra a autoafirmação da soberania dos países, por menor que eles sejam. Ela celebra o fortalecimento da democracia no nosso continente. E ela celebra a extraordinária certeza de que a grandeza de um país não está apenas no tamanho do seu território ou na quantidade da sua população, está na grandeza dos seus dirigentes, está nos gestos do seu povo.

E eu tenho certeza – depois de conhecer vários de vocês – que o menor



país que participa da Caricom, o menor, o que tem 50 mil habitantes, o que tem 90 mil habitantes, tem o mesmo direito que tem o maior país do mundo em população, que é a China, ou o maior país economicamente falando, que são os Estados Unidos. Afinal de contas, o que nós queremos é garantir a nossa soberania e nós queremos garantir a autodeterminação dos nossos povos.

Essa reunião tem esse significado. Possivelmente, há 15 anos ninguém acreditaria se nós falássemos em uma reunião como esta, ninguém acreditaria. E hoje, ela não só se realizou como eu participei do ato de maior assinatura de quantidade de acordos que eu já participei em oito anos de governo.

Por isso, meus queridos companheiros e companheiras, chefes de Governo, chefes de Estado, embaixadores, ministros, do coração, os meus agradecimentos à presença de vocês aqui, hoje. Com essa declaração, eu quero cumprimentar o nosso companheiro Roosevelt, da Dominica, e dizer que fiquei lisonjeado com as suas palavras. E dizer para ele que mesmo eu não estando mais na Presidência, fique tranquilo que eu vou continuar fazendo política. Podem ficar tranquilos que eu vou continuar fazendo política porque eu nasci político e vou morrer político. Não vou (incompreensível).

Muito obrigado e está encerrada a nossa Cúpula.

Aguardo vocês, todos [em traje] esporte, para a gente jantar.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura de atos na Reunião de Cúpula Brasil-Caricom
Palácio Itamaraty, 26 de abril de 2010**

Olhe, primeiro, eu poderia dizer: nunca antes na história do Brasil e da Caricom se assinaram tantos acordos de uma única vez. Uma coisa eu tenho certeza: que os nossos embaixadores brasileiros e embaixadores da Caricom vão ter muito mais trabalho daqui para frente, para acompanhar a execução dos acordos.

Bem, eu queria colocar em votação a Declaração de Brasília. Obviamente que todo chefe de Estado já conhece, vai ser entregue ou já foi entregue para todo mundo e, apenas para a nossa imprensa registrar, os companheiros que concordam com a Declaração, por favor, fiquem como estão; quem não concordar, que se manifeste. Aprovado por unanimidade.

Bem, quem participou do movimento sindical, quem participou do movimento estudantil ou quem foi parlamentar, sabe que é assim que se faz as votações em qualquer lugar do mundo.

Bem, na verdade, companheiros, eu quero, do fundo do coração, agradecer aos companheiros pela gentileza de terem vindo até o Brasil e de terem colocado os seus ministros, seus assessores, para elaborarem juntos a Declaração de Brasília e para construir os acordos que nós firmamos aqui, que é uma quantidade extraordinária.

Então, eu quero declarar encerrada a Cúpula Brasil-Caricom, pedindo aos companheiros que permaneçam nos seus lugares, porque eu vou devolver a palavra ao nosso chefe de cerimônia, que vamos ter, agora, uma declaração à imprensa.

Bem, quem participou do movimento sindical, quem participou do movimento estudantil ou quem foi parlamentar, sabe que é assim que se faz as



votações em qualquer lugar do mundo.

Bem, na verdade, companheiros, eu quero, do fundo do coração, agradecer aos companheiros pela gentileza de terem vindo até o Brasil e de terem colocado os seus ministros, seus assessores, para elaborarem juntos a Declaração de Brasília e para construir os acordos que nós firmamos aqui, que é uma quantidade extraordinária.

Então, eu quero declarar encerrada a Cúpula Brasil-Caricom, pedindo aos companheiros que permaneçam nos seus lugares, porque eu vou devolver a palavra ao nosso chefe de cerimônia, que vamos ter, agora, uma declaração à imprensa.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de instalação e primeira Sessão Plenária da Reunião de Cúpula Brasil-Comunidade do Caribe (Caricom)

Palácio Itamaraty, 26 de abril de 2010

Bem, eu quero, primeiro, dizer da alegria de estar recebendo todos os companheiros e companheiras que representam a Caricom, para participar desta Cúpula Brasil-Caricom. Portanto, eu quero cumprimentar todos e quero declarar aberta esta reunião de Cúpula Brasil-Caricom.

Nós temos um pequeno roteiro que vocês conhecem. Eu vou fazer uma breve abertura, depois falará o primeiro-ministro de Dominica, o companheiro Roosevelt, Presidente Pro-Tempore da Comunidade do Caribe; depois falará o Edwin, secretário-geral da Caricom; e depois, então, nós abriremos a palavra a todos os participantes.

Meus amigos e minhas amigas,

Com a abertura desta primeira reunião Brasil-Comunidade do Caribe, honramos o compromisso assumido na Cúpula da Caricom, em 2005. Estamos confiantes nessa parceria baseada na força de nossa diversidade. Nossa rica herança africana nos faz aliados na luta contra toda forma de discriminação e desigualdade.

Compartilhamos, também, uma forte vocação democrática. Este ano, o povo se pronunciará soberanamente em eleições gerais no Haiti, Suriname, em Trinidad e Tobago e no Brasil.

Senhores Chefes de Estado e de Governo,

O processo de integração que estamos lançando faz parte de um movimento que está reescrevendo a história da América Latina e do Caribe. Na Bahia, em 2008, pela primeira vez em 200 anos, as nações latino-americanas e caribenhas reuniram-se com uma agenda própria, sem tutelas externas. Há



dois meses, no México, criamos a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos, na certeza de que problemas comuns exigem soluções compartilhadas.

Estamos nos espelhando no exemplo da Caricom, que tem sabido atuar como bloco coeso e disciplinado. A Comunidade conhece sua força: são 17 milhões de caribenhos com um PIB de US\$ 80 bilhões. Representam 44% dos votos na OEA e 7% dos assentos na ONU. Ao fortalecer nossa aliança, forjamos posições conjuntas em favor de uma ordem internacional mais justa.

No G-20, o Brasil busca expressar as demandas da América Latina e do Caribe. Temos proposto iniciativas para engajar as instituições multilaterais no financiamento de programas sociais e de infraestrutura nos países em desenvolvimento.

A redução dos gases de efeito estufa e o crescimento robusto do mundo em desenvolvimento, requerem que todos os países assumam suas responsabilidades. O Brasil continuará dando o exemplo, com iniciativas ambiciosas, para reduzir, substancialmente, suas emissões. Insistiremos na conclusão da Rodada de Doha. Precisamos reverter distorções ao comércio agrícola mundial, que mantêm milhões na insegurança alimentar ou na dependência da caridade.

Caros amigos,

Temos pressa em recuperar o tempo perdido. É o que mostra o extraordinário aumento de nossas trocas. Passaram de US\$ 657 milhões, em 2002, para US\$ 5 bilhões e 200 milhões, em 2008, um aumento de quase dez vezes mais. A crise econômica redobrou nossa determinação em consolidar essa parceria. Nos primeiros meses de 2010, o nosso comércio vive forte recuperação. A ampliação das trocas e o estímulo a investimentos brasileiros ajudam a corrigir o elevado desequilíbrio comercial em favor do Brasil.

Abrimos embaixadas em todos os países da Comunidade. Queremos conviver mais de perto com a sociedade caribenha e conhecer suas



aspirações. A inauguração da representação diplomática de Barbados, em Brasília, em 2010, mostra que essa também é a convicção do Caribe.

Estou convencido de que estão dadas as condições para concluirmos um acordo entre o Mercosul e a Caricom. Reforçar nossas relações requer criarmos conexões aéreas e marítimas diretas.

O Brasil tem, hoje, o status de observador junto à Comunidade, mas queremos ser verdadeiros parceiros. Por isso, decidimos aceitar o comando da Minustah. Confiamos em que a América Latina e o Caribe podem oferecer um novo paradigma de soluções de conflitos. Vamos provar que não é preciso ser rico para ser generoso. O Brasil destinará mais de US\$ 300 milhões para ajudar o Haiti a recuperar-se do recente terremoto. Também queremos demonstrar que é possível ser solidário respeitando a soberania do povo haitiano.

Senhoras e senhores,

A Caricom é destino de 10% de toda a cooperação técnica brasileira. Essa é uma parceria vitoriosa que vamos intensificar em setores prioritários. A Embrapa vai compartilhar pesquisas com o Instituto Caribenho de Pesquisas e Desenvolvimento Agrário. O Ministério da Saúde do Brasil e o Instituto Caribenho de Saúde Ambiental vão assinar memorando de entendimento. Vamos dar início às negociações para a participação no Fundo de Desenvolvimento da Caricom. Essas iniciativas requerem identificar fontes inovadoras de financiamento. A decisão do Brasil de tornar-se membro pleno do Banco de Desenvolvimento do Caribe é nossa resposta.

Amigos,

Há poucos dias, o Brasil acolheu os líderes do Ibas e dos Bric, países que estão reescrevendo as regras do sistema internacional. Com a mesma motivação nos reunimos hoje. Acreditamos na nossa visão de um mundo melhor e, sobretudo, um mundo mais justo. Essa é a vocação do Caribe e do Brasil: aproximar para unir e unir para mudar.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade comemorativa aos 37 anos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)

Brasília-DF, 29 de abril de 2010

Quando houve a Revolução Mexicana, um dos primeiros decretos feitos pelos homens que fizeram a Revolução foi o de acabar com a nominata e, nas manifestações públicas, dizerem apenas “cidadãos e cidadãs mexicanas”.

Então, cidadãos e cidadãs brasileiros,
Companheiros da Embrapa,
Pesquisadores,
Deputados,
Embaixadores,
Amigos e amigas,

Possivelmente, nós iríamos compreender melhor a Embrapa se, em vez de a gente ficar nominando o que a Embrapa fez, a gente fechasse os olhos e, por cinco segundos, a gente pensasse o Brasil sem a Embrapa. Certamente, nós não teríamos a respeitabilidade que nós temos hoje, quando se fala do desenvolvimento agrícola dos países.

E nós achamos que poderíamos estar muito mais avançados se durante tanto tempo a Embrapa não tivesse sido esquecida no Orçamento da União, os funcionários esquecidos na discussão dos reajustes salariais e se a Embrapa não tivesse sido esquecida de mais dinheiro para contratar mais pesquisadores, mais cientistas, para fazer mais coisas.

Quando eu tomei posse, eu sempre me incomodei com a dívida que nós temos com o mundo africano, e que é impagável, do ponto de vista de recursos, nós temos que pagar do ponto de vista da solidariedade, da



transferência de conhecimento. E é isso que nós resolvemos fazer com a Embrapa.

Em muitas discussões com companheiros da Embrapa, já naquela época, a gente imaginava que uma parte da savana africana pudesse ter o mesmo potencial de produção agrícola do cerrado brasileiro. E essa seria uma contribuição inestimável que o Brasil daria àquele povo africano, que sendo cidadãos livres na África, foram escravizados e vieram para o Brasil para, junto com os europeus e os índios, fazerem o que nós somos. Nós somos o resultado de uma tríplice mistura, tríplice, ou seja, uma genética purificada em três continentes e resultou no povo que nós somos. Não sei se tem igual, melhor não tem, mais purificado não tem.

E esse gesto de generosidade é apenas o reconhecimento daquilo que o Brasil pode fazer, que os países colonizadores não fizeram. É triste, mas a verdade é que os países que colonizaram os países africanos durante séculos não deixaram lá o conhecimento científico necessário para que a África pudesse, neste momento em que o mundo precisa tanto de comida, e o mundo discute tanto novas matrizes energéticas, a África não tem o conhecimento tecnológico, mesmo sendo colonizada por grandes potências europeias.

Bem, a nossa decisão é uma decisão que ainda precisa ser complementada, porque, não sei se todo mundo sabe, a Embrapa, a lei que criou a Embrapa não permite que a gente instale a Embrapa em outros países. Então, nós já estamos, além dos países ricos, nós já estamos em Gana, é isso? Vai lembrando aí. Moçambique, Mali, estamos em Caracas, estamos em... vamos para o Panamá. Eu estava dizendo, agora, que é preciso ir ali, para El Salvador, que tem problemas. E queremos construir, em todos os países que tiverem potencial de agricultura tropical, a gente levar o que a gente conhece para desenvolver.

Por que isso? Porque o mundo, se a FAO estiver correta, tem 1 bilhão de seres humanos que deitam, todo santo dia, com fome. Um bilhão. Se nós



imaginarmos que o continente africano estará com 800 milhões de habitantes, daqui a duas décadas; se nós imaginarmos que a China tem ainda que incluir quase que 700 milhões de chineses no mercado de consumo; se nós imaginarmos que a Índia ainda tem que colocar alguns milhões de indianos no mercado de consumo; e se nós imaginarmos o potencial de consumo que tem na América Latina, nós precisamos ter em conta que o alimento passa a ser uma coisa de valor extraordinário para que a humanidade não faça guerra, para que a humanidade viva em paz.

Não há nada mais importante para o mundo, no século XXI, do que nós garantirmos ao mundo segurança alimentar. E segurança alimentar, hoje, é muito importante, porque não é mais caracterizada apenas pela quantidade da área plantada. Mas, às vezes, com menos área e com mais tecnologia, nós conseguimos produzir às vezes mais em alguns lugares do que em outros.

O milagre da irrigação, o milagre da tecnologia tem mostrado isso. Você disse do avanço da tecnologia no Brasil, o gado, por exemplo, a gente, há pouco tempo, levava praticamente cinco anos para matar um boi. Hoje, com 18 meses já se mata um boi. Então, é importante que a gente veja o ganho de produtividade que isso dá a um país, da mesma forma a quantidade de produção por hectare de soja, de cana-de-açúcar, e assim por diante.

É isso que nós queremos levar para os países que têm características iguais às do Brasil, para que a gente possa equilibrar o mundo, na área alimentar. E, fazendo isso... e eu acho que os técnicos – não sei se estão aqui os técnicos que estão trabalhando lá fora - fazendo isso, eu acho que autoestima das pessoas... Porque nós estávamos habituados a constatar a pobreza, a miséria, a fome. Ou seja, nós saímos dessa fase da constatação para a fase de tomar medidas para que a gente possa acreditar que daqui a alguns anos a gente não tenha mais isso.

Eu estava, agora, com os presidentes do Caricom, nós fizemos uma reunião com todos os presidentes do Caricom. E o presidente de um país de 90



mil habitantes, Antígua e Barbuda, se não me falha a memória, me dizia que eles ganharam, na OMC, uma pendenga com os Estados Unidos, mas os Estados Unidos não cumpriram, e eles não têm como fazer os Estados Unidos cumprirem. Ganharam na OMC, como decisão da OMC.

No caso do Brasil, nós ganhamos a disputa pelo algodão. Vocês viram que tinha muita gente, no Brasil, com medo que a gente fizesse retaliação, que tínhamos direito de fazer, pela decisão da OMC, achando que uma economia forte como a americana ia ficar zangada com o Brasil. Ou seja, nós mandamos uma medida provisória listando os produtos que a gente iria retaliar e, simplesmente, os Estados Unidos, atendendo ao bom senso, foi para a mesa de negociação e negociou aquilo que eles tinham que fazer.

Ora, isso é o papel que o Brasil, neste século XXI, pode jogar, para ajudar aqueles que são mais pobres do que o Brasil, que têm menos tecnologia do que o Brasil, a chegarem ao mesmo patamar de conhecimento científico e tecnológico que o Brasil tem, na área da agricultura.

E eu acho que é motivo de orgulho para nós... Eu, que viajo muito o mundo, é motivo de orgulho para nós a gente poder dizer que tem uma empresa da qualidade da Embrapa, é motivo de orgulho. E é muito mais motivo de orgulho a gente saber, Pedro, que no Ministério, na discussão que nós fizemos sobre inovação, e inovação tecnológica, nós chegamos a pensar em criar uma Embrapa para o setor industrial. Uma Embrapa, algo que pensasse o surgimento... você não vai plantar uma empresa, mas vai implantar, ou seja, você vai criar produtos. E, aí, nós precisaríamos de um centro de formação de pesquisadores na qualidade da Embrapa.

E eu acho que isso é uma tarefa já para o próximo governo, porque eu não vou criar mais nada. Agora, eu tenho que terminar o que já começamos a fazer, afinal de contas, falta pouco tempo para terminar o mandato.

Nós estamos fazendo, agora, uma experiência de universidade aberta com Moçambique. Eu, talvez até a Copa do Mundo, que eu tenho que ir a cinco



países africanos, e tem a visita de Estado na África do Sul, para ver a Copa do Mundo, eu vou só ao jogo final. Não é prepotência de que o Brasil vai estar na final, mas eu vou, porque, como o Brasil vai sediar a Copa do Mundo em 2014, nós temos que trazer [o equivalente a] a nossa tocha olímpica da África do Sul para o Brasil.

Mas, talvez a gente passe em Moçambique, para a gente fazer a aula inaugural da nossa universidade aberta, que se isso der certo, se isso der certo, é a possibilidade de o Brasil, em parcerias de universidades nossas, de centros de pesquisas nossos, com centros de pesquisas deles, a gente montar, com todos os países africanos de língua portuguesa, universidades abertas, com aulas presenciais, possivelmente uma vez a cada 15 dias ou a cada 30 dias. Se a gente conseguir fazer isso, nós estaremos fazendo uma pequena revolução neste país, porque, também, a TV pública vai começar a transmitir programa para Moçambique, nos próximos dias. E, aos poucos, a gente vai não apenas reconhecendo a relação que nós tínhamos que ter com a África, mas o reconhecimento do papel que o Brasil tem que ter com a África. Eu, agora mesmo, não sei, esses dias, se eu vou a Cabo Verde, numa reunião que tem, de um conjunto de presidentes, e eu acho, Pedro, que esse é um papel que a gente pode fazer.

Uma outra coisa importante: é preciso parar... eu fiquei feliz de a Embrapa Pesca pelo menos ensinar esse pescador a pescar uma tilapiazinha. Mas eu acho que, aos poucos, a gente vai provando... Fiquei feliz, Pedro, que você trouxe para a Embrapa, para o Conselho da Embrapa, alguém do MDA, porque é o trabalho prático que vai diferenciar a ideologização da agricultura empresarial da agricultura familiar. Eu sempre disse que não tem antagonismo, ou seja, o que eu disse é que tem que ter dois ministérios, um Ministério só não pode representar, porque os interesses são, eu diria, quase que diferentes, um cidadão que tem 20 mil hectares e um cidadão que tem cinco hectares. Quem tentou fazer cooperativa juntando todo mundo percebeu que não dá certo. É



preciso a gente trabalhar em cada área.

E é isso que nós queremos fazer com os nossos parceiros na América do Sul. Eu descobri que um país do tamanho da Venezuela não era autossuficiente em alimentos, quase tudo era importado dos Estados Unidos, quase tudo era importado da Colômbia, e hoje uma grande parte é importada do Brasil. E um país só será soberano de verdade quando ele for capaz de garantir alimentação básica para o seu povo.

E, portanto, se nós tivemos capacidade de criar uma Embrapa, nós temos que ter mais capacidade de utilizar a Embrapa para fazer que outros países cheguem onde nós estamos.

Por isso, meus queridos pesquisadores, funcionários da Embrapa, meus parabéns, que a Embrapa continue crescendo, continue fazendo revolução neste país e que a gente possa continuar tendo orgulho da nossa querida Embrapa.

Muito obrigado. Boa sorte.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Pronunciamento à nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em cadeia nacional de rádio e TV, por ocasião do Dia do Trabalhador

Companheiras trabalhadoras e companheiros trabalhadores,

Esta é a última vez que falo com vocês como Presidente para comemorar o nosso dia, o Dia do Trabalhador.

E falo como sempre falei nos últimos sete anos: olhando nos olhos de cada um de vocês e trazendo, mais uma vez, boas notícias.

No dia 1º de Maio, graças a Deus, temos comemorado, ano após ano do meu governo, o aumento do emprego, da massa salarial, do salário mínimo, do crédito e do poder de compra do trabalhador.

Temos comemorado também o crescimento vigoroso da economia e a clara retomada dos investimentos.

E temos celebrado o fato de que o Brasil construiu uma democracia sólida e firmou um modelo de desenvolvimento baseado no crescimento sustentado, na distribuição de renda e na diminuição da desigualdade entre as pessoas e entre as regiões.

Hoje temos orgulho do nosso país e somos respeitados pelo mundo.

Companheiras e companheiros,

Daqui a oito meses, deixarei a Presidência da República, cargo para o qual fui eleito duas vezes, pelo voto de milhões de brasileiros.

Olhando para o calendário, meu período de governo está chegando ao fim.

Mas algo me diz que este modelo de governo está apenas começando. Algo me diz fortemente em meu coração que este modelo vai prosperar. Sabe por quê?



Porque este modelo não me pertence: pertence a vocês, pertence ao povo brasileiro, que saberá defendê-lo e aprofundá-lo, com trabalho honesto e decisões corretas.

Nesses últimos anos, o povo aprendeu a confiar em si mesmo. Aprendeu a não dar ouvidos aos derrotistas e à turma do contra; aos que diziam que o Brasil tinha que se contentar com um crescimento medíocre; aos que pregavam o conformismo diante da exclusão social e da injustiça.

A experiência do meu governo mostrou o contrário. O Brasil tem todas as condições de crescer a taxas robustas, na casa dos 5% ao ano e, assim, converter-se em uma das maiores economias do mundo.

Basta manter um rumo claro e seguro, não perdendo de vista nunca que a inclusão social é o grande motor do desenvolvimento econômico. Só reduzindo a pobreza, continuando a retirar da miséria milhões de brasileiros, consolidaremos um amplo mercado interno de massas, capaz de estimular e sustentar um longo período de crescimento econômico.

Porque não pode existir um país rico com um povo pobre. Não pode haver um país forte com um povo miserável. Só é rico o país que descobre que o povo é sua maior riqueza. Só é forte a nação que se constrói mobilizando a energia, os sonhos e as esperanças de sua gente.

Este é o caminho que o Brasil aprendeu a trilhar nesses últimos anos. Estou seguro de que nada ou ninguém será capaz de nos afastar desse rumo.

Minhas amigas e meus amigos,

Hoje, estamos vivendo uma era de firme retomada do crescimento econômico. Posso dizer com orgulho que o Brasil deixou para trás as décadas de estagnação. Nem a crise financeira internacional, a mais grave das últimas décadas, foi capaz de nos deter. Já retomamos com vigor o caminho do desenvolvimento econômico.



Estamos vivendo também uma era de retomada do emprego e do trabalho. A taxa de desocupação caiu fortemente nos últimos anos, de 12,3%, em 2003, para 7,2%, hoje.

Em sete anos, o Brasil gerou mais de 12 milhões de empregos com carteira assinada. E, neste primeiro trimestre, mais 650 mil novos postos de trabalho formais, um recorde absoluto. Já se prevê que o país vai gerar mais de dois milhões de empregos neste ano, o que seria a melhor marca da nossa história.

O Brasil não tem apenas criado empregos. Tem também criado empregos melhores. Em fevereiro deste ano, 50,7% dos trabalhadores tinham carteira assinada. Um salto e tanto em relação a 2003, quando essa percentagem era de 43,5%.

Os salários também aumentaram no período. O salário mínimo, graças a um aumento real de 74% ao longo do governo, é o mais alto dos últimos 40 anos. A massa salarial como um todo cresceu 42% no mesmo período, em termos reais.

Também estamos vivendo uma era de fortíssima inclusão social, graças ao Bolsa Família e a muitos outros programas do governo.

Nos últimos sete anos, 31 milhões de brasileiros entraram na classe média e 24 milhões saíram da linha da miséria. Deixamos de ser um país majoritariamente pobre. Hoje, as classes A, B e C formam quase 70% da população.

Tudo isso está fazendo a roda da economia girar de forma sustentada. Como há mais gente consumindo, o comércio vende mais e aí tem de encomendar mais da indústria, que tem de investir mais e contratar mais trabalhadores, em um círculo virtuoso, que impulsiona o país e seu povo para frente.

Minhas amigas e meus amigos,



Quando um país como o Brasil realiza algumas conquistas sempre esperadas, abrem-se, imediatamente, novos desafios para o dia de amanhã. Mais que nunca, o Brasil está preparado para o futuro. Mas é preciso que a gente continue tomando as decisões certas, nas horas certas.

É isso que temos feito nos nossos projetos de longo e médio prazo, como o PAC-2 e o Pré-Sal.

Logo, logo começaremos a explorar as gigantescas reservas de petróleo descobertas pela Petrobrás no pré-sal.

Seus recursos não devem ser gastos em bobagens ou no custeio de despesas correntes. Por lei, serão aplicados, obrigatoriamente, em educação, saúde, ciência e tecnologia, cultura e meio ambiente.

Temos em mãos um passaporte para o futuro, e não podemos desperdiçar essa chance.

Temos pela frente grandes oportunidades: a realização da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016, gerando investimentos, emprego e renda. Estou seguro de que o Brasil mostrará ao mundo, mais uma vez, sua competência, criatividade e capacidade de trabalho.

O Brasil é um país sem limites para crescer. Não apenas porque tem grandes riquezas naturais. Mas principalmente porque tem um povo generoso, forte e criativo. Um povo maduro que sabe escolher, que trabalha duro e não desperdiça oportunidades. Um povo que soube trazer nosso país até aqui e que saberá continuar conduzindo nosso Brasil no rumo certo.

Muito obrigado, e boa noite.

(\$213)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de posse das diretorias da Anfavea e do Sinfavea

São Paulo-SP, 30 de abril de 2010

Eu quero cumprimentar o governador Alberto Goldman, e, cumprimentando o Goldman, considerar cumprimentados todos os companheiros que compõem a Mesa,

Cumprimentar todos os companheiros que tomaram posse na Anfavea e no Sinfavea,

Cumprimentar, especialmente, um companheiro que chegou atrasado, mas que não foi citado, que é o companheiro Nobre, presidente dos metalúrgicos do ABC, que está aí. Se ele tivesse chegado cedo, teria vindo para a Mesa. Chegou tarde, perdeu o seu lugar.

Bem, eu penso que a minha Assessoria, desta vez, não combinou com o Miguel Jorge porque ele citou os números que eu deveria citar aqui. Bem, agora, eu penso, companheiros e companheiras, que nós estamos vivendo um momento importante na história do nosso país e com um processo de renovação, não apenas tecnológico, mas uma renovação biológica, porque do meu tempo de sindicalismo, das primeiras greves de [19]78 na indústria automobilística, só tem aqui o Schouer, da Mercedes Benz, e o Mauro Marcondes que, na época, estava na Volkswagen, e eu não sei se o André Bier está aí também, da General Motors. São os três remanescentes dos bons tempos em que eu era o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Já faz, praticamente, 32 anos, e nesses 32 anos muita coisa mudou neste país, muita coisa mudou neste país, dentre as quais a indústria automobilística. Mudou e mudou para melhor. A economia brasileira já não depende hoje única e exclusivamente da indústria automobilística, como nós



dependíamos nos anos 80. Houve uma diversificação da industrialização do país, outros setores estão investindo e crescendo, o setor de serviços cresce de forma extraordinária no Brasil. Mas a indústria automobilística, pela sua dimensão de cadeia produtiva, continua sendo um dos setores mais importantes do nosso PIB industrial.

Portanto, o Presidente da República não poderia deixar de estar aqui na posse do companheiro Belini e na despedida do companheiro Schneider. Certamente, há 30 anos, nós não nos trataríamos de companheiros, certamente. Certamente... bom, eu nem teria sido convidado para a posse. O Nobre estar aqui já é um avanço democrático importante e, certamente, na posse dele vocês foram convidados e lá foram tratados como ele foi tratado aqui, com respeito. No meu tempo não era possível ainda nós sermos tão civilizados como estamos sendo agora.

Mas o que é importante é que parte da construção dessa relação civilizada foi o aprendizado dos tempos dos grandes movimentos sindicais do país. Eu acho que aquilo colocou todos nós em pé de igualdade para que nós começássemos a pensar o Brasil do futuro. E hoje nós estamos aqui dando posse a uma Diretoria que, certamente, é a Diretoria que toma posse no melhor momento da indústria automobilística brasileira, no melhor momento. No momento em que muitos acreditavam que a indústria automobilística iria sucumbir porque as matrizes sucumbiram nos seus países de origem, a indústria automobilística brasileira passa a virar uma referência para que as matrizes comecem a aprender com as suas filiais brasileiras o que fazer para não cometer o mesmo desastre que aconteceu nos países de origem. Eu acho que é o criador aprendendo com a figura que foi criada.

Hoje, pelo Brasil afora, não tem uma indústria automobilística de que a gente participe de inauguração que não reconheça que o trabalhador brasileiro hoje é o trabalhador que tem mais capacidade de aprendizado, o trabalhador que fica qualificado com maior rapidez e o trabalhador que tem mais



criatividade. Eu tenho ouvido de todos os presidentes de indústrias no Brasil e tenho ouvido de todos os dirigentes das indústrias brasileiras no exterior. Veja a diferença: nos anos 80, um dos argumentos que se utilizava para dizer que não vinha mais indústria automobilística para o Brasil era a desconfiança na capacidade do trabalhador brasileiro. Portanto, houve uma mudança extraordinária.

Mas, mais importante do que isso, mais importante do que isso é que a indústria automobilística brasileira tem, no mercado interno brasileiro, uma base muito sólida para que os Presidentes da Anfavea e do Sinfavea digam aqui que no primeiro trimestre nós já estamos passando países como a Alemanha na produção de automóveis. Quem é que imaginava que o Brasil, pelo menos por um trimestre ou por um quadrimestre, fosse ser o quarto país produtor de automóveis do mundo? Em sua consciência, nem eu e nem vocês acreditavam nisso.

E qual foi a mágica que aconteceu? Qual foi a mágica que aconteceu? Primeiro, o aumento do poder aquisitivo do povo brasileiro, a elevação de ascensão social de quase 30 milhões de brasileiros, que saíram das classes D e E e foram para a classe C. Segundo, a indústria automobilística, em muitas conversas com o governo federal, ela entendeu que era preciso que nós criássemos novos mecanismos de financiamento para que o povo brasileiro pudesse ter acesso ao automóvel. Todo mundo sabia e todo mundo sabe que o automóvel, depois das nossas mulheres, é a segunda paixão da nossa vida. Se no meu tempo, se no meu tempo a gente tinha paixão por um Gordini, por um Fuscão... É verdade, era Gordini, era Itamaraty, era Belina, era... depois o Fiat.

Você não sabe, Belini, como eu fiquei importante quando eu comprei, em 1979 – eu não podia comprar um carro no ABC porque nós tínhamos acabado com a greve, e os trabalhadores achavam que eu tinha sido traidor da classe operária porque tinha proposto para eles voltarem ao trabalho com um acordo que não era o que eles queriam –, eu comprei um Fiat 147, 147, paguei



em 14 prestações, e foi o carro mais chique que eu tive durante um bom tempo. Foi um avanço sair do Fusquinha, que tinha um banco curto, para um 147, com aquele banquinho mixuruca, reclinável. Mas foi um avanço, foi a ascensão da classe operária, foi a ascensão de um metalúrgico.

Então, eu penso que essa relação, que era uma relação de antagonismo, de desconfiança, passou a ser uma relação de compreensão. Vocês não sabem, mas depois desse Fusquinha, o outro carro que eu comprei foi um carro que pertenceu ao André Bier, um Opala cinza, banco de couro. Aí eu estava chique mesmo! Aí, se eu tivesse sido escolhido “Homem do Ano” pela revista *Time* naquele ano, eu teria, quem sabe, comprado um zero quilômetro da GM ou eles teriam me dado de presente.

O dado concreto é que esse momento que o Brasil está vivendo é obra de um conjunto de fatores que eu acho que tem muito a ver com a atuação dos governos nos mais diferentes níveis, tem a ver com o comportamento de vocês. Eu posso dizer aqui e testemunhar o papel importante que o companheiro Schneider teve nas nossas negociações, nas negociações com os trabalhadores para garantir que a cada política que nós tomássemos decisão era preciso garantir o emprego dos trabalhadores, que era a contrapartida. E isso tudo só foi possível por uma relação de confiança, coisa que durante muito tempo prejudicou o nosso país.

Vocês, certamente, viajam muito o mundo e vocês sabem que em nenhum momento da nossa história o Brasil acumulou a credibilidade que o Brasil tem hoje. Possivelmente, alguns de vocês tivessem vergonha, uns anos atrás, de dizer que eram brasileiros, em uma rodinha em que estivessem conversando sobre o Brasil, porque se falava muito de prostituição, se falava muito de tráfico de droga, se falava muito de violência, se falava muito de futebol, se falava muito de Carnaval. E alguns ainda pensavam que a capital do Brasil era Buenos Aires. É verdade, vocês sabem que isso é verdade. E vocês sabem que hoje, quem viaja para fora, tem orgulho de mostrar o passaporte do



Brasil e tem motivo de orgulho de dizer que é brasileiro. Porque hoje nós somos levados em conta é no debate econômico, é no debate ambiental, é no debate da seriedade de cuidar da economia do país. É só olhar os países que eram modelo de sapiência para o mundo alguns anos atrás e ver o que aconteceu com eles na crise. É só perceber que os bancos que sabiam tudo quando a crise era no Brasil, quando a crise era no México, quando a crise era na Rússia, quando a crise era na Bolívia, não sabiam nada quando a crise era dentro do seu próprio banco. Eles se preocupavam mais em olhar os outros do que em olhar para si mesmos.

É por isso que agora nós estamos brigando no G-20 para que a gente faça com que o sistema financeiro compreenda, de uma vez por todas, que ele é muito importante se ele existir para servir o setor produtivo, para financiar a produção de uma peça, de uma roupa, de um papel, e não para ficar especulando no mercado futuro, como fizeram em 2008 com a soja e com o petróleo.

Eu penso que nós aprendemos essa lição, e a minha preocupação é que alguns companheiros do G-20, na medida em que a crise começou a diminuir o seu grande impacto, comecem a achar que não precisa mudar nada. Quando nós discutimos acabar com os paraísos fiscais, sabe qual é a dificuldade, Goldman? É porque eles não querem que a gente trate a Suíça como um país que é um paraíso fiscal, mas querem tratar o Uruguai, querem tratar as Bahamas. As pessoas ainda não se deram conta de que nós não podemos continuar tratando a economia e o sistema financeiro como a gente tratou até agora. É preciso que haja mudanças. E é muito engraçado, porque todo mundo deseja as mudanças, todo mundo. Não tem um presidente, individualmente, que não deseje a mudança. Mas quando tem que se tomar posição, essas posições não são tomadas.

O Brasil fala isso de cátedra, porque se tem um país que tem um sistema financeiro moderno é o Brasil. Se tem um país em o que o sistema



financeiro não alavanca mais do que aquilo que é possível, é o Brasil. Portanto, nesse ramo nós temos *expertise* e queremos exportar para que países importantes do mundo não fiquem brigando entre si durante 40 dias e fazendo com que a crise da Grécia seja pior do que deveria ser, que se espalhe para a Espanha, para Portugal, para a Itália.

Eu, já em duas reuniões do G-20, Belini, que eu peço que o ideal seria que cada presidente começasse a falar dizendo como é que está o seu país, porque para a gente poder ter autoridade de fazer uma proposta para os outros países, era importante que cada um dissesse “O meu país está assim, o sistema financeiro está assim, a política industrial está assim, o emprego está assim”, para que a gente pudesse, a partir de um quadro real apresentado pelos presidentes, a gente pudesse, sem se intrometer na política de cada país, tomar uma decisão que pudesse balizar cada um de nós. Quem é que vai controlar o sistema financeiro? Basileia servia para controlar os países pobres, mas Basileia não serve para controlar os países ricos. O FMI servia para tratar da crise nos países pobres, mas não deu um palpite até agora na crise do *subprime* e na crise dos países ricos. O Banco Mundial, até agora, não tomou nenhuma atitude para financiar países que precisam de financiamento para sobreviver.

Ora, quando nós estivemos na reunião do G-20, na primeira, nós dizíamos que o problema sério era de crédito e que se nós quiséssemos recuperar a economia dos países, era preciso que os países ricos fizessem empréstimo aos países mais pobres para que eles pudessem ter crédito para continuar tocando a economia. Se todos os países tivessem seguido o que o Brasil fez, certamente essa crise já teria acabado há algum tempo. E a indústria automobilística foi testemunha dos passos que nós tomamos.

Eu lembro, Goldman, que quando eu tomei a decisão de comprar a Nossa Caixa, aqui em São Paulo, algumas pessoas diziam: “Ô Lula, você vai comprar a Nossa Caixa? Você vai herdar... Você não está vendo que o Serra é



candidato? Você vai comprar, vai fortalecer?” Eu dizia: eu não estou preocupado com as eleições de 2010. Eu estou preocupado é que este país precisa fortalecer o sistema financeiro público, com o Banco do Brasil, porque nós vamos entrar para financiar as coisas que os bancos não querem financiar. Quando nós resolvemos comprar 50% do Votorantim foi a mesma coisa, e por que é que nós tínhamos que comprar o Votorantim? Porque era o banco que tinha a maior carteira de carros usados neste país, e a gente precisava comprar. Nós liberamos 100 bilhões do compulsório para os bancos privados comprarem carteiras dos bancos pequenos, que não foram compradas. Foram os bancos públicos que compraram.

Portanto, eu acho que nós – e tudo, trabalhando juntos – fizemos com que hoje nós pudéssemos estar aqui, no mês de abril, no dia 30 de abril, dando posse ao Belini e comemorando este momento de ouro da indústria automobilística brasileira.

Quem não se lembra do programa Mais Alimentos? Quem não se lembra quando nós lançamos ele, exatamente em julho de 2008? Sabem quantos tratores já foram vendidos, (incompreensível)? Já foram vendidos, desde que o Plano foi criado, já foram vendidos 25 mil e 139 tratores; 10 mil resfriadores de leite, em apenas 18 meses. Agora, esse Programa, certamente, na próxima reunião que nós fizermos, nós vamos ter que discutir como a gente fazer uma renovação dos programas de incentivo, porque o pessoal quer mais. Vejam, o teto era de R\$ 100 mil, não é, Luciano Coutinho? Eu vi o Luciano aí sentado. O teto parece que era de R\$ 100 mil. Agora, o pessoal está ficando esperto e já quer um aumento de teto para R\$ 130 mil por agricultor. E abre-se a possibilidade de a gente fazer operações de compras coletivas, ou seja, um conjunto de pequenos produtores comprarem um conjunto de máquinas e fazerem uma dívida de até 500 mil.

O que eu tenho dito para vocês, ao longo do tempo, é o seguinte: nós não teremos dificuldade de fazer absolutamente nada nesse processo de



inovação de financiamento e de acessibilidade das pessoas aos produtos que nós fabricamos no Brasil, se tiver a boa proposta. Portanto, eu peço aos companheiros do Ministério do Desenvolvimento Agrário, ao Belini, agora, presidente da Anfavea e do Sinfavea, e a outros empresários do setor de tratores que comecem a discutir a possibilidade de a gente refazer o Programa, porque um programa que teve um sucesso como esse não pode parar no meio do caminho. Tem que continuar porque esse programa significa sucesso absoluto.

Da mesma forma que eu estou incomodado com os caminhões, (incompreensível), estou incomodado. Estou falando com o Miguel Jorge, falei com o Schneider várias vezes, tenho falado com o Guido Mantega, tenho falado com o Luciano Coutinho, tenho falado com todas as pessoas: o programa Pró-Caminhoneiro foi criado para vencer uma barreira que nós tínhamos, teórica e mais teórica, que o Sindicato apresentou para a indústria automobilística mais de 15 anos atrás, um programa de renovação da frota. Chegava-se a propor que o governo comprasse uma frota de carros a etanol para renovar. Depois discutiu-se quem é que ia comprar o carro velho, o caminhão velho. Nós paramos de discutir tudo isso. O carro velho, se o cidadão comprar um novo, ele faça o que quiser. Alguém vai tomar conta. O que não dá é para o governo querer dizer: só vou te vender um carro se você comprar um velho.

Pois bem, nós queremos que o motorista autônomo, aquele que tem apenas o seu caminhão, que ele tenha o direito de comprar um caminhão novo. E nós precisamos, Miguel Jorge, encontrar um jeito. Já foi encontrado... já chegamos perto. Hoje o microempresário já pode comprar. Mas ainda não estou contente porque eu quero que chegue ao companheiro motorista autônomo, que é a grande maioria, que eles possam comprar. Aí eu queria pedir, Miguel Jorge, que você, que o MDA, que o Belini começassem a discutir para ver o que falta fazer para que a gente garanta aos caminhoneiros



trocarem o caminhão. É o melhor jeito de renovar a frota.

Eu lembro que nós, quando fizemos a discussão de financiamento de geladeira, máquina de lavar roupa e fogão, nós tínhamos uma discussão imensa de fazer um programa de renovação de geladeira para que as pessoas comprassem geladeira nova com menos problemas ambientais, e começamos a discutir quem é que ia comprar a velha. Aí procuramos empresários, grandes empresários que têm siderúrgica, que trabalham com sucata, um trabalho desgraçado, e só tinha problema. Você imagine: para eu comprar uma geladeira eu tinha que levar primeiro, na loja, a minha velha. Onde a loja ia estocar aquela geladeira velha? Na verdade, todo mundo gosta de comprar uma nova e se tiver um espacinho fica com a velha lá para colocar umas “Skolzinhas” a mais. A vida é assim, a vida é dura, e as pessoas, de vez em quando, precisam... Depois de três meses, a gente brigando como fazer, como fazer, resolvemos simplesmente facilitar a venda. O que aconteceu? Nós batemos recorde de venda de geladeira, de venda de máquina, porque a máquina de lavar roupa é a independência da mulher. Não tem nada que dê mais independência. As mulheres compraram... A loja Luiza, a mulher... A Luiza participa do Conselho conosco, ela falava: “Presidente, o senhor não sabe o que é máquina que a gente vende, Presidente”. Nós não encontramos quem fosse ficar com a sucata, mas resolvemos o problema de vender máquina, vender geladeira, vender fogão e gerar emprego neste país.

Então, como nós não estamos mais naquela de ficar procurando quem vai ficar com o caminhão velho do China – sempre terá alguém que vá utilizar o caminhão dele, sempre terá –, nós vamos renovar na hora em que a gente criar as condições. Então eu queria pedir, Belini, que você colocasse como uma das primeiras tarefas tuas, afinal de contas vai ser a minha última participação numa posse do Sindicato da indústria automobilística como Presidente da República. A última, porque daqui a dois anos eu serei ex-presidente, e você sabe que no Brasil ex-político, nem vento bate nas costas.



Então, eu espero que, eu espero que daqui a dois anos vocês estejam muito melhor... É de três anos o mandato? Daqui a três anos, também não estarei aí, aí é que estarei mais esquecido ainda. Três anos mais velho, sem mandato, é o fim!

Então, eu queria dizer para vocês que eu torço, Belini, eu torço de coração que a gente, nesses oito meses que faltam para terminar o meu mandato, que a gente possa trabalhar para deixar para quem vier depois de mim um país mais preparado, mais arejado.

Vocês viram que ontem houve um aumento da taxa de juros e, certamente, nós temos companheiros que só se manifestam politicamente no dia da reunião do Copom. Pode ver, pode pegar a imprensa, que tem profissionais de falarem mal do Copom no dia seguinte.

Agora, veja, nós, nós atingimos um grau de maturidade neste país, de seriedade, que a gente não pode, por conta de uma eleição, afrouxar o controle da economia e deixar a coisa desandar, porque se a gente deixa a coisa desandar, a gente não controla mais. Como eu fui dirigente sindical no momento em que este país teve 80% de inflação, 40% de inflação ao mês, e eu sei o prejuízo que a inflação causa no bolso de um trabalhador que não pode ter uma conta remunerada... Eu lembro do tempo em que eu ia com a minha mulher no Macro, na Via Anchieta, comprar 100 latas de óleo, para não ser consumido pela inflação. Eu não quero isso.

Então, eu vou dizer uma coisa para vocês, alto e bom som, para quem pensa que nós vamos brincar com a economia: não há eleição que me faça jogar fora o que nós acumulamos nesse período, não há, não há eleição. O que nós acumulamos neste país é um patrimônio do povo brasileiro. Eu conheço épocas em que os dirigentes, pensando nas eleições, não fizeram a coisa correta. Poderia citar exemplos, poderia citar exemplos de momentos de ouro da economia que, por conta do medo de fazer as coisas certas, deixaram desandar, e depois não houve mais controle. Este que vos fala não vai permitir



que isso aconteça. Quem tiver que ganhar as eleições vai ganhar e vai receber um país arrumado, um país com credibilidade, para que ele possa fazer muito mais e melhor do que nós fizemos. É este país que nós não temos o direito de jogar fora, porque não foi fácil chegar onde nós chegamos. E nós temos que ser assim.

É bom falar isso, viu, Belini, numa festa da indústria automobilística, porque todo mundo sabe: a gente está dentro de um carro a 100[km] por hora, tem uma curva na frente, a gente sabe que se a gente não breca no tempo certo, na hora certa, e a gente deixar para breca no meio da curva, a gente pode não conseguir breca e a gente pode quebrar a cara.

Então, eu quero que vocês saibam que enquanto eu for o presidente da República deste país, até o dia 31 de dezembro de 2010, não haverá nada, absolutamente nada que me faça jogar um milímetro do que nós conquistamos juntos fora, porque o país está nessas boas condições porque nós conquistamos credibilidade, e credibilidade a gente conquista com seriedade. Acabou o tempo em que governante brasileiro achava que era bonito mentir, achava que era bonito dizer que ia assinar e não assinava, que ia fazer coisas e não cumpria. Acabou o tempo. Eu sou de um tempo, e aprendi isso nas greves do ABC, Belini: nenhum dirigente, seja ele empresarial, sindical ou político será respeitado, se ele não se respeitar. A condição *sine qua non* para a gente ser respeitado é vocês perceberem que eu me respeito. Se vocês perceberem que eu levo uma vida banalizada e que não me respeito, nenhum de vocês vai me respeitar. É assim que eu aprendi a fazer política, é assim que eu governei este país e é assim que este país pode, até 2016, se transformar na quinta economia do mundo. E eu espero que você esteja na Presidência do Sinfavea até lá.

Um abraço, gente. Boa sorte às novas Diretorias e que Deus nos abençoe.

(\$211A)